



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Artes

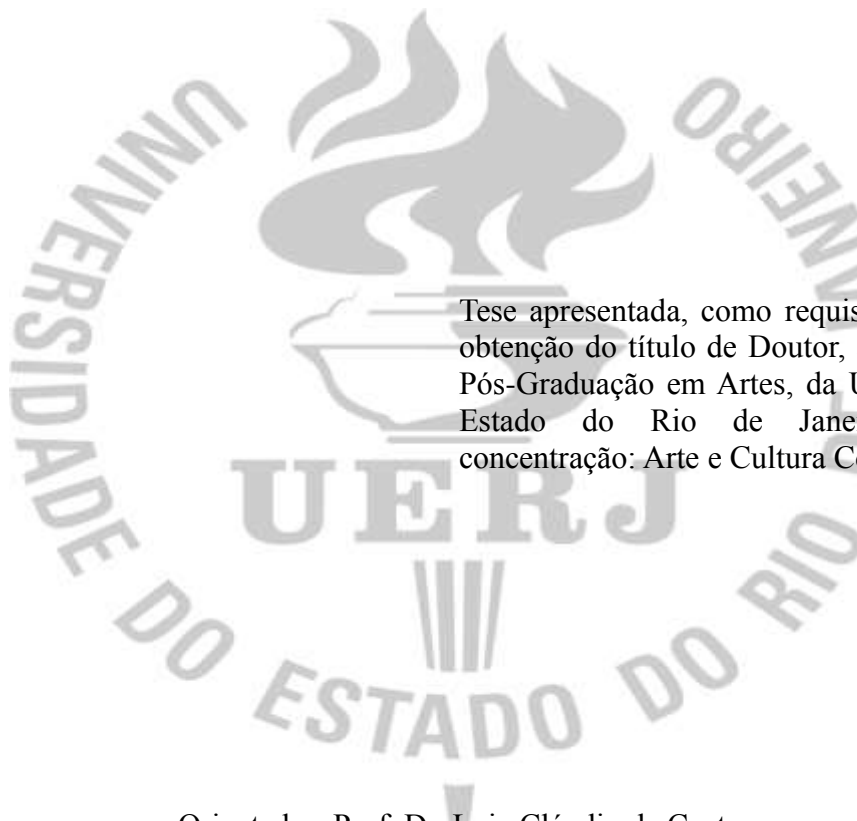
Francisco Valdean Alves dos Santos

Museu MIIM
um Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré

Rio de Janeiro
2023

Francisco Valdean Alves dos Santos

Museu MIIM
um Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio da Costa

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Francisco Valdean Alves dos.
Museu MIIM: um acervo histórico-poético das Imagens da Maré /
Francisco Valdean Alves dos Santos. – 2022.
211 f.: il.

Orientador : Luiz Cláudio da Costa.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de
Artes.

1. Fotografia - Teses. 2. Maré (Rio de Janeiro, RJ) - Teses. 3. Favelas –
Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 4. Museu da Imagem Itinerante da Maré (Rio de
Janeiro, RJ) – Teses. I. Costa, Luiz Cláudio da, 1961-. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 77.04(815.3)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Francisco Valdean Alves dos Santos

Museu MIIM
um Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 22 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Cláudio da Costa (Orientador)
Instituto de Artes – UERJ

Prof.^a Dra. Leila Danziger
Instituto de Artes – UERJ

Prof.^a Dra. Maria Luiza Fatorelli
Instituto de Artes – UERJ

Prof. Dr. Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof.^a Dra. Janaina Damaceno Gomes
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Rio de Janeiro

2023

Ao meu pai Sinesio, de quem ouvi as histórias populares mais fantásticas.

AGRADECIMENTOS

A minha amiga querida Miriam Ferreira, por ter sido no espaço de morada de sua família, na Vila do João, em um dia típico de festa na favela (churrasco na laje) que nasceu a ideia de criação do Museu MIIM.

Ao povo da Maré que acolheu de forma especial o MIIM. Nominalmente sou grato aos moradores: Clenia Arandidiba, Bhega Silva e Sara Alves, pessoas que demonstraram entusiasmo e apoio total ao projeto do museu desde os primeiros momentos que comecei circular com a caixa por ruas da Maré.

Agradeço aos agente culturais, educadores e lideranças religiosas da Maré que atuam em ONGs, igrejas, escolas, projetos sociais, que em algum momento acolheram o MIIM em seus espaços.

Ao povo de fora da Maré, que também, acolhe o MIIM, sou eternamente grato.

À Viviane, minha companheira, e à minha filha, Luiza, meus sinceros agradecimentos pela compreensão de minha ausência em algumas atividades familiares e domésticas ao longo do processo deste estudo.

A minha querida mãe Maria e minha sogra Eloiza, duas grandes entusiastas do projeto. Em memória, sou grato ao meu sogro José Batistas, que cedeu gentilmente seu arquivo fotográfico ao MIIM e que vibrava com uma instalação artística em seu bar na Vila do João, projeto que não foi possível realizar em vida.

Eu não teria conseguido circular com o projeto sem o apoio e entusiasmo dos muitos e muitas fotógrafas, fotógrafos e artistas da Maré: AF Rodrigues, Affonso Dalua, Amanda Baroni, Arthur Viana, Elisangela Leite, Jean Barreto, Naldinho Lourenço, Bruna Pierrou, Kamila Camillo, Patrick Mendes, veri vg, José Bismarck, Gabi Lino, Vitória Corrêia, Douglas Loppes, Jones, Vanessa Américo, Tatiana Altberger e Henrique Gomes. Estendo os agradecimentos aos artistas da música, teatro e artes visuais local. Pessoas importantes e que fazem a máquina da arte e da cultura girar na Maré.

Ao mestre Ripper, a quem, sou eternamente muito grato pelos ensinamentos técnico, estéticos e político da arte fotográfica.

Ao amigo desde a graduação, Wagner Maia, que acompanhou com atenção o desenvolvimento deste trabalho e vibra com os desdobramentos.

A todo o corpo docente que tive contato do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGartes-Uerj). Os retornos críticos de colegas de curso foram fundamentais para ajustes do projeto, também sou muito grato por isso.

Aos professores Luiz Cláudio da Costa, pelo apoio integral como orientador, e Marcos Albuquerque, meu orientador durante o mestrado, cuja atenção contínua tem sido fundamental em minha jornada acadêmica. À professora Leila Danziger, fonte de inspiração como professora e artista. À professora Malu Fatorelli, pelos comentários essenciais que contribuíram para o aprimoramento deste estudo. À professora Janaina Damaceno, pelos comentários críticos que marcaram de maneira definitiva a trajetória da pesquisa do MIIM. Agradeço imensamente pela atenção e acolhida sempre que necessitei.

RESUMO

SANTOS, Francisco Valdean Alves dos. *Museu MIIM: um Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré*. 2023. 211f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O Museu da Imagem Itinerante da Maré – MIIM é o foco deste estudo artístico, especialmente na apresentação e na reflexão sobre a Caixa 2 do projeto, um arquivo destinado à organização dos inventários das coleções fotográficas que compõem o Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, o acervo do museu-caixa. O MIIM é representado por uma caixa de papelão de 37cm de comprimento, 26cm de largura e 15cm de altura, na qual os elementos expográficos são organizados para exposição e acesso ao público. O museu-caixa consiste em dois gestos principais: o processo de curadoria das coleções de imagens da Maré e as Ações Poéticas, culturais e educativas realizadas em colaboração com instituições como escolas, igrejas, ONGs e eventos de rua nas favelas da Maré. As ações artísticas desenvolvidas neste estudo visam catalogar comunidades de imagens que representem a vida sociocultural das favelas da Maré e colocar essas imagens em contato com o público, ativando o imaginário dos visitantes do museu-caixa em relação à política das imagens do conjunto de favelas da Maré, o maior bairro favelado da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Inventário. Imaginário. Imagens da Maré. Maré. Museu MIIM. Fotografia.

Arte.

ABSTRACT

SANTOS, Francisco Valdean Alves dos. MIIM Museum: a historical-poetic collection of Maré's Images. 2023. 211f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The Museum of the Itinerant Image of Maré – MIIM is the focus of this artistic study, particularly in the presentation and reflection on Box 2 of the project, an archive intended for the organization of inventories of photographic collections that make up the historical-poetic collection of images of Maré, the museum-in-a-box collection. The MIIM is represented by a cardboard box measuring 37cm in length, 26cm in width, and 15cm in height, in which the exhibition elements are organized for public display and access. The museum-in-a-box consists of two main components: the curation process of the Maré image collections and the poetic, cultural, and educational actions carried out in collaboration with institutions such as schools, churches, NGOs, and street events in the favelas of Maré. The artistic actions developed in this study aim to catalog communities of images that represent the sociocultural life of the Maré favelas and bring these images into contact with the public, activating the imagination of visitors to the museum-in-a-box regarding the politics of images of the set of Maré favelas, the largest favela neighborhood in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Inventory. Imaginary. Images from Maré. Maré. MIIM Museum. Photography. Art.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	A CAIXA DO MUSEU MIIM	65
1.1	Sonho – o roubo das caixas do MIIM	67
1.2	A caixa como minha câmera metafórica	68
1.3	“Minha vó é um museu”	69
1.4	“A Maré fica dentro dessa caixa”	70
1.5	A caixa do MIIM me fez um <i>fotógrafo expandido</i>	73
1.6	A caixa e a fotografia	75
1.7	A fotografia e a caixa na arte	77
1.8	Componentes expográficos da caixa (2) do MIIM	79
1.8.1	Caixa I – Coleção "Imagens Monoculares"	80
1.8.2	Caixa II – Ensaio Fotoetnográfico "Coisas na Maré que lembram o MIIM"	83
1.8.3	Caixa III – Livretos Biografemas do MIIM	83
1.8.4	Caixa IV – “Fotobiografemas do MIIM”	92
1.8.5	Caixa V – "Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré"	92
1.8.6	Caixa VI – Exposição virtual “Maré na pandemia”	92
1.8.7	Caixa VII/VIII – Fotojornal Edições 2021/2022	93
1.8.8	Caixa IX – Folhas de Estudos do MIIM	93
1.8.9	Dispositivo Digital de Projeção	94
2	O MUSEU NA CAIXA – O PERCURSO INVENTIVO DO MIIM	96
2.1	“Isso é um museu?” “Isso é um museu!”	99
2.2	Sobre as caixas de sapatos – museus fotográficos particulares dos moradores da Maré	103
2.3	A caixa de sapatos de Clenia Arandiba	106
2.4	A caixa de sapatos de Rosângela Barbosa	111
2.5	A caixa de sapatos de José Batista	112
2.6	A caixa de sapatos de Bhega Silva	112
2.7	A caixa de sapatos de Sara Alves	113
2.8	Livro de folhas dos biografemas do MIIM	115
3	AÇÕES POÉTICAS, EDUCATIVAS, CULTURAIS E ARTÍSTICAS	118

3.1	Ação poética “Imagens de Contato”	119
3.2	Acervo fotográfico MIIM	119
3.3	Exposições Virtuais	121
3.4	Catálogo da exposição coletiva “Maré na Pandemia”	122
3.5	Catálogo da exposição coletiva “Imagens da Maré: um pequeno inventario visual”	142
3.6	Fotojornal edição 1 – Exposição virtual “Imagens da Maré – Arte” Cultura”	158
3.7	Fotojornal edição 2 – “A cultura da Fotografia na Maré”	177
3.8	Ensaio Fotoetnográfico – “Coisas na Maré que lembram o MIIM”	187
3.9	Ensaio Fotoetnográfico – “Rascunho visual de uma performance incompleta”	195
3.10	Diário virtual – Inventário dos nomes de lugares por onde o Museu MIIM andou na Maré	201
	COMENTÁRIOS FINAIS	203
	REFERÊNCIAS	206

MUSEU DA IMAGEM

MIIM

ITINERANTE DA MARÉ

UM ACERVO HISTÓRICO-POÉTICO DAS IMAGENS DA MARÉ

INTRODUÇÃO



FOTOBIOGRAFEMA¹ DO MIIM (1) – CAIXA 2² DO MUSEU MIIM – AÇÃO “IMAGENS DE CONTATO³”, FESTA JUNINA DA IGREJA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES, MARÉ (IMAGEM 1)

O presente volume, composto por variados inventários fotográficos e fragmentos de textos, aborda o estudo artístico do Museu da Imagem Itinerante da Maré – MIIM, um processo de pesquisa que reflete sobre problemas das imagens produzidas com foco neste bairro popular formado por 16 favelas. O estudo foi desenvolvido entre

¹ Fotobiografema é um neologismo cunhado para denominar um ensaio fotográfico que conta a trajetória do Museu MIIM. O ensaio completo e uma descrição mais ampla podem ser lidos a partir da página 23 deste volume no box “Livro de Fotobiografemas do MIIM”.

² A Caixa 2 do MIIM foi produzida e apresentada na banca de doutorado como parte integrante da tese deste estudo. Naquele mês de março de 2023 também estavam em andamento os trabalhos das caixas 3, 4, 5, 6, 7 e 8

³ “Imagens de contato” é uma Ação Poética desenvolvida no contexto da pesquisa do MIIM. Trata-se de uma performance na qual o museu na caixa é disponibilizado para o público, que pode interagir com a obra por meio da mediação do artista.

os anos de 2019 e 2023 e aborda temas como museu, arte, fotografia, memória e favela, apresentando uma proposta de museu gestado no contexto da pesquisa em arte que opera com a poética da itinerância. O MIIM é simbolizado por uma caixa de papelão, com dimensões de 37 cm de comprimento, 26 cm de largura e 15 cm de altura. As caixas do projeto museológico são organizadas em série, cada uma com um modelo específico de projeto expográfico, de modo que as coleções de imagens e textos de cada caixa do museu abordam questões relacionadas à política das imagens nas favelas da Maré, o maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

A expografia da Caixa 2 do MIIM, foco deste volume do estudo, é fortemente centrada na imagem fotográfica. As reflexões do processo de pesquisa para a constituição do Museu MIIM derivam dos inventários visuais sobre as favelas da Maré que venho articulando desde o início dos anos 2000. A pesquisa concentra-se em questões intrínsecas à fotografia, especialmente naquela que chamamos de fotografia popular, uma modalidade da linguagem fotográfica que vem sendo desenvolvida na Maré a partir dos esforços do fotógrafo João Roberto Ripper e de suas atuações nestas favelas, primeiro como fotógrafo e depois como fundador do projeto Imagens do Povo⁴.

O estudo tem como ponto de partida a minha prática como fotógrafo popular atuante nessas favelas desde 2004, ano em que ingressei na Escola de Fotógrafos Populares, um projeto social local fundado por Ripper e implementado numa parceria entre o fotógrafo e a OCIP Observatório de Favelas, instituição cultural de atuação na Maré e com relevância amplamente reconhecida por diferentes segmentos da sociedade. A pesquisa do MIIM se desenvolve a partir dos meus interesses fotográficos relacionados à vida sociocultural das favelas da Maré e aos problemas que as imagens abordam, debatem e refletem.

Os elementos textuais e visuais estão organizados nas subdivisões denominadas “introdução”, “parte 1”, “parte 2”, “parte 3” e “comentários finais”. A introdução se divide em: “Eu, Colecionador, Fotógrafo e Narrador das Imagens da Maré”, “Livro Fotobiografema do MIIM”, “Livro de Folhas de Estudos do MIIM”, “Sobre as caixas do MIIM”, “Sobre a escrita da palavra MIIM” e “Sobre a escolha das cores do MIIM”. O objetivo da introdução é fornecer uma descrição das condições subjetivas e objetivas que levaram à síntese inventiva do museu fotográfico operado em uma caixa de papelão.

⁴ Disponível em: www.imagensdopovo.org.br.

Na parte 1, “A caixa do Museu MIIM”, são tratadas questões referentes ao uso da caixa como objeto símbolo do museu-caixa. Abordo o procedimento de troca de minha câmera fotográfica pela caixa, objeto que passa a funcionar como a minha câmera metafórica. Os itens textuais e visuais buscam apresentar e refletir sobre o processo dos usos da caixa por ruas da Maré, as devolutivas dos visitantes que acessaram o trabalho e minha relação intensa com a pesquisa que aqui é abordada a partir de um sonho que tive com as caixas do MIIM, que se multiplicaram e ganharam formas e tecnologias diversas de transmissão de imagens (Folha de estudos 10, apresentada na página 56). Nesta etapa também reflito sobre as ligações do objeto caixa, a fotografia e a arte, e abordo o tema “Componentes expográficos da caixa (2) do MIIM”, trabalho artístico que é parte deste volume e no qual apresento o layout da caixa tema deste estudo e como ela é disponibilizada ao público. A caixa tem várias funções na pesquisa: é o objeto poético ativador de imaginários e organizador dos inventários fotográficos articulados pelo estudo. Ao apresentar as imagens, através das Ações Poéticas, a caixa aumenta sua coleção e, com isso, novos acervos fotográficos surgem e são incorporados ao inventário.

Na parte 2, intitulada “O Museu na Caixa – O processo de invenção do MIIM”, abordo os desdobramentos do uso do objeto caixa e as trocas de experiências com os moradores nas Ações Poéticas públicas, mas também reflito sobre o processo solitário da pesquisa de ir em busca das formas como os moradores guardam seus acervos fotográficos. Por este percurso do estudo, pude acessar um grupo de moradores da Maré que se tornaram interlocutores importantes para a pesquisa. Durante essas interações, tive acesso a diversas caixas contendo imagens dos acervos privados das famílias mareenses, verdadeiros tesouros fotográficos guardados em caixas de sapato. Essa parte do volume concentra-se na ideia das “caixas de sapato” como museus fotográficos particulares que guardam um rico acervo visual, por meio do qual é possível contar histórias e memórias produzidas pelos próprios moradores dessas favelas.

Na parte 3 do volume, intitulada “Ações poéticas, educativas e culturais”, descrevo e reflito sobre as ações executadas no território das favelas onde a caixa foi objeto ativador de imaginários sobre as coleções fotográficas inventariadas a partir do meu próprio arquivo fotográfico, documentos visuais acessados nas caixas de sapato dos moradores e em acervos de instituições que detêm memórias visuais sobre a Maré em seus bancos de dados. Nesta etapa também falo dos processos artísticos criados no contexto da pesquisa a partir das interações com o público. Descrevo a “Ação Poética

Imagens de Contato” e o “Acervo fotográfico do MIIM”, que conta com três mil imagens. Apresento, ainda, os catálogos das exposições virtuais desenvolvidas no contexto da pandemia de COVID-19. Aqui também é abordada a auto publicação “Fotojornal do MIIM”. Nesta fase, apresento dois ensaios fotoetnográficos que desenvolvi e estão correlacionados com o museu-caixa, bem como o diário que descreve visualmente por onde o MIIM andou nas favelas da Maré.

Eu, colecionador, fotógrafo e narrador das Imagens da Maré

Colecionar imagens ouvidas em histórias narradas e fotografar como forma de contar experiências vividas são gestos que me acompanham desde que cheguei na Maré, em 1994. Os atos de colecionar, fotografar e narrar são gestos fundantes do artista mareense⁵ que me tornei. Comecei colecionando imagens das memórias contadas pelos meus vizinhos nas várias rodas de conversas a que tive acesso. O passo seguinte: fotografar para narrar minhas próprias experiências nesta favela. Ao fotografar colecionava cenas. O filósofo Walter Benjamin (1987), ao falar do colecionador, define o ato como: “Assim, a existência do colecionador é uma tenção dialética entre os polos da ordem e da desordem”. Esse argumento de Benjamin é encontrado no texto “Desempacotando minha biblioteca”, onde defende que o impulso mais enraizado no colecionador é o da renovação do mundo velho, ato realizado ao adquirir algo novo. Com o meu ato de fotografar buscava renovar velhas imagens já conhecidas sobre a Maré.

Em relação ao gesto do narrador, Benjamin afirma: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (1987, p. 201). Narrar a Maré através das imagens parte, principalmente, de minhas experiências pessoais, falo em minhas imagens de um universo social contextualizado dentro desta favela, mas principalmente, é o universo próximo a mim.

Entre minha chegada na Maré e o meu efetivo convívio social demorou bastante. Suponho que os meus gestos como colecionador e fotógrafo foram definitivos para me estabelecer na vida social local. No estudo etnográfico, base de meu primeiro livro “Imagens da Maré – Narrações fotográficas da favela”, elaboro uma reflexão sobre a

⁵ O termo “mareense” aparece fortemente em publicações do jornal O Cidadão. Um editorial do jornal afirma: “O termo mareense foi inventado pelo jornal na ideia de fazer com que os moradores se afirmassem como parte da favela”.

minha chegada na Maré e o percurso até ser aceito no convívio social local. Destaco um trecho da reflexão sobre o uso da fotografia na minha entrada no convívio social da Maré:

Suponho que, no meu caso, a fotografia foi um elemento de fundamental importância para minha entrada e o trânsito nas redes sociais da Maré, tanto naqueles primeiros momentos, com o grupo da minha rua, quanto na atualidade, com os grupos culturais e políticos diversos (SANTOS, 2022, p. 43).

Tive que aprender a transitar na vida social, assim me tornei um mareense. Tal como um etnógrafo, precisei me inserir na vida cultural local. Após esse processo passei a ter acesso às rodas de conversas e aos demais espaços sociais, quando passei a ouvir com frequência as memórias com as imagens do tempo das palafitas, os relatos sobre os mitos do lugar⁶ e as lembrança de brincadeiras realizadas pelos narradores às margens das águas da Baía de Guanabara. Regiões das favelas Baixa do Sapateiro e Nova Holanda eram circundadas por águas, paisagem que permaneceu até 1980, e são até os dias atuais muito vivas nas memórias locais. Nas rodas de conversas se narrava sobre imagens de um lugar que não mais existia na paisagem da Maré dos anos 1990, década em que cheguei. De certo modo, aquelas narrações que eu ouvia me reconectavam com as minhas origens no povoado de Cachoeira Grande, no oeste do estado do Ceará, de onde vinha. No povoado, as narrações orais praticadas nas rodas de conversas estão na base da minha formação cultural e da relação afetiva com a minha origem. Encontrar esse rito na Maré me reconectava com minhas origens nordestinas e reforçava os laços criados na favela Baixa do Sapateiro. Leandro Pimentel (2014), ao debater o papel do colecionador, destaca um trecho do “Livro das Passagens” em que Benjamin diz: “A arte de colecionar é uma forma prática de lembrar, e, de todas as manifestações profanas da ‘proximidade’, a mais convincente”.

As memórias dos moradores da Maré são os meus primeiros exercícios de uma experiência *etnográfica orgânica*⁷, e, através dessa experiência como ouvinte, reúno a minha primeira coleção de imagens do lugar, um inventário de memórias narradas. Além de ouvir, eu tinha vontade de ver aquelas imagens descritas nas memórias locais. Meus interlocutores nunca narraram sobre a possibilidade da existência dessas imagens

⁶ Ver “Livro de contos e lendas da Maré”, publicação do Museu da Maré. Disponível em: https://issuu.com/museudamare/docs/livro_contoselendasdamare.

⁷ “Etnógrafo orgânico” aqui tem o mesmo sentido aplicado por Antonio Gramsci no conceito de “intelectual orgânico”.

em filmes e em fotografias, mas eu suspeitava que elas existiam e que estavam guardadas em arquivos. No contexto das narrações, vale destacar um trecho em que Benjamim discorre sobre o narrador:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIM, 1987, p. 198).

No princípio dos anos 2000 eu ingressei no ensino médio no Colégio Estadual Bahia e, no meio desse processo, cursei a Escola de Fotógrafos Populares⁸, duas experiências formativas que me levam para o ato de colecionar de forma sistematizada, meu ingresso no ensino médio e na EFP alteraram os rumos do meu gesto de colecionador, fotógrafo e narrador das Imagens da Maré. Após concluir a formação nestas duas experiências me interessei por vídeos com imagens históricas da Maré. O primeiro vídeo acessado continha imagens das palafitas (série “Coisas do Brasil”, da Rede Globo, 1979). As imagens foram produzidas no contexto de implementação do Projeto Rio, ação do governo da Guanabara que erradicou as moradias em palafitas na Maré. A paisagem das palafitas foi vastamente documentada pelo fotojornalismo, principalmente na segunda metade da década de 1970, fase final dessa forma de moradia na favela Baixa do Sapateiro. Quando soube da existência do vídeo arquivado em uma instituição da Maré que vinha atuando no campo da memória local, meu objetivo ao acessar o vídeo era bem direto, queria mostrar aos moradores que existiam registros fílmicos com imagens que tanto ouvi serem relatadas nas rodas de conversas. Minha ideia: distribuir as imagens através de uma plataforma recém-criada, o YouTube⁹. A princípio, o diálogo com representantes da instituição não foi muito animador, eles se mostravam pouco interessados por plataformas como o YouTube e os blogs, espaços virtuais em que seria possível compartilhar o vídeo e ampliar o acesso ao material visual. A postura retrógrada de meus interlocutores sobre as plataformas me impediu de fazer a exibição imediata do vídeo. Esse material, apesar de ter sido o

⁸ Projeto de ensino em fotografia fundado por João Roberto Ripper e executado pelo Observatório de Favelas.

⁹ A plataforma de compartilhamento de vídeos foi fundada em 14 de fevereiro de 2005, em San Mateo, na Califórnia (EUA).

primeiro que acessei, acabou sendo um dos últimos da coleção de cinco vídeos a ser exibida ao público através de meu canal do YouTube¹⁰.

Tomei conhecimento da existência de um outro vídeo, feito na Maré pelo cineasta Sergio Péo¹¹. Ao fazer contato com o material bruto, acessei *flashes* de imagens tais como as relatadas pelas memórias de meus vizinhos: brincadeiras nas águas que banhavam a região, pipas e jogos de capoeira no fim de tarde. Consegui um encontro com o cineasta, que me doou o vídeo bruto com as imagens históricas feitas em 1981 no entorno de favelas como Nova Holanda, Baixa do Sapateiro e Morro do Timbau. Péo me autorizou a publicação de um corte de 10 minutos do vídeo em meu canal do YouTube¹², postagem feita em 22 de junho de 2007. O vídeo é a publicação primeira de meu canal e um dos primeiros conteúdo dessa natureza publicado na plataforma de vídeos com imagens da Maré. Muito rapidamente as imagens viralizaram entre os moradores, suponho que o vídeo circulou com facilidade por ter registros de imagens históricas e reconhecidas nas memórias narradas nas rodas de conversas. Na atualidade, o conteúdo conta com quase 30 mil visualizações e dezenas de comentários. A série de vídeos organizada nesta coleção é com frequência fonte primária em documentários, produções jornalísticas e trabalhos acadêmicos, principalmente em publicações que tratam de memórias. Em 2015 dei início a uma série¹³ de vídeos fictícios baseados nos comentários recolhidos em redes sociais sobre essas cenas de memórias. Nesta ação artística de vídeos curtos (entre um e três minutos) contei com a contribuição valiosa dos atores e atrizes da Cia Marginal¹⁴, que encenaram e deram vida aos fragmentos das memórias locais narradas. A roteirização e a direção foram executadas por mim e as filmagens e preparações dos atores e atrizes realizadas por Gê Vasconcelos, um importante diretor de cinema local. Por falta de apoio financeiro, o projeto ficou em apenas dois vídeos.

Ainda na empreitada de colecionador de vídeos com imagens históricas, tive acesso a outros dois vídeos realizados na favela Nova Holanda, com filmagens de 1994.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/@FranciscoValdean/videos>.

¹¹ Sérgio Péo (Sérgio Casemiro Jucá dos Santos) nasceu no Pará em 1947, e aos 12 anos se mudou para o Rio de Janeiro. É arquiteto/urbanista, cineasta, poeta e artista plástico. Estudou arquitetura e urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro e escolheu usar o cinema para retratar as condições de habitação e comportamento urbano na cidade. Seus filmes “Rocinha Brasil 77” e “Associação dos Moradores dos Guararapes” tratam destas questões. Biografia registrada no Arquivo Nacional.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Uu6SqWatwQ>.

¹³ “Sou do tempo em que (memórias narradas)”. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLZLZYzYBWNH6GVYfE7MgZLr_pzHrpqxAK.

¹⁴ A Cia Marginal é formada por jovens ativistas que procuram transformar a realidade que os cerca. No teatro, fazem da cena uma frente de ação coletiva e libertação pessoal.

O comunicador Dudu Azevedo foi o responsável pela produção da série de vídeos, uma espécie de jornais em vídeos realizados pelos moradores daquela favela com supervisão e orientação técnica de Azevedo. Consegui acesso aos vídeos e autorização para publicar dois cortes de até 10 minutos cada, o material foi publicado em meu canal do YouTube no dia 2 de setembro de 2009. Toda a série de vídeos com imagens históricas da Maré foi publicada no canal entre os anos de 2007 e 2009.

Ao mesmo tempo que me empenhava no ato de colecionar vídeos com imagens históricas, passei a publicar o blog “O Cotidiano – Escritas visuais de Francisco Valdean”,¹⁵ espaço que não atualizo desde 2019, mas mantenho no ar. No blog publicava pequenos textos (poesias, opiniões, crônicas, críticas, imagens fotográficas e vídeos), sempre guiado pelos gestos de colecionador, fotógrafo e narrador das Imagens da Maré.

Junto com o gesto de colecionador de vídeos e a escrita do blog “O Cotidiano”, entrei em outra frente de coleção, passando a reunir exemplares do jornal O Cidadão, publicado pela ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). O jornal, criado em 1999 como um instrumento de comunicação comunitária, era distribuído gratuitamente em todas as 16 favelas que formam o Conjunto de Favelas da Maré. Ao longo da história do lugar encontramos experiências de publicações de jornais em vários momentos, mas O Cidadão é um dos projetos mais bem-sucedidos e duradouros. A versão impressa do jornal circulou até 2016 — ao todo foram publicadas 62 edições —, atualmente O Cidadão segue sendo publicado em formato digital. A minha coleção de exemplares do jornal é bastante completa.

A artista Rosângela Rennó é conhecida pelo gesto poético de apropriar-se de imagens fotográficas. Ela coleciona fotos abandonadas em arquivos públicos, privados e feiras populares, e considera-se uma fotógrafa que não fotografa por acreditar que o mundo tem imagens em excesso. Corroboro com o gesto crítico de Rennó quanto ao excesso de imagens despejadas no mundo. Ao inventariar as Imagens da Maré procuro agir politicamente e criticamente no excesso de imagens. Por esta razão me jogo no pântano das imagens para recortar, selecionar e gerar coleções de imagens que interessam para o meu gesto de narrador. Mas, ao contrário de Rennó, não renuncio ao ato de fotografar, de pôr no mundo novas imagens. Penso que assim posso agir politicamente, colocando no mundo fotos que renovam o mundo velho das imagens que

¹⁵ Disponível em: <http://www.ocotidiano.com.br/>.

narram e solidificam histórias únicas sobre as favelas da Maré. As ações de colecionar, fotografar e narrar são gestos de afeto que contam uma história que é minha — mas, também, imagino narrar histórias da coletividade à qual pertencço. Sobre o ato de fotografar convém citar um trecho do livro “O imaginário segundo a natureza” no qual o fotógrafo Henri Cartier-Bresson cunha a seguinte frase: “Deve-se sempre fotografar com o maior respeito ao objeto e a si mesmo” (2016, p. 12).



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (1) – REGISTRO DA EXPOSIÇÃO “COMPOSIÇÕES POLÍTICAS: OUTRAS HISTÓRIAS DO RIO DE JANEIRO, CENTRO CULTURAL HÉLIO OITICICA, 2016 (IMAGEM 2)

A imagem anterior é um registro de uma coleção de 500 fotografias que recolhi no site Google Imagens. Elas foram acessadas através de buscas por cinco palavras-chave: “Favela da Maré”, “Complexo da Maré”, “Bairro Maré”, “Conjunto de Favelas da Maré” e “Comunidade da Maré”. Este trabalho foi apresentado na exposição “Composições Políticas: outras histórias do Rio de Janeiro”, exibida no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica de 2 de abril a 21 de maio de 2016.

Livro *Fotobiografemas*¹⁶ do MIIM

Assim, a imagem por natureza afirma-se como sensação, ela provoca espontaneamente nossa crença na existência de seu objeto (Sartre, 2015, p.227).

Fotobiografema é um neologismo cunhado para a organização de uma comunidade de imagens que narram visualmente a trajetória do Museu MIIM. Para abrir o estudo, recorro um *fotobiografema*¹⁷ específico, por considerá-lo uma boa chave de leitura para todo o ensaio. Em 17 de outubro de 2019 estive numa roda¹⁸ de conversa com crianças da Maré, alunos do EDI Professora Cleia Santos de Oliveira, na Nova Holanda¹⁹.

Naquela Ação Poética partilhei com a criançada da Nova Holanda a caixa do museu, imagens e histórias locais acionadas pelas fotografias inventariadas e organizadas no objeto. Cheguei na escola, que fica na Rua Sargento Silva Nunes, por volta das 9h. Fui recebido pela equipe que trabalha com a professora Luciene Andrade, educadora que me fez o convite em nome da instituição de ensino. Em seguida começamos as atividades com a criançada. A ação planejada para aquele dia precisou ser ajustada, era a primeira vez que apresentava o Museu MIIM para um público de crianças tão pequenas. Na primeira sala em que entro falei um pouco do meu trabalho e apresentei a caixa aos pequenos e pequenas, falei das minhas intenções artísticas ao andar por ruas da Maré com uma caixa e disse a eles que dentro dela tinha muitas imagens e histórias sobre um lugar chamado Maré. Após essa apresentação geral perguntei se eles sabiam onde ficava esse lugar. Uma menina levantou o braço e disse: “A Maré fica dentro dessa caixa”. Esse fragmento espontâneo de palavras executadas pela menina é um dos *biografemas do MIIM*. Reelaboro essa ideia tomando como referência o escritor Roland Barthes, que definiu o *biografema* como sendo traço de um

¹⁶ *Fotobiografema*: neologismo que junta “fotografia” com o termo “biografema”, cunhado por Roland Barthes (1979). No sentido aqui apropriado tem a ideia de contar a existência do MIIM em um ensaio fotográfico.

¹⁷ Folha de Estudos do MIIM (2).

¹⁸ Uma fotobiografia é uma foto que carrega consigo a mistura da escrita linear e da escrita da luz (foto) e o sentido de ser montada com esse emaranhado. Tem por finalidade contar a partir de fragmentos uma história mais completa.

¹⁹ Do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Cleia Santos de Oliveira, na Nova Holanda.

infrasaber. Os *biografemas*, no contexto que proponho aqui, são infrasaberes do Museu MIIM.

O ensaio de *fotobiografemas* que apresentarei a partir daqui tem por objetivo descrever (contar) a história do Museu MIIM, um museu inventado e que tem uma caixa como objeto poético acionador de imaginários obre as favelas da Maré. Busco com o presente ensaio fazer uma etnologia do MIIM nos termos elaborado por Roland Barthes (1979, p. 31), que diz: “Como a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) — ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão —, ela fornece de imediato esses ‘detalhes’ que constituem o próprio material do saber etnológico”.

O ensaio de *fotobiografemas* é, essencialmente, uma narrativa fragmentada das ações, dos encontros, e do percurso trilhado pelo MIIM desde sua invenção, no mês de agosto de 2019, até o presente momento. Trata-se de um registro feito coletivamente por vários olhares, e me coube o papel de costurá-los, compondo uma espécie de colcha de retalhos visuais. As *fotobiografias* foram produzidas por mim, por vezes dirigidas e executadas, a meu pedido, por colegas (fotógrafos/fotógrafas populares) e por pessoas que em algum momento acessaram as ações que fiz com o museu e foram provocados (ou espontaneamente decidiram) a registrar a experiência em uma fotografia. Gentilmente, me doaram seus olhares, exibidos a partir daqui como proposta de uma etnografia do Museu MIIM.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: LUCIANE ANDRADE (IMAGEM

3)

Ação Poética realizada em 17 de outubro de 2019 no EDI Professora Cleia Santos de Oliveira – Nova Holanda, Maré.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: FRANCISCO VALDEAN

(IMAGEM 4)

Caixa 1 do MIIM adesivada, os monóculos de Dona Dora²⁰, fotografias impressas em papel 10 por 15 cm do álbum da caixa de sapatos da família de José Batista. Imagetivamente, essa é a fotografia fundante do Museu MIIM, é com ela que o museu passa a existir na virtualidade e no imaginário da Maré. O acervo, inicialmente, foi composto por quatro monóculos doados por Dona Dora e um álbum fotográfico da

²⁰ A coleção “Imagens Monoculares” foi iniciada com monóculos emprestados por Dona Dora, moradora da Vila do João.

família de José Batista. Dora e José são moradores da favela Vila do João. Todas as fotografias de álbuns de família que acessei nesta pesquisa tem são impressões em papel fotográfico tamanho 10 por 15 cm.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 5)

Os visitantes da primeira **Ação Poética**²¹ do Museu MIIM, realizada no churrasco de minha amiga Miriam Ferreira – Vila dos Pinheiros, Maré (10/8/2019). Foi a primeira apresentação em público realizado com o MIIM, que inicialmente contava apenas com a coleção “Imagens monoculares”.

²¹ No início da pesquisa, esse tipo de exposição não tinha um nome específico. Foi somente com o amadurecimento da experiência que passei a chamá-la de Ação Poética. Mais adiante, durante o curso da pesquisa, o nome da ação foi reelaborado e passou a ser chamado de 'Ação Poética Imagens de Contato'.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO SELFIE: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 6)

Encontro de apresentação do Museu MIIM para colegas do PPGArtes UERJ (Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), realizado na Maré, sede do Observatório de Favelas. Em sentido horário: Amelia Sampaio, professor orientador Luiz Claudio Costa, Tato Teixeira e Karla Gama. Neste mesmo dia lancei o MIIM em uma postagem no meu perfil do Facebook²².

²² Folha de Estudos (3) - Com o conteúdo da postagem de lançamento.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 7)

A jornalista e pesquisadora de literatura Miriane Peregrino no Museu MIIM em 23 de agosto de 2019. Após essa visita ela escreveu a matéria “O *Genial* Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM) É o Mais Novo dos Incríveis Museus da Favela da Maré²³”, publicada no site RioOnWatch em 27 de agosto de 2019. O texto viralizou por meio de páginas locais, levando muitas instituições da Maré a procurarem o MIIM para apresentações, especialmente em escolas públicas da região.

²³ Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=42730>. Acesso em: 13/01/2023.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 8)

Em 31 de agosto de 2019 o fotógrafo Evandro Teixeira visitou a Maré, ocasião em que o apresentei à coleção de monóculos do Museu MIIM. Na imagem acima registro o momento em que Teixeira vê uma fotografia de 1975 (um jogo de futebol em um campo alagado na região das Palafitas). O fotógrafo esteve na Maré naquele ano fazendo coberturas da favela no contexto de seu trabalho como fotojornalista do Jornal do Brasil.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: DANIEL REMILIK (IMAGEM 9)

Ação Poética em 4 de setembro de 2019, durante encontro com a equipe de professoras/es do EDI Medalhista Olímpico Éder Francis Carbonera. O encontro foi realizado na sede da Redes da Maré e articulado pelo conselheiro tutelar Daniel Remilik.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTOS: VIVIANE OLIVEIRA (IMAGENS 10 E 11)

Apresentação do Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré para Seu José Batista²⁴ José foi um dos moradores das Palafitas da Baixa do Sapateiro²⁵ nos anos 1980, região removida para a Vila do João.

²⁴ O acervo do MIIM posteriormente passou a se chamar “Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré”.

²⁵ A Baixa do Sapateiro foi a segunda favela a surgir na paisagem da Maré, por volta de 1955.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 12)

Ação poética realizada em 14 de setembro de 2019 no bar de minha mãe, Maria, na Baixa do Sapateiro. A moradora Clenia Arendiba, juntamente com outros moradores desta localidade, visita o Museu MIIM, instalado naquele dia. Clenia foi uma das visitas mais atenciosas, conversamos sobre as imagens e sobre todo o ritual histórico-poético que eu buscava conseguir através do museu na caixa. Após a visita, ela me disse que gostaria de fazer uma doação para o acervo, procedimento que se concretizou meses depois, com a doação de dez álbuns fotográficos.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AUTORIA NÃO CONHECIDA
(IMAGEM 13)

Ação Poética em 23 de setembro de 2019, quando apresentei o Museu MIIM na Semana de Artes da Escola Ginásio Olímpíada Rio 2016 – Nova Holanda, Maré.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: ALBERTO ALEIXO (IMAGEM 14)

Ação Poética e Bhega Silva em visita ao acervo do Museu MIIM. Nosso encontro ocorreu de forma espontânea na Rua Teixeira Ribeiro, na Nova Holanda. Eu andava com o MIIM nesta favela quando o encontrei e ali mesmo fiz uma apresentação para ele. Bhega é um dos mais importantes artistas populares da Maré, criador do projeto Cineminha no Beco²⁶ e ativista ambiental.

²⁶ Projeto de exibição de filmes em todas as favelas da Maré.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AUTORIA NÃO CONHECIDA
(IMAGEM 15)

Ação Poética em 25 de setembro de 2019. Apresentação do Museu MIIM na escola CIEP Gustavo Capanema – Vila dos Pinheiros, Maré²⁷.

²⁷ Folha de Estudos do MIIM (4).



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: PAMELA PASSOS (IMAGEM 16)

Ação Poética em 15 de novembro de 2019. Apresentação do Museu MIIM para alunas, alunos e professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), no Maracanã.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: NATHALIA MENEZES (IMAGEM 17)

Ação Poética em 21 de outubro de 2019. Apresentação do Museu MIIM no curso Lugar das Imagens – Imagens do Povo, Observatório de Favelas, Maré.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: ANTONIO DOURADO (IMAGEM 18)

Ação Poética em 18 de novembro de 2019. Apresentação do Museu MIIM para alunos, alunas e professores do colégio CEFET/RJ de Nova Iguaçu.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AUTORIA NÃO CONHECIDA
(IMAGEM 19)

Ação Poética em 24 de outubro de 2019. Apresentação do Museu MIIM no espaço da Biblioteca Lima Barreto – Nova Holanda, Maré.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AMANDA DE PAULA (IMAGEM 20)

Instalação do Museu MIIM com curadoria de alunos do Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, na Maré. Os estudantes conheceram o Museu MIIM através de uma Ação Poética que realizei para todas as turmas da escola. Após esse contato, um grupo de alunos realizou a curadoria de um recorte de imagens da coleção “Imagens



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AMANDA DE PAULA (IMAGEM 21)

Monoculares”. O trabalho foi apresentado na exposição coletiva “Maré de Cultura”, mostra realizada pelo Museu Nacional em parceria com o colégio. A instalação ficou aberta ao público entre os dias 5 e 9 de novembro de 2019.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AUTORIA NÃO CONHECIDA
(IMAGEM 22)

Ação Poética em 2 de novembro de 2019. Apresentação do Museu MIIM no espaço de artes Bela Maré – Nova Holanda.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: NYL DE SOUZA (IMAGEM 23)

Ação Poética em 16 de novembro de 2019. Apresentação do Museu MIIM em atividades de artes no espaço Bela Maré.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: AUTORIA NÃO CONHECIDA
(IMAGEM 24)

Ação Poética em 4 de dezembro de 2019. Apresentação do Museu MIIM no Escuta Festival I – IMS-Rio. Fui convidado pela equipe do Escuta Festival para realizar uma pesquisa no acervo de imagens do Instituto Moreira Salles (IMS) e apresentá-la utilizando a poética do MIIM. Concentrei minha pesquisa em imagens de favelas no acervo do IMS e cheguei em um grupo de imagens do fotógrafo Henri Ballot sobre a Mangueira. Para a ação desocupeí o acervo do MIIM com as Imagens da Maré e surgiu, assim, o MIIM Mangueira: Museu da Imagem Itinerante da Mangueira²⁸.

²⁸ Folha de Estudo do MIIM (5).



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: VITÓRIA CORRÊIA, JULHO DE 2022 (IMAGEM 25)

Na Ação Poética “Imagens de Contatos”, que realizei por ruas da Maré ao longo de 2022, busco explorar a emoção, a contemplação, a reflexão, a memória e as histórias sobre as imagens da Maré. Destaco duas dessas apresentações: na tradicional festa junina da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes²⁹ e no Pontilhão³⁰. À frente neste estudo exponho com mais detalhes essa ação e alguns de seus desdobramentos.

²⁹ A Igreja Nossa Senhora dos Navegantes fica na Rua Luís Ferreira, a primeira rua da Maré.

³⁰ O Pontilhão é um viaduto que fica entre as favelas Morro do Timbau e Vila dos Pinheiros. É uma espécie de Viaduto de Madureira, onde acontecem variadas atividades culturais.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: CHRIS JONES (IMAGEM 26)

Ação Poética “A rua é o museu do mundo”, inspirada na frase “O museu é o mundo”, de Hélio Oiticica. Ao longo de 2022 executei três edições dessa ação: no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica; no festival de fotografia Paraty em Foco — entre os dias 24 e 26 de setembro expus a ação por ruas da cidade no “Paraty em Foco Paralelo”³¹; e no Espaço Tropicalpão, no Catete, Zona Sul do Rio de Janeiro.

³¹ Ações realizadas em Paraty durante o festival e que não estão na lista oficial.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO SELFIE: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 27)

Feira de Fotografia Popular do MIIM, edição “Lavrado Literário”, na Feira do Lavradio, em 5 de novembro de 2022. A feira nasceu de forma orgânica no “Paraty em Foco”, em setembro de 2022. Também realizamos edições no festival de fotografia “Fotorio” e na festa “Minerva Literária”, da Faculdade de Letras da UFRJ.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 28)

Feira de Fotografia Popular do MIIM, edição 2022 do Festival ZUM, Instituto Moreira Salles, São Paulo.

Livro Folhas de Estudos do MIIM

As folhas de estudos surgem nesta etapa da pesquisa por um desejo de encontrar uma forma nova de registrar dados sobre o tema “Imagens da Maré”, meu objeto de estudo desde o mestrado. Neste sentido, parece-me que a descrição elaborada por Goldman ao tratar da coleta de dados etnográficos em Ilhéus apresenta os indícios dos sentidos e usos aqui pretendidos com as folhas de estudos do MIIM:

Num registro menos acadêmico, sempre imaginei que as técnicas de trabalho de campo que utilizei em Ilhéus se assemelhavam muito ao que se denomina, no candomblé, “catar folha”: alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunindo (“catando”) pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as “folhas”) com a esperança de que, em algum momento, uma síntese plausível se realizará (GOLDMAN, 2003, p. 455).

A pesquisa do MIIM abriu novas perspectivas na forma como tenho investigado o tema “Imagens da Maré”, objeto de estudo desde o meu mestrado. As folhas se consolidam na dinâmica do estudo como resultado da renúncia ao tradicional caderno de campo, comumente recomendado nos manuais de pesquisa, e por ser uma forma que dialoga bem com o próprio contexto do museu-caixa.

Passei a registrar em folhas soltas uma variedade de conteúdo, incluindo colagens de imagens, observações sobre Ações Poéticas na Maré, encontros com o orientador, reflexões sobre textos, impressões de aulas, conversas sobre a pesquisa do MIIM, e até mesmo um sonho em que o museu foi roubado.

As folhas produzidas constituem um diário “autoetnográfico”, termo em referência ao livro “A África fantasma”, a “autoetnografia” realizada por Leiris na missão museológico-etnográfica francesa de Dacar a Djibuti em 1931 (FOSTER, 2017, p. 173). A etnografia é um método de pesquisa adotado pela antropologia desde a publicação do livro “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1922), de Malinowski (1884-1942), obra decisiva para o uso aprimorado da etnografia em estudos antropológicos.

Este volume conta com um recorte, uma edição de 35 folhas de estudos, sendo 13 delas apresentadas como um bloco no presente box e as outras 22 distribuídas ao longo do texto.

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (2) – LANÇAMENTO DO MUSEU NO FACEBOOK (IMAGENS 29 A 33)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

LANÇAMENTO DO MIIM EM UM POST DO FACEBOOK



Francisco Valdean

18 de ago. de 2019 · 🌐

Post de lançamento virtual do MIIM - Museu da Imagem Itinerante da Maré.

Nos últimos meses venho trabalhando numa ideia artística que enfim agora começa a ir para a pista. Praças, ruas da Maré e da cidade do Rio de Janeiro.... [Ver mais](#)



👍❤️ 112 34 comentários 9 compartilhamentos

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (3) – TEXTO DE LANÇAMENTO DO MUSEU NO FACEBOOK (IMAGEM 34)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

TEXTO COMPLETO DO POST LANÇAMENTO NO FACEBOOK

Post de lançamento virtual do MIIM - Museu da Imagem Itinerante da Maré

Nos últimos meses, venho trabalhando numa ideia artística que enfim agora começa a ir para a pista. Praças, ruas da Maré e da cidade do Rio de Janeiro.

O MIIM é um museu diferente, não tem endereço, é um museu ambulante. Para ser mais específico funciona em uma caixinha de papelão do tamanho de uma caixa de sapatos.

O museu MIIM é parte integrante de minha pesquisa de doutorado. Mas é também fruto de uma vontade antiga que tenho de criar um dispositivo que permita apresentar a Maré e conversar sobre as imagens da região, com os próprios moradores, mas também poder apresentar para a cidade outras imagens que narram a cultura, a vida cotidiana e política do maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro. A experiência de visitar o museu MIIM e poder mergulhar em imagens em monóculos, em negativos e álbuns. É um mergulho na história da região.

Se você é da Maré ou se interesse por esta bela região da cidade mais cedo ou mais tarde o MIIM chegará até vc! E bateremos um bom papo sobre as imagens, as histórias e memórias da região. Neste post lançamento compartilho algumas apresentações em público do museu e algumas pessoas que já visitaram as exposições do minimuseu.

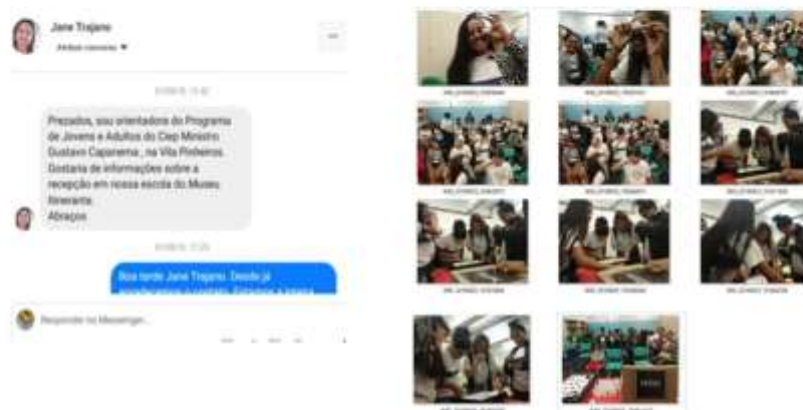
O museu está de portas abertas para receber contribuições de imagens.

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (4) – (IMAGENS 35 A 45)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

AÇÃO POÉTICA REALIZADA NO CIEP GUSTAVO CAPANEMA, VILA DOS PINHEIROS, MARÉ
- 25.09.2019

A ação poética do Museu MIIM no Ciep Gustavo Capanema teve início com uma mensagem enviada pela professora Jane Trajano para a página do Facebook do MIIM.



Na escola, fiz a apresentação do museu no dia 25 de setembro, durante o período noturno. O Ciep está localizado na favela Vila dos Pinheiros e a ação foi direcionada a 150 alunos daquela unidade escolar.

Após apresentar aos alunos a caixa do MIIM, no meio da sala, um garoto pede para falar e diz: "Minha avó é um museu". Perguntei-lhe o motivo dessa afirmação. O jovem respondeu que sua avó é como um museu porque conta "boas histórias" e guarda suas fotografias em uma caixa de sapatos. Naquele momento, percebi que estava diante de uma questão fundamental para o projeto de pesquisa do museu na caixa, e me lancei em uma hipótese: a existência de centenas de museus fotográficos, com imagens da Maré guardadas em caixas de sapatos nas casas da Maré.

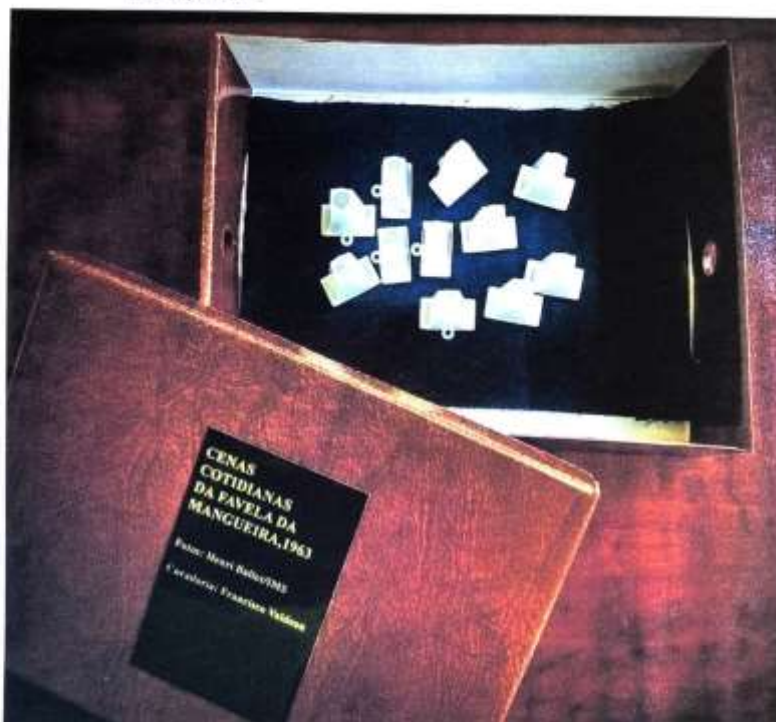
FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (5) – (IMAGENS 46 A 56)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

ANOTAÇÃO MANUSCRITA - 20.12.19

TRABALHO DE TRANSFORMAÇÃO DO MIIM
NA REDE NA MIM MANGUEIRA

1. EM 22.11.19 RECEBO CONVITE PARA o ESCUTA FESTIVAL-IMS-0 TRABALHO DURANTE 30 DIAS TRABALHANDO NO ARQUIVO DO IMS POR IMAGENS DE FAVELAS, ACHO 202 FTS DE FAVELAS DE SP, DF E RIO. RESCATO A PÉSSIMA PARA IMAGENS DO RIO, QUÊSAJ 69 FOTOS DE HENRI BALLOT, FICO COM 30 FOTOS DO AUTOR FEITAS NA MANGUEIRA EM 1963.
2. APRESENTO o TRABALHO NA MESA COM OS ARTISTAS: LUCAS URUBAH E PÂMELA CASTRO COM MEDIAÇÃO DE ANA LUIZA DE ABREU.



MIIM MANGUEIRA



Fotos: HENRI BALLOT
(MANGUEIRA, 1963)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (6) – (IMAGENS 57 E 58)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

ANIVERSARIANTE – CAIXA DE SAPATOS DE JOSÉ BATISTA – 09.09.2019



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (7) – (IMAGENS 59 A 66)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

CAIXA DE SAPATOS DA ROSÂNGELA - ANOTAÇÃO MANUSCRITA - 21.03.2020

O ARQUIVO FOTOGRÁFICO DE ROSÂNGELA BARBOSA
OBTIVE ACESSO TEM 3500 FOTOGRAFIAS. OS TEMAS QUE
INTERESSAM O OLHAR DE ROSÂNGELA: PAISAGENS, FUTEBOL,
BRINCADEIRAS, TRABALHO, FÉ, EDUCAÇÃO, PESCADORES
E VIOLÊNCIAS.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (8) – (IMAGEM 67)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

CONVERSA COM ORIENTADOR - ANOTAÇÃO
MANUSCRITA - 30.06.2020CONVERSA COM O ORIENTADOR
LUIZ CLÁUDIOTEMA INICIAL DA CONVERSA:
"MUSEU DE ARTISTA"

VER OS ARTISTAS:

- DUCHAMP
- ANDY WARHOL
- FRED WILSON
(MIDANDO O MUSEU)
- FLUXOS
- ARTUR BARRO

VER OS LIVROS:

- HAL FOSTER
(O RETORNO DO AÔR)
- PETER BURGER
(TEORIA DA URGÊNCIA)
- DOUGLAS CRIMP
(SOBRE AS RUÍNAS
DO MUSEU)
- JOHN BERGER
(MODOS DE VER)

VER O MUSEU DE ARTE
MODERNA DO BROODTHAERS

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (9) – (IMAGENS 68 E 69)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

VISITANDO A CAIXA DE SAPATOS DO BHEGA - 30.10.2021



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (10) – (IMAGEM 70)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

ANOTAÇÃO MANUSCRITA - 24.09.2022

HOJE SONHEI COM O MIIM, NO SONHO
O MUSEU FOI ROUBADO!

TUDO ACONTECEU ASSIM: INSTALEI O MIIM
EM UMA RUA (NÃO RECONHEÇO O LUGAR).
O NEGÓCIO TINHA GANHO A COMPLEXIDADE
DE UM DESFILE DE UMA ESCOLA DE SAMBA
NO SAMBÓDROMO!

TINHA CAIXA CÂMARA ESCURA, CAIXAS COM
EXIBIÇÃO DE FOTOS, CAIXAS QUE EXIBIAM TEXTOS,
CAIXAS QUE IMPRIMIA QUALQUER IMAGEM
IMAGINADA. TINHA UMA CAIXA-DONDE QUE
FOTOGRAFAVA E FILMAVA TUDO, ESSA
CAIXA PARECIA TER AUTONOMIA PRÓPRIA,
NÃO PRECISAVA DE COMANDOS PARA
AGIR! COMIGO ESTAVAM VIVIANE E
LULU, AS DUAS DEIXARAM O LOCAL E
DEMOURARAM PARA VOLTAR, PREOCUPADO
FUI ATRAS DELAS. QUANDO VOLTAMOS
PARA A RUA O MIIM HAVIA SIDO
ROUBADO, NÃO SOBROU NADA!

ME INFORMARAM QUE AS PESSOAS
QUE VISITAVAM TINHAM LEVADO AS
CAIXAS. NÃO ME PREOCUPEI, O MIIM
PODE SER REPRODUZIDO FACILMENTE.
NESTE MOMENTO DO SONHO EU
ACORDEI.

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (11) – (IMAGEM 71)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

A RUA É O MUSEU DO MUNDO - AÇÃO POÉTICA EM PARCERIA COM O
CENTRO MUNICIPAL DE ARTE HÉLIO OITICICA - 21.09.2022



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (12) – (IMAGEM 72)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

CONVERSA COM ORIENTADOR - ANOTAÇÃO MANUSCRITA - 10.09.2022

A CAIXA NA ARTE

- SÉRIE FUNDOS (2001) - FOTOGRAFIA - ARTISTA LUCIA KOCH.

RESUMO

SÉRIE FOTOGRAFICA DE FUNDOS DE CAIXA.

- O OVO (1967) - LYCIA PAPE (1929-2004) SERVIR A ARTISTA NO INSTA

RESUMO

CAIXA COM PAREDE DE PLÁSTICO. A ARTISTA SAI DE DENTRO, ROMPENDO AS LATERAIS, COMO SE ESTIVERE NASCENDO DO OVO. LYCIA PERTENCE A GERAÇÃO DE CONCRETISTAS JUNTO COM LYCIA CLARK E HÉLIO OITICICA. PAPE TAMBÉM CRIA A CAIXA DAS FAMÍLIAS (1964), CAIXA DE BARATAS, CRÍTICA A ARTE MONTA QUE OCUPA AS PAREDES DOS MUSEUS, CAIXA BRASIL. FOTOGRAFIAS SOBRE CAMPIÓS. LYCIA FILMA E FOTOGRAFA AS PALAFRIM DA MARIÉ (ANOS 1970).

OBS

O ACHADO MAIS IMPORTANTE DESSA FOLHA: SABER QUE LYCIA PAPE FILMOU E FOTOGRAFOU AS PALAFRIM DA MARIÉ. ESSE TRABALHO É POUCO CONHECIDO DO PÚBLICO BRASILEIRO.

* FIZ CONTATO COM PAULA PAPE, FILHA DA LYCIA. FUI RESPONDIDO DE COMO PROCEDER, MAS ATÉ HOJE NUNCA CONSEGUI VER O MATERIAL SOBRE A MARIÉ.

*FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (13) – (IMAGEM 73)***FOLHA DE ESTUDO DO MIIM**

JORGE K - MUSEU FIOTIM

Jorge K é camelo e arteiro-viajante. Nasceu com os primeiros gritos da primavera. Ao vir ao mundo, não chorou. Simplesmente abriu os olhos e limitou-se a dizer: "eu vim pra inventar a roda!" Isso já existe, menino! - disse a mãe, sorridente. "Não do meu jeito!" - retrucou ele, enquanto partia o cordão umbilical com os dentes e já descendo da cama. Ao sair, virou-se para trás e profetizou: "Nada se cria, tudo se procria!" "Nunca mais foi visto por ali. Reapareceu em Macondo aos 12 anos, ganhando a vida com circo de pulgas. Saiu da lá tempos depois, no rastro de uma trupe de ciganos. Muitos anos, mas tarde, foi visto na Índia, vendendo raízes que curam o "mal de amor". Foi marinheiro na Austrália, onde escapou ileso e um ataque dos terríveis tubarões-tigre. Perdeu o rosto na China, quando inventava os maravilhosos fogos cor-de-rosa. Fez 18 operações plásticas - o que lhe permitiu esconder a idade. Vagou pelo mundo por décadas, como camelo de quinquilharias. Sumiu de novo. Ressurgiu agora em Brumadinho, disposto a apresentar ao mundo as extraordinárias peripécias de artistas universais e suas incríveis maquinações contemporâneas, reunidas no maior espetáculo da face da terra:

O inigualável FIOTIM A Oitava Maravilha do Mundo Contemporâneo.

Sobre a escolha e a confecção da caixa do MIIM

Inicialmente, ao projetar a primeira caixa do MIIM experimentei organizar o museu em uma caixa de sapatos. No entanto, o formato de paralelepípedo dessas caixas não oferecia boas opções para a organização expográfica necessária ao projeto, que demandava a disposição de muitos itens em um espaço reduzido. Portanto, a busca pela caixa adequada prosseguiu até que a opção ideal fosse encontrada.

O formato de caixa escolhido, uma caixa arquivo, foi decidido durante uma visita exploratória a uma papelaria, onde encontrei uma variedade de opções de caixas arquivo e caixas de presente. Optei por uma caixa arquivo e, ao testá-la, ela se mostrou ideal em todas as simulações expográficas realizadas.

Após a seleção da caixa adequada, o próximo passo foi trabalhar as aplicações gráficas, como logomarcas e textos, que compõem o projeto. Esse processo foi realizado por meio de adesivos, conferindo à caixa sua forma final, com características projetadas para o museu itinerante. Nessa versão da caixa utilizo a técnica de aplicação da marca com papel adesivo e plástico *contact*, garantindo durabilidade para a impressão jato de tinta e para o próprio equipamento, manuseado pelos visitantes.

Este estudo, conduzido entre os anos de 2019 e 2023, teve seu processo etnográfico desenvolvido por meio das caixas 1 e 2, sendo esta última apresentada como um trabalho artístico que compõe este volume de textos e imagens.

Sobre a escrita da palavra “MIIM”

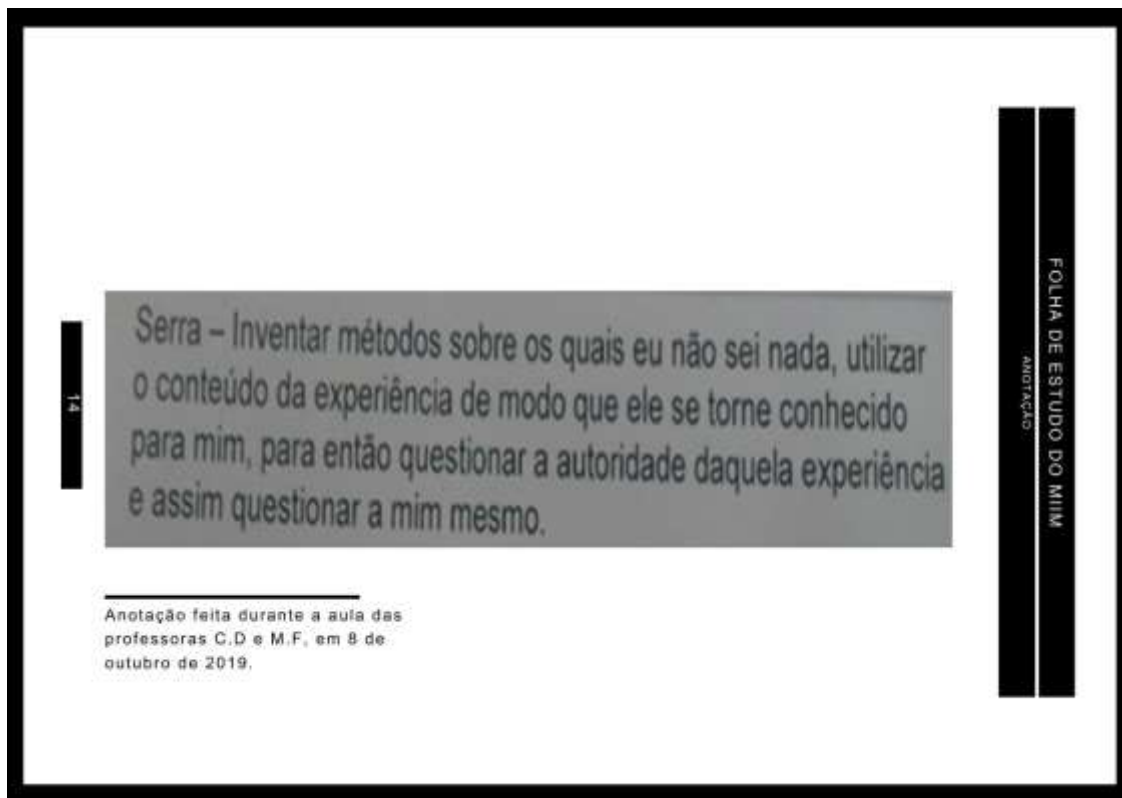
Após definir o modelo de caixa a ser utilizado na pesquisa, chegou o momento de criar a identidade visual do MIIM, composta pela logomarca e pelos textos que identificariam o projeto. O processo foi intuitivo e se desenrolou da seguinte maneira: com uma folha de papel ofício em branco sobre a mesa de trabalho, escrevi o nome “Museu da Imagem Itinerante da Maré”. Abaixo desse título, destaquei as iniciais, resultando graficamente na escrita “MIIM”. Imediatamente, me senti atraído pelo nome e estabeleci uma conexão instantânea com ele. O aspecto visual do nome me agradou bastante, era exatamente o que eu estava procurando, e surgiu sem muito esforço na busca por um nome adequado para o museu.

Ao iniciar a circulação das caixas 1 e 2 do MIIM pelas ruas da Maré, recebi diversos comentários e feedbacks sobre o nome do museu. Certa vez, uma espectadora mencionou que a palavra “MIIM” é um palíndromo, ou seja, pode ser lida da mesma forma em ambos os sentidos da escrita. Outro visitante compartilhou comigo que a palavra “mim” é um pronome oblíquo, uma categoria de palavra que se refere à pessoa que fala. Essa percepção, quando aplicada à essência do trabalho, transforma-o em uma espécie de museu autobiográfico.

Uma vez escolhido o nome, o próximo passo foi abrir meu computador de mesa e no programa Photoshop criar um arquivo (tela preta com letra branca) com as dimensões 20 x 30 cm. O arquivo estava automaticamente configurado com a fonte Arial, o que também me agradou. Aumentei o tamanho da letra até 100, de modo que preenchesse toda a tela do arquivo. O resultado estético me agradava e ali saiu a decisão final da fonte e da forma da logomarca. Imediatamente fiz a impressão da arte e, em seguida, apliquei na tampa da caixa e saí exibindo meu museu em ruas, praças, igrejas, escolas e todos os lugares que me chamaram para apresentar o MIIM.

Sobre a escolha das cores do MIIM

Três cores — preto, branco e a cor do papelão — compõem a identidade visual do Museu MIIM, sendo esta última representativa do tom do papelão, material primário utilizado nos trabalhos do museu. O preto é a cor predominante na logomarca. A escolha dessa cor foi decidida da seguinte forma: enquanto eu apresentava a ideia da criação do MIIM para meus colegas do curso de doutorado (PPGARTES-UERJ), durante uma aula ministrada pelas professoras C.D e M.F, elas mencionaram o artista Richard Serra. A princípio, anotei em uma das minhas folhas de estudos:



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (14) – ANOTAÇÃO SOBRE O ARTISTA RICHARD SERRA – (IMAGEM 74)

A partir desse fragmento, proposto como uma provocação pelas professoras, iniciei uma pesquisa para me aprofundar mais sobre o artista. Comecei explorando o catálogo “Richard Serra – Desenhos na Casa da Gávea”, que documenta a exposição do artista realizada pelo Instituto Moreira Salles, em 2014, na sede do Rio de Janeiro.

Os primeiros contatos mais marcantes foram com as pinturas do artista. Uma característica que me atraiu e considerei muito impactante foi o uso da cor preta. Com o impacto dessa experiência estética, decidi que a cor predominante do MIIM seria o preto, que é a cor que preenche, que predomina na identidade visual do projeto.

Durante a pesquisa, continuei explorando os desenhos de Serra, inclusive visitei os desenhos (bolas pretas) que ainda estavam expostos no Centro de Arte Hélio Oiticica, resultado da primeira exposição realizada pelo artista no Brasil, em 1997. A seguir, mostro uma fotografia das obras de Serra integradas à arquitetura do espaço.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (15) – DESENHOS DE RICHARD SERRA PRESERVADOS NO H.O – **FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 75)**

1 A CAIXA DO MUSEU MIIM



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – CAIXA 1 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 76)

E então decidi analisar uma coleção de fotografias que pertenciam a Jannot, um amigo de infância: examinei-as uma a uma e embrenhei-me nelas. Parece que encontrei muita coisa nesta caixa de sapatos (Pierre Bourdieu, 2006,p.31)

A caixa do MIIM tem dupla função, é um objeto poético e um dispositivo-arquivo organizador das coleções fotográficas que compõem o **Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré**, base estruturante do museu. O conjunto das coleções e a caixa integram um corpo através do qual se originam as ações do MIIM, no qual as imagens são elementos disparadores do gesto poético abreviado na caixa (produzir provocações no imaginário dos visitantes) acerca, através e sobre as Imagens da Maré inventariadas (SANTOS, 2022). O ponto de partida e o sentido norteador do uso da caixa no presente estudo artístico dialogam com a noção empregada por Bourdieu ao

descrever o seu encontro com a coleção de fotografias (guardada em uma caixa de sapatos) de seu amigo Jannot, que vivia no povoado francês de Lesquire³², conforme o exposto na epígrafe. Neste estudo trabalho com a hipótese de que existem muitas caixas de sapato nas casas da Maré que guardam fotografias; são pequenos museus fotográficos com um regime visual próprio.

A caixa foi substituída pelo meu equipamento fotográfico, que passou a funcionar como uma câmera metafórica. Ao “abandonar” a câmera perco algumas funções propriamente de fotógrafo, mas ao portar a caixa por ruas da Maré adquiro a prerrogativa de me juntar aos outros das minhas próprias imagens, assim me torno personagem narrador e retratado nessa história. Ao longo do processo me descubro na função de produtor de minhas fotografias em contexto do museu. Em várias das fotos (*Fotobiografemas do MIIM e Ensaio Fotoetnográfico – Rascunho visual de uma performance incompleta*) eu me ponho na cena fotográfica, apareço em selfies contextualizadas, quando não fui orientador de pessoas que toparam a função de me fotografar na execução de ações do museu ou em situações banais da vida cotidiana, como em uma cena em que apareço cortando o cabelo.

Neste sentido, deixo de ser apenas um fotógrafo (aquele que nos termos de Vilém Flusser opera o aparelho) e passo a assumir a função de *fotógrafo expandido*. Utilizo este termo em referência à expressão *fotografia expandida* de Rubens Fernandes Junior, que oferece uma descrição mais ampla de como um fotógrafo pode produzir fotografia expandida:

O fotógrafo que produz a *fotografia expandida*, trabalha com categorias visuais não previstas na concepção do aparelho, ou seja, o artista tem que inventar o seu processo e não cumprir um programa. Se não penetrar no interior da “caixa preta”, no limite, será ignorante em relação à linguagem. (FERNANDES, 2006, p, 14).

Através da caixa do MIIM busco acessar imagens, imaginações e imaginários que podem contribuir para uma melhor compreensão sobre os regimes de imagens que agem ideologicamente através de uma política das Imagens da Maré. A respeito do sentido dessa relação entre imagem e imaginação, Flusser, (1983) em *Filosofia da Caixa Preta*, resume: “Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens”. Então, a experiência se completa. Ao adotar a caixa e circular com ela pela Maré, sigo sendo e

³² Lesquire é o pseudônimo da aldeia isolada no sudoeste francês onde Pierre Bourdieu passou sua infância.

sou reconhecido como fotógrafo, mas agora sou também guia, produtor e narrador, torno-me um mestre de cerimônias das Imagens da Maré e, assim, me aproximo do problema deste estudo: acessar e elaborar pontos sensíveis dos imaginários dos visitantes do museu na relação de imaginar as favelas da Maré a partir de regimes de imagens em vigência.

No percurso da invenção da fotografia, a caixa (Câmara Escura) transformou-se tecnologicamente na câmera fotográfica. A caixa do Museu MIIM tem sentido inverso: caixa, fotografia e câmera. No contexto dos estudos do museu penso a caixa como destino final da trajetória das imagens que se iniciaram na câmera fotográfica. Estou buscando correlacionar as semelhanças entre a câmera (dispositivo ativo), aparelho tecnológico capaz de produzir imagens fotográficas, e a caixa (dispositivo passivo), que guarda imagens, mas que está na origem da árvore genealógica da fotografia — a caixa é, na história, a causa da fotografia³³. Nestes termos, a câmera e a caixa são pensadas como se fossem irmãs siamesas separadas pelo sentido que cada uma passa a ter quando entra em cena minha participação corpórea. A relação caixa e câmera fotográfica é histórica, não existiria fotografia sem a caixa, são também uma espécie de mãe e filha.

1.1 Sonho – o roubo das caixas do MIIM

A imaginação apresenta-se como uma série de pequenos sonhos instantâneos seguidos de bruscos despertares (Sartre, 2015, p.260).

Hoje sonhei com o Museu MIIM (Museu da Imagem Itinerante da Maré). Algumas imagens do enredo onírico: instalei o museu em uma rua (sem identificação do lugar); a alegoria do MIIM tinha ganhado o tamanho e a complexidade “caótica” de um desfile de escola de samba na Sapucaí. A estrutura expográfica do MIIM contava com um aglomerado de caixas com as mais variadas formas de tecnologias fotográficas. Havia caixas do tipo câmaras escuras, caixas que faziam fotos, caixas que exibiam fotos e textos, caixas que projetavam imagens, e até uma caixa que imprimia qualquer imagem que o visitante imaginasse. Havia caixas tão grandes que era possível que as pessoas entrassem nelas. Mas a ação não parecia ter traços de oficialidade da arte — eu simplesmente cheguei na rua e instalei a Ação Poética. Havia uma “caixa-drone”, essa era a que mais atraía a atenção, parecia conter uma

³³ Roland Barthes, 1979, p. 32.

inteligência autônoma, não necessitava de comandos para agir. Ela tinha uma função bem prática: fotografar e filmar a ação. A instalação ocupava quase um quarteirão daquela rua sem identificação. Junto comigo na execução da Ação Poética estavam, apenas, minha companheira Viviane e minha filha Luiza. Em algum momento da ação, Vivi e Lulu deixaram o local e demoraram para voltar, fiquei preocupado e fui ao encontro delas. Quando voltamos para a rua onde o Museu MIIM estava instalado não havia mais nada! Por um momento cogitei ser alguma apreensão por guardas ou algum outro aparato repressor oficial, mas alguém me informou que as pessoas que visitavam a instalação haviam levado todo o museu. Não me preocupei com o roubo, o MIIM é uma ideia que, pela condição de exibição (a rua), corre risco de subtração, estrago de chuva ou sol. O MIIM tem uma fragilidade própria do precário, mas, ao mesmo tempo, tudo pode ser repostado sem grandes dificuldades. Essa história onírica é incompleta, eu acordei antes do fim³⁴.

1.2 A caixa como minha câmera metafórica

Em setembro de 2019 fazia um mês do início da minha pesquisa artística utilizando a caixa como objeto poético, chamava a caixa e o conjunto das ações de museu. Nesta fase do estudo eu ainda não havia elaborado a noção geral de compreensão, como na atualidade, com o MIIM sendo um Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré. Naquele mês vinha executando uma série de Ações Poéticas³⁵ por ruas, escolas, igrejas e espaços festivos locais. No dia 25 de setembro, por volta das 19h, eu me encontrava com a caixa em uma sala de aula do CIEP Gustavo Capanema, na Vila dos Pinheiros. Naquele dia fui até a unidade escolar, a convite da professora Jane Trajano, para uma apresentação do Museu MIIM para os alunos daquele CIEP. O planejamento construído com a professora incluía uma apresentação para sete turmas de jovens e adultos (cada turma com 20 alunos), o que dava um total de público de 140 pessoas. Como de costume, iniciei a apresentação daquela ação perguntando se os alunos presentes já haviam ido a algum museu. Poucos responderam de forma afirmativa, então refiz a pergunta: quantas vezes um museu havia ido até eles? Desde aquele dia adotei esse texto como mensagem introdutória das Ações Poéticas, nomino esse procedimento como uma *brincação*, um *biografema* reelaborado por um

³⁴ Folha de Estudo do MIIM (4) - Registro em 24 de setembro de 2022.

³⁵ Nesta altura, eu ainda não havia elaborado essas ações com o nome de Ação Poética.

neologismo que se aplica a vários outros procedimentos poéticos executados na estrutura das ações do Museu MIIM.

1.3 “Minha vó é um museu”



BIOGRAFEMA DO MIIM (4) – FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (16) –
 ARTISTA MULAMBETA, EXPOSIÇÃO “TUDO NOSSO”, 2019, MUSEU DE ARTE
 DO RIO – ACERVO PESSOAL DO ARTISTA (IMAGEM 77)

Aqui ainda estamos na sala de aula do CIEP Gustavo Capanema. Após apresentar aos alunos a caixa-museu, do meio da sala, um garoto toma a palavra e em tom de empolgação diz que sua avó é um museu. Pergunto por qual razão ele fazia aquela afirmação. O jovem reposiciona e diz que sua vó conta “boas histórias” e guarda seu arquivo fotográfico em uma caixa parecida com aquela do MIIM. Naquele momento entendo que estava diante de uma questão importante para o projeto de pesquisa do museu na caixa, e a fala do jovem reforçava a minha hipótese: a possibilidade da existência de centenas de museus fotográficos construídos de forma orgânica que estão em caixas de sapatos espalhadas pelas casas da Maré. Passei a trabalhar com a suposição de que nestas caixas-fotográficas estão as histórias da Maré registradas em fotografias pelos próprios moradores, um regime de imagens populares diferentes das que investigo desde 2004 — imagens de fotojornalismo e de origem documental (SANTOS, 2022).

Em 2019, o artista Mulambo expõe no Museu de Artes do Rio o trabalho “Não tem museu no mundo como a casa de nossa vó”³⁶, que sintetiza o mesmo imaginário do menino morador da Maré ao ser provocado pelo contato com a caixa do MIIM.

1.4 “A Maré fica dentro dessa caixa”



BIOGRAFEMA DO MIIM (5) – FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM (IMAGEM 1) — Essa imagem abre o “Livro de Fotobiografema do MIIM” e retomo a sua grafia por ser importante para o fluxo da narração

Passei a manhã daquele dia com as crianças e equipes da escola infantil (EDI) Professora Cleia Santos de Oliveira, que fica na favela Nova Holanda. Fui até aquela escola a convite da professora Luciene de Andrade e da sua equipe. Essa Ação Poética envolvia uma especificidade, era a primeira vez que me apresentava para crianças tão pequenas. Adaptações e modificações na ludicidade da dinâmica foram necessárias. Modifiquei algumas falas e suprimi algumas imagens das coleções, mas, de modo geral, apresentei a caixa e fiz a *brincadeira* inicial, perguntando se eles já haviam ido a algum museu e se alguma vez algum museu havia ido até eles. Falei aos pequenos que a minha intenção ao andar com uma caixa pelas ruas da Maré defendendo que era um museu tinha a intenção de provocar o imaginário das pessoas sobre as imagens desse lugar chamado Maré. Antes de começar o guiamento dos pequenos pelas imagens que estavam na caixa pergunto se eles sabiam onde fica esse lugar chamado Maré? Claro,

³⁶ Exposição “Tudo Nosso”, Museu de Arte do Rio, 2019.

todas as crianças são moradoras locais, mas minha intenção com aquela pergunta óbvia era de abrir um diálogo em que pudéssemos construir alguma fabulação sobre o lugar a partir daquela caixa e de seus arquivos visuais. Ao fazer a provocação, uma menina toma a fala e diz: “A Maré fica dentro dessa caixa”. Já havia apresentado a caixa em escolas por toda a Maré, em escolas fora da Maré com ensino de nível médio, em cursos universitários e em programas de pós-graduação, mas para crianças tão pequenas era a primeira vez. E foi a primeira vez que eu recebi como retorno o entendimento de que a Maré estaria dentro da caixa. A partir desse ponto o guiamento seguiu normalmente, mostrei imagens, contei histórias e a interação dos pequenos com a ideia seguia até o fim com atenção e curiosidade próprias dessa idade. A minha conclusão com a experiência daquele dia foi de que o museu na caixa provocava a imaginação, conforme atestam o biografema anterior “Minha vó é um museu” e agora “A Maré fica dentro dessa caixa”. Ao fim da atividade ganhei presentes dos alunos em formas de mensagens por escrito e imagens na forma de desenhos.

Ao longo da experiência fui compreendendo que a caixa é um objeto que por si só aciona o imaginário, e passei a pensar nessa possibilidade para provocar nos visitantes formas possíveis de imaginar um lugar social como a Maré, que, em geral, é soterrada por camadas e mais camadas de imagens como as “imagens da violência” (SANTOS, 2022) que contêm um poder capaz de guiar facilmente qualquer roda de conversa na qual o assunto seja a favela.

Em uma Ação Poética realizada fora da Maré, na Zona Sul do Rio de Janeiro, uma jovem para quem fiz um guiamento pelas Imagens da Maré, tal como fiz com as crianças da Nova Holanda, me relatou ter visto um fuzil em uma das fotografias do álbum de fotografias de José Batista. A imagem retrata uma festa de aniversário comemorada na rua 7 da Vila do João nos anos 1990, quando os grupos armados não portavam fuzis pelas ruas como atualmente. Pergunto à moça onde ela viu um fuzil na imagem para que, juntamente com ela, pudesse verificar se era ou não uma arma desse calibre bélico. Na verdade, o que ela viu como bico de um fuzil era o guidom de uma bicicleta que aparecia na imagem. No fundo, o fuzil da imaginação da mulher são as imagens da violência que ela acessa diariamente através dos sistemas de imagens dos jornais.

Imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: símbolos “conotativos”. Nessa pequena brecha, podemos evidenciar a ação provocada no imaginário pelo regime político de imagens que atua sobre as imagens das favelas. A

ideia não é confundir nem dizer que as imagens da violência produzidas, principalmente, pelo campo do fotojornalismo sejam falsas, e sim, provocar a imaginação a respeito das origens e o sentido político da ampla circulação dessa categoria de imagem.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (17) – FOTOGRAFIA DA CAIXA DE SAPATOS DE JOSÉ BATISTA, VILA DO JOÃO, MARÉ (IMAGEM 78³⁷)

Esta foi a fotografia que despertou a imaginação da minha interlocutora durante uma intervenção poética que realizei com o MIIM em um espaço cultural na Zona Sul do Rio, abordando as “Imagens da Violência” associadas à Maré. Ao examinar a imagem, ela apontou com o dedo o ponto que a levou à conclusão: o que ela interpretou como um fuzil era, na verdade, o guidom de uma bicicleta. Não foi necessário argumentar muito, pois não restava dúvida quanto ao objeto presente na imagem. Esse caso é representativo e demonstra como frequentemente a interpretação

³⁷ Imagem do álbum fotográfico da caixa de sapatos da família de José Batista.

de uma imagem sobre um lugar é influenciada pelas imagens que são comumente associadas a esse local.

1.5 A caixa do MIIM me fez um *fotógrafo* *expandido*



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – SEGURANDO A CAIXA 1 DO MIIM NO BAR DO CAPITÃO, FAVELA BENTO RIBEIRO DANTAS, MARÉ (IMAGEM 79)

“Urge saber que as imagens são nossos olhos, passados, presentes e futuros. Olhos da história, roupas da história. Roupagens e montagens de tempos anacrônicos, de vivências presentes, de sobrevivências, de ressurgências, de tantas outras memórias

(individuais e coletivas). Pensar deste modo as imagens como um lugar de saber, um lugar de memória, um lugar de desejos, de fantasmas e de sonhos, um lugar de *questionamentos, de razões e de desrazões. Lugares dentro dos quais, escrevemos nossa própria história*” (SAMAIN, 2011).³⁸

As imagens da Maré são os elementos instauradores da experiência do leitor e minha presença corpórea é o elemento que liga toda a experiência (caixa, imagens, leitores e eu) em uma espécie de circularidade. (Bispo, 2015, p. 98). Esse procedimento descrito me permite retornos sobre as imagens vindos do público e imagino que o contrário ocorra também: minha presença completa a experiência de visita do espectador. Um desenho mais ampliado da experiência foi dito por Luiz Claudio Costa da seguinte maneira: “Um corpo que age é igualmente um corpo exposto às atividades do mundo” (COSTA, 2022).

Ninguém nasce fotógrafo, a gente se torna fotógrafo, assim como ninguém nasce artista, a gente se torna artista — apesar de eu suspeitar que, no caso da arte, é possível realizá-la de forma muito mais orgânica do que a fotografia. Por exemplo, eu considero que fiz meu primeiro trabalho artístico e o expus em uma atividade do ensino médio na Escola Bahia, na Maré, em 2003. Por qual razão eu considero isso? Por todo o contexto. Fiz ali um trabalho que foi acompanhado, avaliado, criticado e validado pelo meu professor de artes J.N e exposto ao público. Me tornei fotógrafo após cursar a Escola de Fotógrafos Populares em 2004, fui aluno do fotógrafo João Roberto Ripper. Mas, ao ter contato com a fotografia profissional, eu descobri que antes dessa experiência eu já fazia fotos de meus amigos na Baixa do Sapateiro nos anos 1990 (SANTOS, 2022). Me penso como artista nos termos de Paulo Brusck: “Sempre fiz o que quis, como quis, onde quis, quando quis. Arte não foi feita para pedir permissão a nada” (2017, em entrevista à Revista Select)³⁹.

O fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson define o ato de fotografar da seguinte forma: “Fotografar é pôr na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração” (1996, p. 11). A síntese do pensamento de Bresson implica o corpo daquele que fotografa projetando uma imagem que sai da exterioridade através de uma linha de mira, chega à cabeça, atinge o olho e, por fim, chega ao coração. A imagem elaborada pelo fotógrafo francês é algo que sai do exterior e avança para dentro daquele que se permite o

³⁸ “As ‘Mnemosyne(s)’ de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagem e Arte”.

³⁹ Disponível em: <https://select.art.br/paulo-bruscky-o-artista-que-escreve/>. Acesso em: 06/01/2022.

exercício completo do ato de fotografar. Essa imagem bressoniana é emblemática porque, em geral, se pensa o contrário — o fotógrafo é aquele que olha, que lança olhares, é aquele de onde partem as imagens, que projeta imagens para fora de seu corpo —, embora seja muito comum os fotógrafos se imaginarem fora da experiência corpórea e suas implicações no exercício fotográfico. Como fotógrafo, me vejo no lugar de operador de um equipamento que capta imagens do outro, é muito comum me sentir intimidado ao ser fotografado.

A caixa do MIIM é um corpo sem membros, assim como a câmera, ambas necessitam de um corpo para serem operadas. As Ações Poéticas operadas através da caixa precisam de minha presença corpórea para produzir através da oralidade as ativações das imagens. Me envolvo corporalmente nas ações ao carregar a caixa com imagens e interagir com o público, tal como me envolvo na condição de fotógrafo.

A caixa do Museu MIIM necessita de um corpo para circular, então empresto meu corpo para que a ação se realize. Neste sentido, o exercício realizado se aproxima e se assemelha a uma performance, aqui chamada de Ações Poéticas. O MIIM necessita de minha presença corpórea, que é onde ocorrem as interações com o público. Fui apreendendo que quanto mais meu corpo estivesse envolvido mais resultados seriam obtidos.

1.6 A caixa e a fotografia

Ao explorarmos a história escrita das imagens fotográficas, deparamo-nos com as profundas conexões entre o objeto caixa e a fotografia. Em um trecho do livro “Tudo Sobre Fotografia” (HACKING, 2012, p. 19) encontramos a seguinte descrição: “No século IV a.C., Aristóteles havia descoberto o princípio da câmara escura: a passagem da luz de uma fonte externa para um espaço escuro, por meio de um furo ou outra pequena abertura, resulta na formação de uma imagem invertida da cena externa em uma superfície, como uma parede ou uma tela”.

O trecho mencionado no parágrafo anterior descreve o dispositivo da câmara escura, uma espécie de caixa mágica que produz imagens invertidas e efêmeras, porém àquela época ainda não permitia fixar as imagens do equipamento na superfície de um material. O dispositivo utilizado por Aristóteles foi precursor das primeiras câmeras fotográficas. Esse aparelho é conhecido desde a antiguidade, com referências que remontam ao seu uso pelo filósofo grego em suas observações astronômicas.

Posteriormente, no século XI, há registros do uso da câmara escura para fins científicos pelo astrônomo árabe Ibn al-Haitham (Al-Hazen) na observação de um eclipse solar.

A câmara escura como tecnologia para fixação de imagens é descrita por Walter Benjamin (1931, p. 91) em seu clássico texto “A Pequena História da Fotografia”: “Fixar as imagens da câmara obscura, que eram conhecidas pelo menos desde Leonardo. Quando, depois de cerca de cinco anos de esforços, Niepce e Daguerre alcançaram simultaneamente esse resultado...”. A câmera fotográfica, desenvolvida pelos pesquisadores e inventores Joseph Nicéphore Niépce e Louis Daguerre, representou um avanço nesse processo.

A fotografia tem sua invenção reconhecida em 1839, na França, e Daguerre é o nome reconhecido como seu inventor. Por isso o nome do processo ficou conhecido como daguerreotipia, sendo um dos primeiros processos fotográficos inventados e comercializados com êxito. Ele consistia em captar a imagem através da câmera, que continha os princípios da câmara escura. A imagem, então, era registrada diretamente sobre uma placa de prata polida. A daguerreotipia foi uma das primeiras formas de fotografia e desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da arte fotográfica.

Em 1844, cinco anos após o reconhecimento da invenção da fotografia atribuída a Daguerre, o inglês William Henry Fox Talbot publicou o livro “O Lápis da Natureza”, considerado o primeiro livro de fotografia. O equipamento utilizado na captura das imagens ainda era muito próximo das câmaras escuras, conforme descrito na nota de uma edição do livro em português: “O modelo de câmera utilizado por Talbot era bastante sofisticado e popular entre cientistas e artistas da aristocracia inglesa, pois permitia ajuste de foco e contava com um jogo de espelhos que projetava a imagem em uma janela de vidro despolido, onde era possível apoiar uma folha de papel fino para traçar os contornos da paisagem” (STRABELLI, 2020, p. 99).

Na relação com a caixa como objeto que compõe trabalhos de arte, chegamos a Joseph Cornell (1903-1972), um artista estadunidense contemporâneo de nomes como Marcel Duchamp, o inventor do “*ready made*”. O uso da forma-caixa e da fotografia nos trabalhos de Cornell é descrito pela filósofa Susan Sontag da seguinte forma:

Nossas cabeças estão se tornando iguais àquelas caixas mágicas que Joseph Cornell encheu com pequenos objetos incongruentes cuja origem era uma França que ele jamais visitou. Ou como um amontoado de fotos de filmes antigos, das quais Cornell reuniu uma vasta coleção à luz do mesmo espírito

surrealista: como relíquias nostálgicas da experiência original do cinema...
(SONTAG, 1977, p. 71).

Desde o princípio, a fotografia necessita da caixa como suporte essencial para sua existência. Todos os equipamentos tecnológicos capazes de produzir imagens fotográficas têm essa relação próxima com o objeto caixa, desde as câmaras escuras e as primeiras câmeras até os dispositivos modernos de captura — e na contemporaneidade, os celulares, caixinhas mágicas capazes de produzir, armazenar e difundir imagens fotográficas por meio de sistemas de conexão com a internet e via bluetooth.

1.7 A fotografia e a caixa na arte

Quando examinamos o uso poético da caixa na história da arte, deparamos com Marcel Duchamp, um dos primeiros artistas que consideraram a utilização da caixa em suas obras. Neste sentido, o primeiro trabalho do artista em uma caixa ocorre no início do século XX — “Caixa” (“*La boîte*”) de 1914 —, composto por uma embalagem comercial de suprimentos fotográficos da Kodak feita de papelão, contendo notas manuscritas, figuras e fotografias. O trabalho é descrito por Calvin Tonkins em “Duchamp: Uma Biografia”:

A fotografia também desempenhou um papel na Caixa de 1914, a primeira coleção de notas manuscritas. Duchamp selecionou dezesseis notas e o desenho *Avoir l'apprenti dans le soleil* [Ter o aprendiz do sol] — a figura de um homem de bicicleta subindo um plano inclinado —, que montou sobre cartolinas; pelo menos quatro fotografias foram tiradas de cada item, e os conjuntos foram depois colocados em caixas de papelão que, antes, haviam guardado chapas fotográficas Kodak (TONKINS, 2005, p. 159).

Além da “Caixa”, de 1914, Duchamp realizou a “Caixa Verde” em 1934 (“*La boîte verte*”), considerado um dos primeiros livros de artista. O trabalho é composto por uma caixa de papelão coberta por um revestimento de veludo verde. Dentro da caixa, o artista organizou a reprodução de 94 fotografias de desenhos, notas e manuscritos.

Duchamp ainda experimentaria essa dinâmica em outras três caixas: “Caixa-aviso” (“*Boîte Alerte*”), de 1959-60, em parceria com Mimi Parent; a “Caixa em valise”

(“*La boîte en valise*”), de 1941; e “No infinitivo, a caixa branca” (“*À L’infinitif la boîte blanche*”), de 1966. O conteúdo destas caixas continua sendo reproduções miniaturizadas de suas pinturas e desenhos *ready-made* e anotações pessoais. Nestas duas últimas, Duchamp aprofunda ainda mais a possibilidade de construção curatorial das obras, utilizando novas técnicas de reprodução fotográfica, impressões em papéis transparentes e texturizados, introdução de elementos tridimensionais e sistemas de encaixes e deslizamentos de partes internas das caixas.

Andy Warhol, contemporâneo de Duchamp, na década de 1960 produz as obras “Caixas Brillo” (1964), que consistem em reproduções exatas das caixas de sabão em pó Brillo, uma marca popular na época. Warhol transformou essas caixas comuns em arte ao reproduzi-las em escala ampliada e exibiu-as em galerias de arte. Essas peças desafiam as noções tradicionais de arte ao questionar o que pode ser considerado como tal, enquanto também exploram temas de consumo em massa e cultura popular. Warhol revolucionou a arte contemporânea ao elevar objetos comuns à categoria de arte.

Warhol também produziu o trabalho “Cápsulas do Tempo” (1967-68), que consiste em caixas de papelão seladas, cada uma contendo uma variedade de objetos pessoais e cotidianos descartados pelo artista. Essas caixas foram concebidas como cápsulas do tempo, capturando e preservando momentos e objetos do cotidiano do artista e de sua época. Cada caixa é única e oferece uma visão pessoal e íntima da vida e do pensamento de Warhol. Essa série exemplifica sua fascinação pelo conceito de celebração do banal e da mundanidade, transformando objetos comuns em arte e explorando a natureza efêmera da cultura contemporânea.

Na década de 1960, no Brasil, a forma-caixa serviu como suporte para a poética de alguns trabalhos da artista Lygia Pape, como “Caixa de Formigas” (1967) e “Caixa de Baratas” (1967), ambos exibidos na mostra coletiva “Nova Objetividade Brasileira”, organizada por Hélio Oiticica no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O último trabalho é uma crítica à arte considerada obsoleta presente nos museus. No ano seguinte, a artista realizou “Caixa Brasil”, na qual inseriu fios de cabelo indígenas, brancos e negros.

A caixa ocupa um lugar significativo no imaginário humano, sendo frequentemente associada a conceitos simbólicos e metafóricos. Nas diferentes versões do mito de Pandora, a “caixa” representa um símbolo metafórico do perigo ligado à curiosidade humana. No imaginário popular, é comum o ditado “pense fora da caixa” para alertar para os limites criativos de restringir ideias ou perspectivas.

No presente estudo artístico, a caixa é apresentada como um símbolo representativo da natureza itinerante do Museu MIIM. Além disso, ela atua como um elemento que desperta e estimula a imaginação do público que participa das atividades artísticas, culturais e educacionais do estudo. A ideia é provocar o público a refletir sobre as formas de imaginar as Imagens da Maré.

1.8 Componentes expográficos da caixa (2) do MIIM



ITENS DA EXPOGRAFIA DA CAIXA 2 DO MIIM (IMAGEM 80)

O termo expografia passou a ser adotado no estudo a partir da construção da Caixa 2 do MIIM. A terminologia descreve a organização da subdivisão das coleções internas das caixas menores. Esta caixa da pesquisa é composta pelos seguintes componentes: “Imagens Monoculares”; ensaio fototnográfico “Coisas da Maré que lembram o MIIM”; “Livretos Biografemas”; exposição “Maré na Pandemia”; ensaio “Fotobiografemas”; “Acervo Histórico-Poético das imagens da Maré”; “Exposição

Maré na Pandemia”; edições 1 e 2 do “Fotojornal, 2021, 2022”; “Folhas de Estudos do MIIM”; e “Dispositivo Digital de Projeção de Imagens”. Este último componente é projetado apenas na Caixa 2 da pesquisa.

A partir da Caixa 2 e da interação com o público, através do contato com o objeto artístico e os visitantes, surgiu na pesquisa o sentido da Ação Poética “Imagens de Contato”. Com um sentido performático, a ação é executada em diversas modalidades (projeções em grande e pequena escala, exposição e apresentações com a presença do artista mediador) e consiste em colocar imagens da pesquisa em contato com o público presente nas ações do MIIM para ativação de contação de memórias e histórias envolvendo a vida social das favelas da Maré na perspectiva de seus moradores.

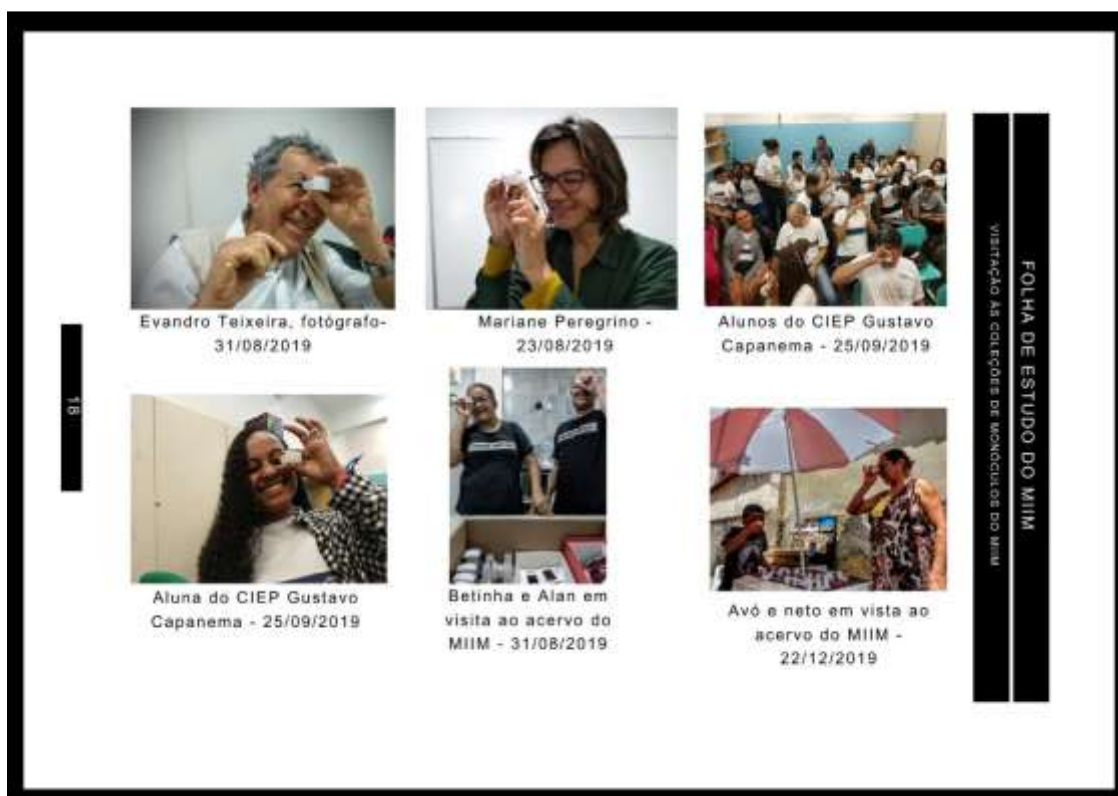
1.8.1 Caixa I – Coleção “Imagens Monoculares”



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – ACERVO PESSOAL DE JOSÉ BATISTA E DORA, MORADORES DA VILA DO JOÃO – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 81)

O acervo inicial do MIIM inclui fotografias da caixa de sapatos de José Batista, uma pequena coleção de negativos com registros de festas de rua que realizei na Maré no início dos anos 2000 e uma pequena coleção de quatro monóculos coloridos emprestados pela moradora Dora, da Vila do João. Ela impôs a seguinte condição para o empréstimo: o material poderia ser exposto nas ações do museu, mas deveria ser devolvido após as exposições. Essas modestas coleções marcam o início do Acervo Histórico-Poético das imagens da Maré.

As imagens monoculares guardadas nas caixas de sapato das casas da Maré representam uma geração de imagens populares que se enquadram na condição descrita por Steyel (2009) no manifesto “Em defesa da imagem pobre”, conforme trecho destacado: “As imagens pobres são, portanto, imagens populares — imagens que podem ser feitas e vistas por muitos”. Essas imagens da Maré guardadas nos monóculos são importantes tesouros da memória popular e despertam um amplo interesse do público quando são disponibilizadas para apreciação.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (18) – FOTOS: FRANCISCO VALDEAN (IMAGENS 82 A 87)

Entre as coleções de imagens do MIIM, os monóculos geram bastante interesse dos visitantes. Nos adultos, conhecedores do suporte fotográfico, gera nostalgia; e nas crianças, que desconhecem a tecnologia, a curiosidade é total. Tanto a nostalgia quanto a curiosidade são geradoras de muitas comoções do público diante desses objetos portadores de imagens. Em uma das apresentações que fiz nas escolas da Maré, uma experiência merece destaque. Na Escola Estadual João Borges de Moraes, escola de nível médio em que sou professor na cadeira de sociologia, os alunos ficaram tão empolgados com os monóculos que me pediram que fossem feitas reproduções e levaram cópias do material para suas casas. Dias depois da apresentação fui procurado por uma aluna, que gostaria de expor uma pequena coleção do acervo de monóculos em uma mostra da qual ela era curadora, na própria escola.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (19) – FOTO: AMANDA DE PAULA (IMAGEM 88)

O monóculo é um objeto semelhante a uma pequena luneta, que contém uma imagem fotográfica em seu interior. Esse dispositivo fotográfico foi amplamente utilizado no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990, proporcionando momentos de entretenimento e curiosidade ao explorar arquivos fotográficos domésticos. As imagens

monoculares fazem parte das memórias afetivas do povo brasileiro. Neste pequeno recorte da coleção de monóculos do Museu MIIM recriamos essa experiência com simulacros de cinco monóculos contendo fotografias que retratam os bate-bolas, personagens do carnaval de rua da Maré, protagonizadas por crianças e jovens.

1.8.2 Caixa II – Ensaio Fotoetnográfico “Coisas na Maré que lembram o MIIM”

Um ensaio fotográfico de caráter experimental produzido no contexto da pesquisa do MIIM que consiste em cenas, paisagens, ou situações em que se busca organizar um inventário de imagens que remetem ao sentido e à simbologia do Museu MIIM. Através da narrativa do ensaio, busca-se capturar detalhes e elementos presentes nas favelas da Maré que reflitam e dialoguem com a identidade e o propósito do museu na caixa. Cada imagem é uma espécie de conexão visual entre a favela e o sentido do MIIM, uma celebração da diversidade, da inventividade e da riqueza cultural da Maré. Um recorte do ensaio fotoetnográfico pode ser visto neste estudo a partir da página 196.

1.8.3 Caixa III: Livretos Biografemas do MIIM

Uma coleção de pequenos livros de artista com imagens e textos. As histórias são do gênero da ficção e geralmente retratam experiências vividas pelos personagens narradores (Santo e Valdean). Essa coleção única celebra a rica história e a diversidade cultural de um bairro popular urbano, as favelas da Maré. Cada livreto é uma porta de entrada, guiando os leitores para o universo da vida cotidiana do maior bairro favelado do Rio de Janeiro.

penso numa (paradoxal) função do fracasso como algo muito próximo da arriscada tarefa de experimentar, de quebrar as imagens — o que nos coloca num lugar de insegurança e de tensão, deflagrando a inabilidade de lidar com o que é instável, que escapa e questiona.

e penso também que escrever sobre um processo artístico é uma tarefa repleta de contatos, desvios, errâncias e, em certa medida, de fracassos. Citando Clarice Lispector, posso dizer que a pesquisa em artes se formula pelo desejo de falar, embora escrever carregue a medida de silêncio, num esforço impregnado pela impotência de dizer tudo e a necessidade de lidar com os limites (e o desejo de ultrapassá-los) para narrar a complexidade da experiência (DIAS, 2012, p. 11).

O processo de criação da coleção “Livretos⁴⁰ do Museu MIIM”, um projeto literário, se iniciou com um inventário de dez histórias biografemáticas. Os livretos são narrações de experiências “reais” e ficcionais contadas em primeira pessoa por mim e Santo, um narrador inventado, um híbrido entre Jorge K e Macunaíma. O projeto teve início no segundo semestre de 2019 e ainda segue em andamento (não concluído). Trata-se de um projeto experimental, que, nesta condição, corre risco de fracasso, conforme elaborado por Aline Dias (2012, p. 11) ao abordar o trabalho artístico com(o) fracasso, segundo exposição destacada na epígrafe.

Os primeiros passos do processo de criação dos livretos ocorreram nos encontros do curso “imagem, escrita, edição”, ministrado pela professora Leila Danziger (2019.2), do PPGARTES-UERJ. Em razão das provocações dos encontros, iniciei um exercício livre de escrita de pequenos textos-legendas de fotografias de meu processo autoral. Nas escritas eu buscava criar outras camadas para as minhas imagens fotográficas, tendo em mente que as imagens são sempre executadas com o risco de “falhas” de representações desejadas pelo fotógrafo, são incompletas. Esta parece ser uma condição das imagens, tem camadas do tecido cultural que não cabem nas imagens finalizadas, que sempre significarão exatamente o que está representado em sua superfície (FLUSSER, 2001, p. 15). Nessa camada textual eu pensei em acrescentar uma narração composta por impressões, opiniões e relatos das trocas feitas com os fotografados, antes e depois da feitura das imagens, como meio de preencher as “falhas” de representações da história de cada uma das minhas imagens.

O livre exercício de escrita de textos-legendas sobre minhas fotos me leva ao projeto dos pequenos livros de artista. O conteúdo das narrações também são brevidades, traços e fragmentos biografemáticos, tal como definidos por Roland Barthes (2015, p. 33).

⁴⁰ O formato físico dos livretos é inspirado nos zines e folhetos de cordel.

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

IRACI COSTA - CANTORA POPULAR



20

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (20) – DONA IRACI COSTA – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 89)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

IRACI COSTA

Iraci Costa, uma ilustre moradora da Maré, já trabalhou em casa de família e na atualidade é catadora de latinhas nas praias da Zona Sul. Mas sua existência vai além da mera sobrevivência: ela é uma artista em essência. Compõe músicas, solta sua voz interpretando suas próprias canções e se entrega às artes cênicas, atuando como atriz. Aos 83 anos, ainda alimenta intensamente o sonho de um dia ser reconhecida como tal. Em nossos encontros, ao testemunhar sua fervorosa busca por reconhecimento, questionava-me sobre o verdadeiro significado de ser artista. Para mim, Iraci personifica o conceito de artista popular, mas para ela, faltava o que chamava de reconhecimento social pelo seus feitos na Maré. Em sua busca incansável por esse sonho, aventurou-se em uma apresentação drástica no programa do Ratinho, apenas para ser humilhada de forma inimaginável em cadeia nacional. Em uma conversa casual na rua Teixeira Ribeiro, em Nova Holanda, onde ela reside, Dona Iraci compartilhou comigo essa experiência dolorosa. Imagino que diversas camadas de nossa sociedade tenham conspirado contra seu sonho. O racismo, a misoginia, a constante necessidade de trabalho e os preconceitos pelo simples fato de ser uma moradora de favela foram obstáculos intransponíveis para sua carreira artística. No entanto, nunca tive a coragem de confrontá-la sobre esses desafios. Em nossas conversas, preferíamos nos perder em devaneios sobre sua arte e a minha, pois era mais bonito sonhar com o que fazemos do que fabular sobre a dura realidade de uma artista popular como ela.

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

RUA OLIVEIRA, BAIXA DO SAPATEIRO, MARÉ



22

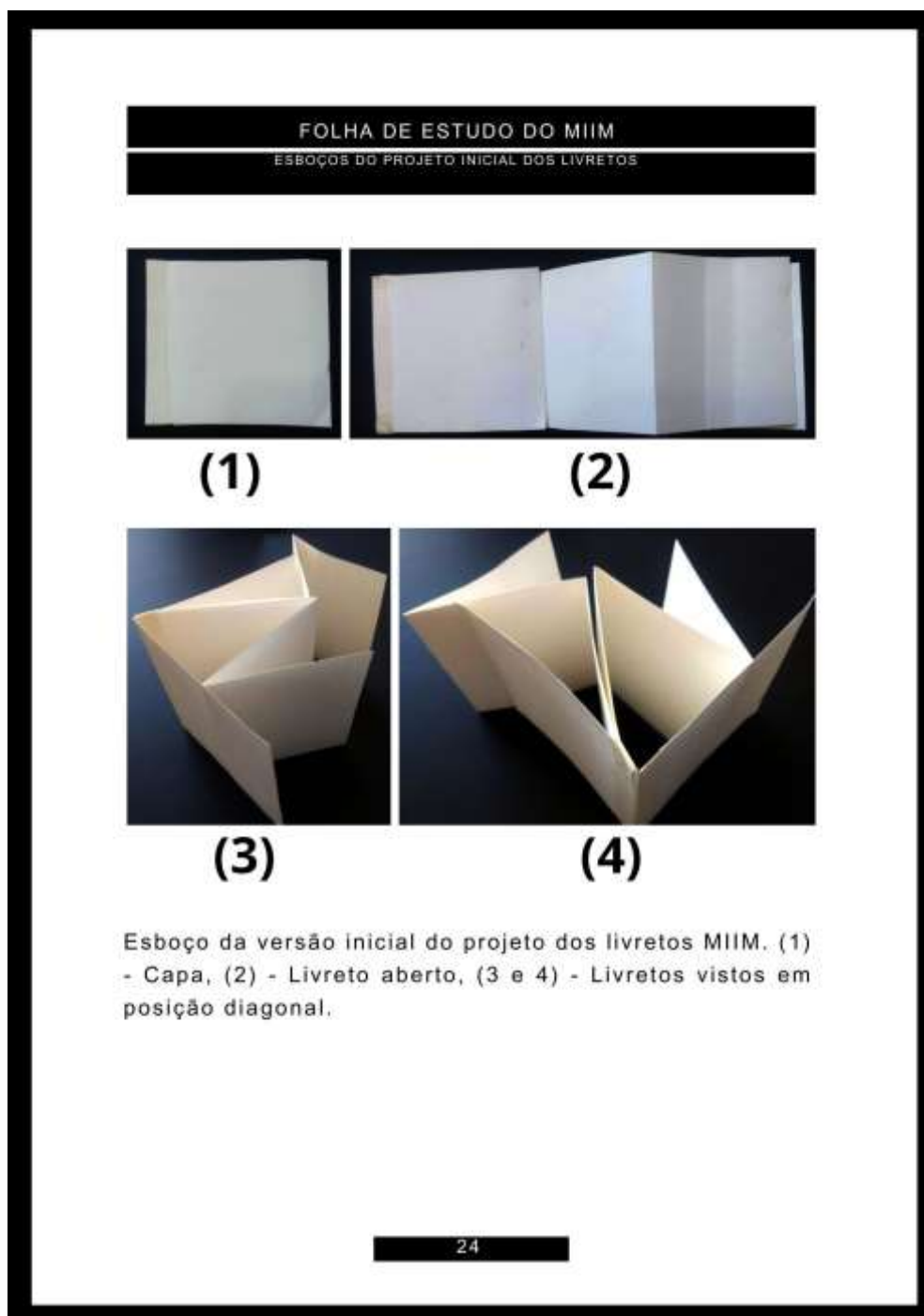
FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (22) – RUA OLIVEIRA, MARÉ – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 91)

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM

TEXTO FICIONAL CRIADO A PARTIR DA FOTOGRAFIA

Eu cresci na rua Praia de Inhaúma, mas circulava por toda a Maré, algo incomum para a maioria dos adolescentes dos anos 1990. Na rua C4, na Vila dos Pinheiros, fiz muitos amigos. A rua principal da Vila do João era minha rota obrigatória para ir e voltar da praia na Zona Sul do Rio. Ir até a rua Teixeira Ribeiro, na Nova Holanda, era uma atividade quase religiosa que eu fazia todos os sábados. Na maioria das vezes, eu ia visitar minha tia Antônia, que morava nesta favela. Para chegar à casa dela, eu seguia este trajeto: saía da Baixa do Sapateiro, passava pela Rua Oliveira, pela praça do 18, pela Rua Evanildo Alves e continuava pela Rua Tatajuba, uma rua estreita pavimentada com paralelepípedos. Na Rua Oliveira, moravam muitos amigos - Dudu Cabeção, Dudu Capeta e Pará. Nessa mesma rua, também morava o tio Zé. Devido aos laços familiares e às muitas amizades, grande parte do meu tempo livre de adolescente era gasto nessa rua.

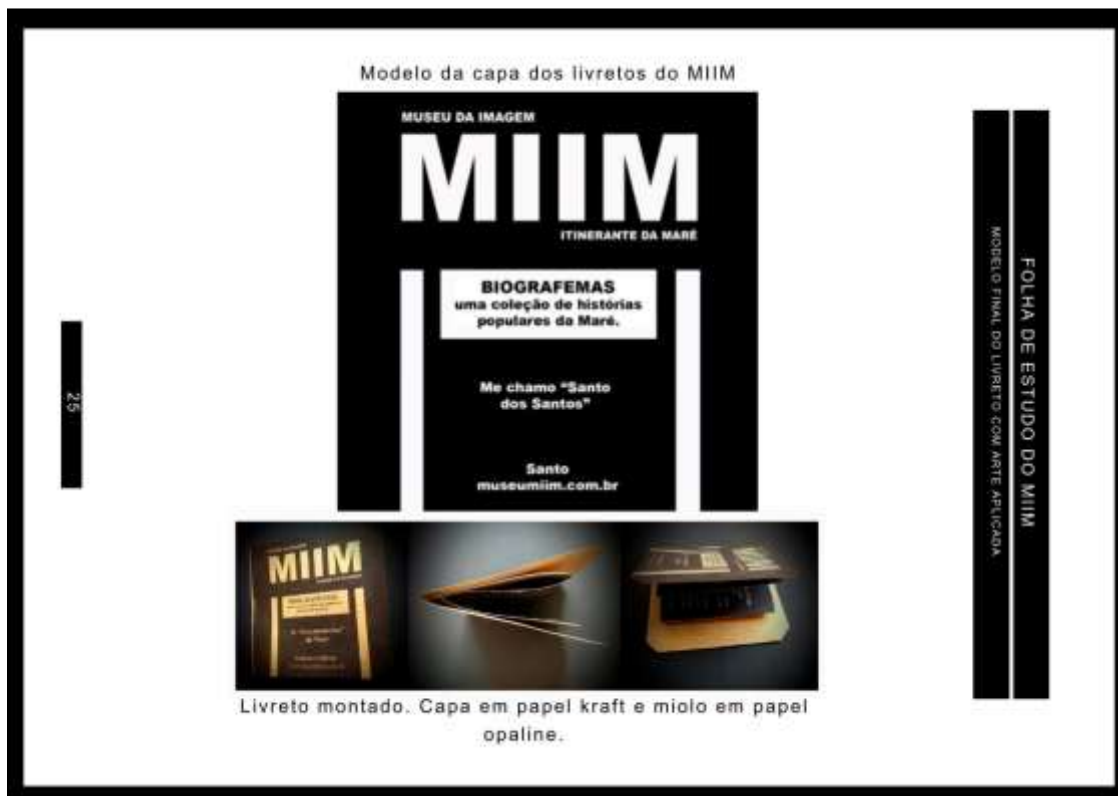
Em um dado momento dos exercícios de escrita dos textos-legendas comecei a simular possibilidades de impressões que abrigassem as imagens e os textos. Comecei fazendo um esboço em papel opaline estruturado com fita crepe. Com esse processo manual e artesanal nasceu o primeiro esboço dos livretos. Exponho a seguir esse primeiro rascunho:



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (24) – FOTOS: FRANCISCO VALDEAN (IMAGENS 93 A 96)

Após rascunhado, comecei a pensar em um desenho gráfico para ser aplicado aos livretos, um design desenvolvido por mim de forma intuitiva. A seguir exponho o projeto gráfico da capa e da contracapa dos livretos.

A aplicação das cores do MIIM (preto, branco e cor de papelão) na capa dos livretos segue esse manual. O desenho da capa é em preto e branco, o design leva o logo do Museu MIIM, o título (“Biografemas”) e o subtítulo (“uma coleção de histórias populares da Maré”), seguidos pelo título da respectiva narração (“Me chamo ‘Santo dos Santos’”). Por fim, a assinatura do narrador e o endereço eletrônico do museu.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (25) – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGENS 97 E 98)

Os livretos são confeccionados em papel kraft (capa) e miolo em papel (opaline). Os designs da capa e da contracapa são semelhantes. Os livretos não têm início nem fim, medem 12cm por 12cm. Na parte interna, uso papel o opaline com ambas as faces lisas em tamanho 30cm de largura por 9cm de altura. Essa parte recebe dobraduras, o

que permite um movimento retrátil para poder ser acomodado dentro do livreto. As impressões são feitas em meu ateliê em minha impressora doméstica.

Austin Kleon, no livro “Roube Como um Artista”, diz: “Mantenha um arquivo de furtos. É isso mesmo que parece — um arquivo para não perder de vista as coisas que você furtou dos outros. Pode ser digital ou analógico, não importa a forma, contanto que funcione”. A primeira vez que li o termo “biografema”, na página 32 da minha edição do livro “A Câmara Clara”, me pareceu que aquela ideia valeria a pena ser guardada no meu arquivo de “ideias roubadas”. Ao meu modo, guardei-a com uma marcação feita a lápis no próprio livro e acrescentei àquela página o seguinte comentário: “Usar algum dia essa ideia”. De fato, cheguei a fazer uso do termo em sala de aula com meus alunos, em duas escolas da Maré, na construção de exercícios de escrita de pequenas biografias de moradores locais. Refletia com os estudantes nestes exercícios o termo “biografema” como possibilidade de escrita de pequenos fragmentos biográficos. Voltei a me encontrar com a palavra no curso da professora Leila Danziger e, desde então, venho trabalhando com o termo nas construções da coleção de narrações dos livretos do Museu MIIM.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (26) – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 99)

A caixa que acomoda os “Livretos do Museu MIIM” é uma espécie de reprodução miniaturizada da caixa do MIIM. Cada caixa é composta por dez livretos.

1.8.4 Caixa IV – “Fotobiografemas do MIIM”

O ensaio “Fotobiografemas” busca contar a história do Museu MIIM, um museu que utiliza uma caixa de papelão como objeto poético e pesquisa arquivística dos inventários fotográficos das favelas da Maré. A coleção de imagens é produzida de forma coletiva, contendo múltiplas autorias, e conta a trajetória do MIIM. Essas abordagens visuais apresentam o histórico das atividades do museu na caixa, executadas por instituições locais, como ONGs, escolas e Ações Poéticas realizadas nas ruas da favela, juntamente com os moradores e moradoras.

1.8.5 Caixa V – “Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré”

O “Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré” é o coração do Museu MIIM, composto por todas as coleções dos inventários fotográficos organizados no processo de pesquisa que constitui o museu. O inventário das imagens da Maré pode ser compreendido como todas as comunidades de imagens fotográficas que comunicam qualquer tema relacionado ao contexto sociocultural das favelas do bairro. O acervo fotográfico é composto por busca ativa do artista Francisco Valdean e por doações de fotógrafos renomados e moradores. O presente recorte do acervo guia os visitantes por imagens que retratam diferentes épocas e aspectos da vida cultural das favelas da Maré. É uma jornada pelo passado e pelo presente de um dos bairros populares mais importantes da cidade do Rio de Janeiro.

1.8.6 Caixa VI – Exposição virtual “Maré na pandemia”

Neste box o visitante poderá conferir a exposição virtual “Maré na Pandemia”, parte de uma sequência de três exposições realizadas pelo Museu MIIM em meios virtuais (site e redes sociais) durante a pandemia de Covid-19. A exposição foi constituída por meio de uma chamada pública e convites diretos feitos aos artistas locais, enquanto atuamos de forma remota durante o momento mais crítico da pandemia.

1.8.7 Caixa VII/VIII – Fotojornal Edições 2021/2022

O Fotojornal é uma proposta de periódico artístico que sintetiza os processos criativos das diversas linguagens das artes nas favelas da Maré. Com foco central na fotografia, busca publicar sobre os movimentos artísticos, processos de memória e lutas sociais locais, abordando temas pertinentes para a história e a memória do bairro. Essa iniciativa valoriza e divulga as expressões culturais e as vivências das comunidades, destacando sua importância para a construção da identidade cultural do local.

1.8.8 Caixa IX – Folhas de Estudos do MIIM

As folhas de estudos do MIIM surgiram de uma ruptura, de um desejo de desfragmentar os registros da pesquisa. Optei por não usar um caderno ou um diário convencional. Em vez disso, o processo de anotações na pesquisa do MIIM é expandido, feito em folhas soltas de papel ofício. A ideia é captar o comportamento do acesso aos dados da pesquisa, que são coletados no fluxo cotidiano do estudo: em pequenas conversas com moradores da Maré e com visitantes das ações do museu na caixa; em postagens de redes sociais; em encontros com o orientador; e em aulas das quais participei e palestras que ministrei no contexto da pesquisa. Essas folhas compõem um diário “autoetnográfico” do estudo no contexto de realização da pesquisa do museu na caixa.

1.8.9 Dispositivo Digital de Projeção



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – CAIXA 2 COM A EXIBIÇÃO DA AÇÃO “IMAGENS DE CONTATO” – FOTO: VITÓRIA VIANA (IMAGEM 100)

“É uma mini sala de cinema”. Essa frase foi dita por um visitante do MIIM ao assistir à projeção instalada na Caixa 2 do MIIM. Entre todas as caixas do museu, esta é a única equipada para se transformar em uma “mini sala de cinema”.



FOTOBIOGRAFEMA DO MIIM – CAIXA 2 MONTADA COM OS ITENS –
FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 101)

2 O MUSEU NA CAIXA – O PERCURSO DE INVENTIVO DO MIIM

A invenção é a produção de uma imagem antes inexistente, mas que vem a atualizar-se na medida em que ocorre um problema e busca-se uma solução recorrendo ao repertório de imagens já existentes. A etimologia da palavra inventar indica um deslocamento do que estava disperso, separado, sem uma relação, e que passa a interagir. Produz-se, assim, uma relação e um uso direcionado para um objetivo, ou para um futuro ainda por se fazer (Pimentel, 2014, p. 28).

As camadas que me levaram para a síntese inventiva do museu são muitas: refletir, reconhecer, descrever o processo é um dos exercícios deste *box*. No entanto, considero que a primeira centelha dessa ideia, a mola propulsora, ocorreu em uma roda de conversa que partilhei com colegas artistas na cidade de Belo Horizonte em julho de 2018. Eu me encontrava na capital mineira participando como artista residente do 50º Festival de Inverno da UFMG. Estava na mesa de um restaurante na Avenida Presidente Antônio Carlos com outros artistas residentes do festival e fui apresentado ao artista mineiro Jorge Fonseca, criador do FIOTIM, um museu ambulante montado na carroceria do carro de Jorge. Fonseca me apresentou o seu museu e fez isso lendo um texto, mais precisamente uma autobiografia de Jorge K, mestre de cerimônias do FIOTIM, na qual o personagem descreve qualidades autoatribuídas. Jorge K é um contador de histórias, um camelô (vendedor de quinquilharias), um viajante experiente que começou uma jornada pelo mundo ainda adolescente e voltou já adulto para Brumadinho para inventar o FIOTIM, uma espécie de sátira artística que provoca imaginações sobre o Instituto Inhotim, um dos mais importantes acervos de arte contemporânea e um dos maiores museus a céu aberto do mundo.

O primeiro aspecto da personalidade de K ativava em mim memórias do meu pai, Sinesio Miguel (um exímio contador de histórias populares fantásticas), mas também fazia conexões com minha própria trajetória, especificamente durante um período em que fui camelô nas ruas do Rio de Janeiro (entre 1999 e 2002). O contato com o artista Fonseca, o museu FIOTIM, o personagem fictício K e todo o contexto artístico vivenciado no festival provocaram minha imaginação. Saí da imersão convicto

de que aquela inventividade do artista mineiro seria guardada no baú⁴¹ de minhas ideias. Considerei que ela parecia ter potencial inspirador para uma elaboração artística aplicada no contexto das minhas pesquisas sobre as Imagens da Maré, principalmente, pelo elemento poético que provocava: o imaginário, algo que eu vinha buscando ao construir sínteses sobre a política das imagens de um grande bairro popular como a Maré.

O tema “Imagens da Maré” é meu objeto de reflexão desde que cursei a Escola de Fotógrafos Populares, em 2004. O primeiro impacto da experiência que vivi em Minas Gerais foi minha mudança de área de estudos. Deixei as Ciências Sociais, campo de conhecimento trilhado na graduação e no mestrado, ambos realizados na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e ingressei no doutorado em Artes nesta mesma universidade em 2019.

A pulsação criadora do MIIM foi esse encontro com o museu FIOTIM em 2018, mas não posso deixar de relatar um encontro vivido, também na capital mineira, um ano antes. Em 2017, ao participar do FIF – Festival Internacional de Fotografia, fiz contato com o projeto Retratisas do Morro⁴², uma pesquisa em fotografia organizada pelo produtor cultural e artista mineiro Gui Cunha. O projeto reúne imagens produzidas pelos fotógrafos João Mendes e Afonso Pimenta, que trabalham, desde o fim da década de 1960, registrando o cotidiano dos moradores das favelas do Aglomerado da Serra, o maior conjunto de favelas da capital mineira. Os dois projetos artísticos relatados acima foram peças fundamentais para o ato final de invenção do museu-caixa.

O nascimento literal do MIIM ocorreu na Maré, em 2019. Precisei desse intervalo para amadurecer a ideia e pensar se seguia ou se abandonava o gesto da itinerância presente no FIOTIM e a pesquisa em fotografia de favela que é forte no Retratisas do Morro.

Exatamente um ano depois do contato com o FIOTIM eu me encontrava numa laje da Rua 12, na Vila do João. Ali partilhava com colegas um churrasco ofertado por

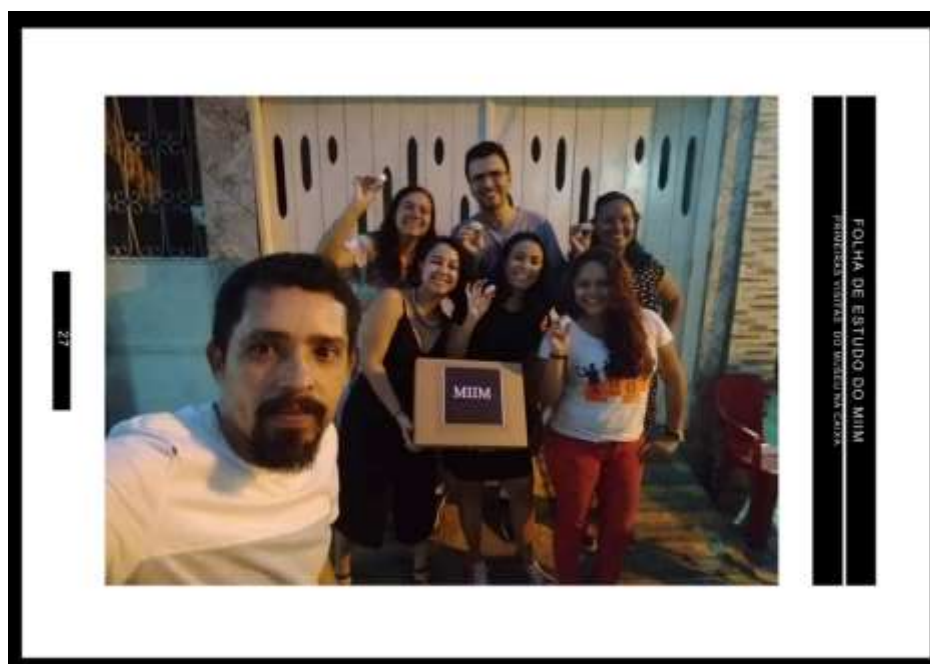
⁴¹ Carregue um caderno e uma caneta com você onde quer que vá. Acostume-se a sacá-los e a tomar nota dos seus pensamentos e observações. Copie suas passagens favoritas dos livros. Grave conversas que ouviu por aí. Rabisque enquanto fala ao telefone (KLEON, 2013, p.25)

⁴² Disponível em: <https://www.retratistasdomorro.guilhermecunha.art.br/>. Acesso em 22/01/2023.

minha amiga Miriam Ferreira, pessoa com quem partilho experiências de vida e de estudos desde nossa passagem como alunos do CPV-Maré⁴³, nos anos 2007 e 2008.

Ao conversar com outros convidados, que também eram estudantes universitários, falávamos sobre política, justiça social e nossas pesquisas. Todos ali na mesa dominavam assuntos relativos às pesquisas acadêmicas e compartilhávamos experiências de âmbito universitário. Ao falar sobre minhas reflexões e sínteses para pensar a política das imagens da Maré, fui indagado sobre os traços dessas imagens — os colegas manifestaram vontade de ver as imagens que eu descrevia. Neste momento me ocorreu a ideia definitiva de criação de um dispositivo físico portátil (caixa) que abrigasse um catálogo temático com as imagens inventariadas até então, que poderiam ser compartilhadas em rodas de conversas como aquela e partilhadas na mão.

Saí do encontro com a ideia fixa martelando meu senso criativo e imediatamente passei a trabalhar na execução inicial do projeto. No dia 10 de agosto, a mesma amiga, Miriam, fez um segundo churrasco, agora em uma rua da favela Vila dos Pinheiros, na casa de sua irmã. Neste encontro apresentei pela primeira vez uma síntese da ideia para o público — basicamente os mesmos colegas que estiveram no churrasco dias antes, na Vila do João, e familiares de Miriam. Neste dia o MIIM nasceu como projeto artístico e recebeu as primeiras visitas.



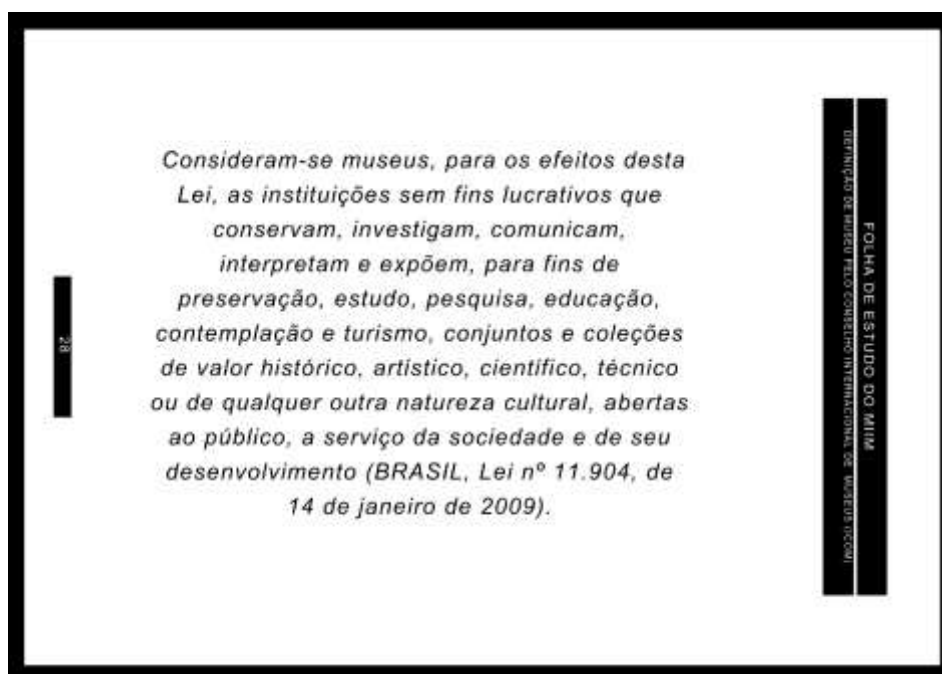
⁴³ Curso pré-vestibular executado pela ONG CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré).

FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (27) – PRIMEIRAS VISITAS DO MUSEU MIIM, EM 10 DE AGOSTO DE 2019 – FOTO SELFIE: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 102)

2.1 “Isso é um museu?” “Isso é um museu!”



BIOGRAFEMAS DO MIIM 2 E 3 (IMAGENS 103 E 104)



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (28) – DEFINIÇÃO DE UM MUSEU SEGUNDO A LEI 11.904, DE 14 DE SETEMBRO DE 2009 (IMAGEM 105)

Conforme registro da folha de estudo do MIIM (25) que traz a definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM), “um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos” (definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga⁴⁴).

A caixa de papelão é o único endereço fixo do Museu MIIM, é o local da guarda das coleções físicas. Além das coleções, construo ações no campo da fotografia que se projetam para fora da caixa, como um fotojornal com duas publicações (2021 e 2022). Uma galeria localizada na Rua 7, na Vila do João, e uma Feira de Fotografia Popular, na qual os participantes expõem trabalhos fotográficos, dialogam com o público e vendem os trabalhos numa negociação direta entre artista e visitante.

A feira surgiu, de forma espontânea, em setembro de 2022, durante o Festival Internacional de Fotografia Paraty em Foco (PEF)⁴⁵. Naquele mês levei o Museu MIIM para Paraty com a Ação Poética “A rua é o museu do mundo”⁴⁶, trabalho desenvolvido por ruas do Centro em parceria com o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. Expus a ação por ruas de Paraty durante o festival, mas fora do circuito oficial do PEF. Se juntaram a mim meus alunos da Escola de Fotografia Popular e, durante três dias, expusemos, dialogamos com o público e vendemos trabalhos fotográficos no Largo de Santa Rita. Desde então venho expondo e aprimorando a feira como uma ação artística coletiva com a estética de uma feira popular. Com esse trabalho busco problematizar dois aspectos sensíveis para os/as fotógrafos/as populares: espaços de exposição e geração de renda — na feira o participante expõe e vende seus trabalhos de forma direta.

⁴⁴ Disponível em: www.icom.org.br. Acesso em: 23/01/2023.

⁴⁵ Disponível em: www.pefparatyemfoco.com.br. Acesso em: 25/01/2023.

⁴⁶ Folha de Estudo do Museu MIIM (6).

Na virtualidade o museu conta com um site⁴⁷, no qual é exposta uma edição de imagens do Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, e perfis nas redes sociais, como Instagram⁴⁸ e Facebook⁴⁹, através dos quais mantenho o público informado sobre as ações cotidianas do museu.

Ao começar a circular com a caixa por ruas da Maré executando as Ações Poéticas fui colecionando experiências e recebendo retornos dos visitantes a respeito da proposta artística. O museu-caixa é, inicialmente, uma invenção provocada por mim, mas a síntese (em andamento) é o resultado dos inúmeros retornos que recebo dos visitantes das ações.

Por essas razões, a cada ação eu buscava incluir sugestões do público, e novas experimentações surgiam. Como trabalho o tempo todo fazendo adaptações a cada local em que me apresento, entendi que não era funcional ter um desenho como modelo para as atividades, pois cada apresentação requer modificações de adaptação ao local. Essa condição possibilitou que cada uma das ações tivesse uma *expografia* própria, gerando performances efêmeras. O que resta delas são as imagens do acontecimento e as memórias inscritas nas Folhas de Estudos do MIIM. Conforme ia construindo um acúmulo através das experiências, o assentamento do sentido amplo do Museu MIIM foi aparecendo. Um ponto importante é que o MIIM, de algum modo, autoriza as pessoas a sugerir formas nesta expografia. O nome do fotojornal, a mesa de bar, esses e muitos outros elementos foram incorporados por sugestões de visitantes. Certa vez, uma visitante me propôs que eu fizesse uma chamada pública para artistas da Maré, acatei a sugestão e dessa ação foi construída a exposição coletiva “Maré na Pandemia”.

Uma parte dos retornos que tive dos visitantes está resumida nos biografemas “Isso é um museu?” e “Isso é um museu!”. Esses retornos são importantes por reforçarem que a caixa é capaz de provocar a imaginação, processo pretendido com a criação do MIIM. Os dois biografemas são emoções. O primeiro é uma pergunta (“Isso é um museu?”), um questionamento que, a princípio, me parecia dirigido à performance de apresentação da caixa como museu. Entendi que era isso, mas era também um gesto que se estendia à imagem dos museus clássicos, os museus monumentais. O visitante, ao acessar o museu na caixa, ativa sua imaginação (imagem) do museu tradicional,

⁴⁷ Disponível em: museumiim.com.br.

⁴⁸ @museumiim.

⁴⁹ Museu MIIM.

aquele museu monumental que é abrigado em prédios ou conjuntos de prédios. É perfeitamente compreensível que aconteça esse questionamento sobre a possibilidade de uma caixa ser um museu. O segundo biografema surgiu paralelamente à pergunta, agora uma exclamação, pois muitos visitantes ao ter contato com a caixa exclamavam “Isso é um museu!”, uma situação de espanto. Didi-Huberman (2016, p. 10), ao averiguar as raízes das emoções, diz a respeito da exclamação: “O ponto de exclamação responde pelo primeiro de todos os gestos filosóficos, o de se espantar diante de algo, de alguém, de uma experiência”. O espanto dos visitantes em relação à caixa do MIIM é o acionamento do imaginário que se depara com a imagem dos museus monumentais de prédios ou complexos de prédios.

Quem disse que um museu precisa ter um prédio monumental? O museu como instituição tem essa forma bastante estabelecida, difundida e aceita. É uma instituição que se transforma desde seu nascimento, no século XVIII na Europa, momento em que o conceito se estabelece, quando os equipamentos de guarda de coleções deixam de ser uma propriedade privada do príncipe e passa a ser uma propriedade pública do Estado. No século XX, os museus ganham novos rumos, adotam a noção do turismo cultural, da importância de seu papel social e econômico (GOB; DROUGUET, 2019, p. 40-51).

O crítico John Berger, no artigo “Para entender uma fotografia” (1968, p. 36), fez o seguinte argumento: “Os museus funcionam como casas de nobreza às quais o público, em horas delimitadas, é admitido como visitante. A natureza classista da ‘nobreza’ pode variar, mas assim que uma obra é posta num museu ela adquire o *mistério* de uma forma de vida que exclui as massas”. Na contemporaneidade, os museus se veem diante de mais uma mudança. O fenômeno do aparecimento de novas formas de museus é observável a olho nu. Existe um desejo nos setores populares de apropriação e ressignificação da palavra, isso possibilita o surgimento de formas novas dessa instituição chamada museu, não mais em prédios monumentais. O que é importante nestas formas de museu é o gesto voltado para coleção, conservação, interpretação e exposição do patrimônio material e imaterial de povos favelados, quilombolas e indígenas. O documento “Guia de Museus”, produzido pela instituição Rio on Watch em seu último mapeamento, em 2020, lista 26 Museus de Favelas e Projetos de Memórias na cidade do Rio de Janeiro:



*FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (29) – GUIA COM O MAPA DOS MUSEUS DE FAVELAS E PERIFÉRIAS DO RIO PRODUCIDO PELA RIO ON WATCH*⁵⁰ (IMAGEM 106)

Em termos gerais, o museu é o local para onde se encaminha trabalhos artísticos. O MIIM subverte essa ordem, é um trabalho de arte ao mesmo tempo que se pretende como museu, sendo o destino e o fim das fotografias populares.

2.2 Sobre as caixas de sapatos – museus fotográficos particulares dos moradores da Maré

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,

⁵⁰ Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=52171>. Acesso em: 23/01/2023.

isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que de um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,

por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar. (Antonio Cicero, 2019, p.15).



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (30) – COLEÇÃO DE ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS DA CAIXA DE SAPATOS DE CLENIA ARANDIBA (IMAGEM 107)

Gob e Drouguet (2019, p. 34), ao tratarem do tema da museologia, definem o *coleccionismo* da seguinte forma: “A palavra ‘coleccionismo’ — cujo sufixo *ismo* revela um valor mais teórico, mais conceitual — designa, por sua vez, um fenômeno muito

mais restrito, situando de modo preciso no tempo e no espaço”. Em relação ao colecionador, Pimentel diz: “O colecionador, ao recolher as imagens e os objetos, retira-os desse circuito no qual transitam entre a representação de uma identidade ou uma representação de uma ideia. O colecionador destaca-os dessa dinâmica possibilitando uma via liberadora. Por sua vez, essa liberação ocorre por meio de uma parada nos modos de circulação dessas imagens, que entram em uma composição que permite a construção de um ‘sonho comum’” (2014, p. 230).

As “Imagens da vida em comum da Maré” são organizadas a partir das fotografias dos álbuns fotográficos das famílias da região, são as imagens que pertencem aos museus fotográficos organizados nas caixas de sapatos espalhadas pelas muitas casas dessas favelas. Esse ritual de guardar as imagens em caixas de “sapatos” me parece ter traços de universal. Bourdieu (2006, p. 31) analisou as imagens da caixa de sapatos de seu amigo Janot e Pimentel (2014, p. 11) analisou a caixa de sapatos com fotografias de sua avó.

A presente pesquisa é uma ampliação do meu estudo sobre as Imagens da Maré, que em 2022 gerou a publicação do livro “Imagens da Maré – Narrações fotográficas da favela”. Neste livro articulo um inventário de quatro seguimentos de imagens: imagens das remoções; imagens das palafitas; imagens da violência e imagens do povo (SANTOS, 2022, p. 119). Aqui, eu me empenho na inclusão de um quinto seguimento de imagens e tenho chamado essas fotografias de “Imagens da vida em comum da Maré”. Acrescento ao inventário o seguimento das imagens de álbuns de família dos moradores da Maré, uma modalidade importante para se pensar as favelas da Maré nesta chave das imagens.

2.3 A “caixa de sapatos” de Clenia Arandiba



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (31) – CLENIA BRINCA COM UM BALÃO DE FESTA NA RUA OLIVEIRA, 2013 (IMAGEM 108)

Clenia é moradora da Baixa do Sapateiro, a segunda favela a surgir na região da Maré, por volta de 1955. Ela pertence a uma das primeiras famílias a ocupar essa favela

no início da segunda metade do século XX. Minha relação com Clenia é de longa data, e sempre foi mediada pela fotografia. Fui, por exemplo, o fotógrafo da festa de aniversário de seus 50 anos, uma verdadeira celebração coletiva realizada no salão de festas do Jones na Baixa do Sapateiro. Também a fotografei em outros momentos sociais festivos e eventos ligados ao futebol, como as exibições dos jogos da Copa do Mundo de 2014. Clenia é uma moradora que desfruta de bastante reconhecimento social nesta favela.

O meu acesso ao arquivo fotográfico de Arandiba ocorreu quando fiz uma Ação Poética em um bar da Baixa do Sapateiro (Fotobiografema do MIIM/Imagem 12). Clenia foi uma das visitas mais atentas e mais interessadas naquela ação. Após a visita ao MIIM, ela me procurou para colocar à disposição do projeto seu acervo fotográfico pessoal, material composto por mais de uma dezena de álbuns fotográficos com imagens impressas em tamanho 10x15 cm. Recebi os álbuns e procedi da seguinte forma: 1) examinei-os um a um, fazendo uma apreciação mais geral, a fim de formar algum entendimento para o uso do material; 2) Por entender que o material fotográfico continha toda sua história visual, realizei uma digitalização e imediatamente devolvi os álbuns para Clenia.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (32) – FOTOGRAFIA DA CAIXA DE SAPATOS DE CLENIA (IMAGEM 109)

Nesta cena, Clenia foi fotografada segurando um cabrito. Com base nas informações contidas no álbum e nas verificações com a interlocutora, não é possível determinar a autoria da imagem. Sei apenas que se remete à década de 1980 — essa informação, sem muita precisão, é fornecida pela moradora, mas também pode ser verificada com base nos relatos que os moradores fazem dessa paisagem naquela década.

Os álbuns fotográficos de Clenia são compostos por duas situações, ou dois modos de olhar: em boa parte das imagens, ela é o assunto das fotografias, às vezes aparece sozinha, em grupos familiares ou com amigos e amigas, mas há imagens em que Clenia é a autora das fotografias. Uma questão interessante, pois revela que ela tinha o desejo do registro do outro e andava rotineiramente com um equipamento fotográfico. Nestes termos, cabe dizer que Clenia é autora de muitas imagens, mas, ao mesmo tempo, é retratada. Esta é uma condição verificada em meu próprio álbum fotográfico (SANTOS, 2022, p. 45) e em outros álbuns a que tive acesso nesta pesquisa.

A paisagem em que Clenia aparece nesta foto (Imagem 100) remete à região onde hoje fica a favela Nova Maré⁵¹. Ao fundo, aparecem homens que se preparavam para jogar bola, muito provavelmente pertenciam ao time local “Passa Regua”, grupo que aparece em muitas cenas fotográficas dos álbuns de Clenia. Na imagem vejo trechos da paisagem onde hoje funcionam a Vila Olímpica da Maré e o CIEP Operário Vicente Mariano, toda a cena no entono da personagem fotografada mostra uma Maré em construção: ao vaguear pela imagem, processo chamado por Vilém Flusser (2018, p. 15) de *scanning*, mas também poderia dizer que eu a vejo com os olhos que viram aquela paisagem nos anos 1980, trechos referentes à abertura do livro *Clamara Clara* (BARTHES, 2015, p. 13).

O arquivo fotográfico de Clenia tem abordagens variadas. Os álbuns são compostos por cenas de eventos sociais, como jogos de futebol, apresentações de grupos de pagodes, festas juninas e desfiles de concursos de beleza. Até eu apareço em uma fotografia de um dos álbuns, um pouco mais à frente mostrarei a imagem e o contexto em que fui registrado por Clenia. Boa parte das fotografias foram feitas no bar Luar Tropical, comércio local da família Arandiba na Rua Oliveira.

⁵¹ A Nova Maré pertence ao bloco de favelas que surgiram na paisagem da Maré no anos 1990.



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (33) – IMAGENS DOS ÁLBUNS FOTOGRAFICOS DE CLENIA (IMAGENS 110, 111 E 112)

A folha 33 de estudo do MIIM reporta cenas no bar Luar Tropical. Não é possível precisar exatamente o ano, mas do finalzinho dos anos 1990 ao início dos anos 2000 o bar funcionava na favela Baixa do Sapateiro, na Rua Oliveira. Ele aparece nos álbuns como um tema bastante relevante da memória fotográfica de Atandiba. Pela leitura das imagens, o Luar Tropical foi um ponto de encontros, um verdadeiro centro de convívio. Ali, os frequentadores se reuniam para jogar baralho, dominó e sinuca, enquanto aos finais de semana desfrutavam do famoso pagode da Rua Oliveira, uma tradição na área antes da popularização dos bailes de rua. Os moradores locais se reuniam, bebiam cerveja e aproveitavam até altas horas da noite.

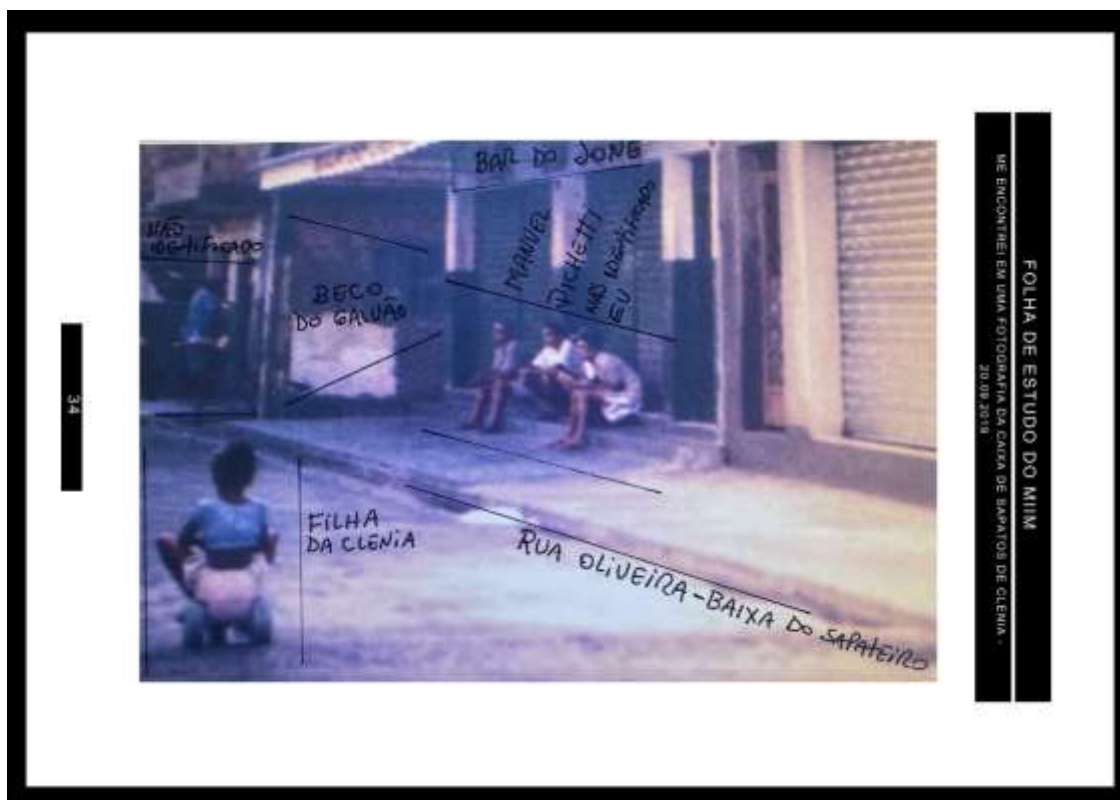
O Luar Tropical também era palco de eventos, como as tradicionais festas juninas, os concursos de beleza para eleger a criança mais bonita da favela e, eventualmente, shows de música ao vivo com grupos de pagode locais. Todas essas histórias estão registradas nas fotografias dos álbuns da caixa de sapatos de Clenia, que foram colocados à disposição dessa pesquisa.

Ao vaguear pelas imagens dos 15 álbuns fotográficos que Clenia doou para este estudo, muitas imagens chamam atenção, mas uma fotografia em especial prendeu meu olhar. Trata-se de uma foto que, aos olhos viciados de um fotógrafo, não merecia demora. A imagem não tem foco e os personagens enquadrados não aparecem com nitidez, mas eu reconheço na fotografia a paisagem da Rua Oliveira, rua em que morei na Maré por duas décadas. Ao verificar com Clenia alguns assuntos da imagem, ela só conseguiu me dizer com exatidão que queria fotografar sua filha (E.A), criança que aparece bem distante no enquadramento andando em um *velotrol*⁵². Mas no restante da imagem não dá para ver muito, principalmente pelo alto nível de desfoque.

A câmera enquadra a filha e traços paisagísticos da rua, como a fachada do bar do Jones, o mais famoso e importante bar de toda a Baixa do Sapateiro naquela época. Eu morava na Rua Praia de Inhaúma, na verdade, mas a maioria de meus amigos morava na Rua Oliveira — Dudu Cabeça, Dudu Capeta, Quiker e Pará —, onde também morava minha tia Antônia. Por conta dos vínculos familiares e dos laços de amizade, boa parte de meu tempo livre eu passava nesta rua, principalmente no bar do Jones, local de encontro com os amigos. Talvez por esta razão eu tenha me detido tanto nesta foto sem foco e sem graça para os gostos de um fotógrafo. Mas, ao olhar com mais atenção, fui reconhecendo alguns dos personagens da fotografia, e um deles sou eu! Ao lado de Pichetti e Manuel, a terceira pessoa que aparece conosco não é possível ser identificada, tudo na fotografia saiu fora de foco, tanto o objeto principal (a filha de Clenia) como todo o resto da imagem — me reconheci na foto ao fazer um escaneamento da imagem. Primeiro, a foto me interessou pela sua paisagem. ao olhar com atenção me reconheci com base em traços físicos e características da roupa **(IMAGEM 113⁵³)**.

⁵² Brinquedo muito comum nos anos 1990.

⁵³ Folha de estudo do MIIM (34).



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (34) – IMAGEM DA CAIXA DE SAPATOS DE CLENIA (IMAGEM 113)

2.4 A “caixa de sapatos” de Rosângela Barbosa⁵⁴

Rosângela Barbosa é moradora do Morro do Timbau, a primeira favela a surgir na paisagem da Maré. Ela tem conhecimentos técnicos em fotografia, pois cursou a primeira edição da Escola de Fotógrafos Populares (EFP) do projeto Imagens do Povo, da instituição Observatório de Favelas.

Ela atua em pastorais da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, uma importante paróquia católica na Maré. Parte do acervo de Rosângela, ao qual tive acesso nesta pesquisa, aborda não só atividades da igreja, mas também eventos sociais desenvolvidos por ela e seu companheiro, como distribuição de brinquedos no Dia das Crianças; cenas da vida social local, como jogos de futebol; e registros de alguns problemas sociais, como a violência, a que Rosângela dedicou um pequeno ensaio de casas com marcas de furo de balas. Seu arquivo de imagens está quase todo em mídias digitais, como CDs, DVDs. Já quanto aos temas fotografados, os arquivos de Rosângela são semelhantes aos

⁵⁴ **Folha de Estudo do MIIM (7).**

de Clenia, como o registro de festas sociais e jogos de futebol. Um breve recorte do material fotográfico de Rosângela pode ser acessado na folha de estudo 7, página 54 deste volume.

2.5 A caixa de sapatos de José Batista

O arquivo fotográfico de José Batista, morador da Vila do João, tem as mesmas características do arquivo de Clenia, com imagens em que José é retratado e outras que retratam o entorno de sua vida social. A centralidade das narrações fotográficas dos álbuns de José é um bar de sua propriedade, as imagens são em contexto do bar: homens jogando baralho ou em momentos festivos. Em uma outra parte dos álbuns aparece a família, sua esposa e seus filhos em situações de lazer e em festas de aniversário. Muitas das cenas têm como pano de fundo o bar que funcionou por várias décadas na Rua 7 da Vila do João.

Materiais visuais da caixa de sapatos de José Batista podem ser verificados no Livro de Fotobiografemas, imagem 4, na folha de estudo 6 e no Catálogo da exposição “Imagens da Maré: um pequeno inventário visual”, página 149.

2.6 Caixa de sapatos do Bhega Silva

Bhega é um artista morador da favela Parque União, mas nascido e criado na favela Praia de Ramos, fato que gosta sempre de destacar. Suas ligações identitárias são fortes com o Piscinão de Ramos, local afetivo e tema de algumas de suas composições musicais e práticas políticas voltadas para a temática do meio ambiente. Ele fundou, em 2014, o projeto Cineminha no Beco, uma ação de exibição de filmes para crianças em becos e ruas de todas as favelas da Maré.

Bhega é profundamente interessado pela guarda da memória fotográfica, em especial da região do Piscinão de Ramos e redondezas, como as comunidades Roquete Pinto e Marcílio Dias. Ele recebe rotineiramente arquivos fotográficos e pequenos trechos de filmes enviados por moradores e compartilha em suas redes sociais esses achados. Um dos maiores acervos fotográficos da região se encontra em posse do artista. No momento, ele trabalha em uma exposição fotográfica desse material.

Bhega, além de um interlocutor neste estudo, também é um personagem retratado fotograficamente em vários momentos da pesquisa. Ele aparece, por exemplo,

em um dos fotobiografemas (imagem 14, página 33). Uma das visitas que fiz ao arquivo fotográfico de Bhega está documentada na folha de estudo 9, página 56. Na condição de artista, ele foi fotografado por Jean Barreto, foto publicada na primeira edição do Fotojornal do MIIM — o registro dele com seu violão e a Praia de Ramos ao fundo pode ser conferido na página 172. Além disso, Bhega foi personagem de uma das fotografias do ensaio fotoetnográfico “Coisas na Maré que lembram o MIIM”, cuja foto pode ser vista na página 194.

2.7 A caixa de sapatos de Sara Alves⁵⁵

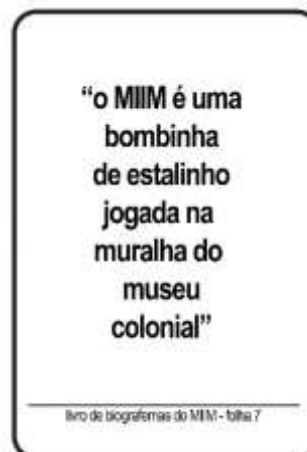
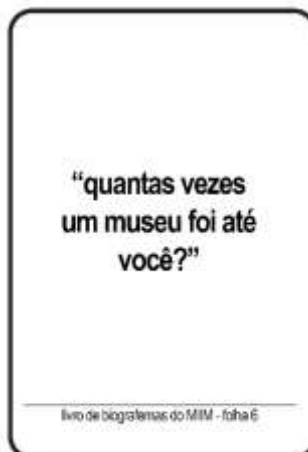
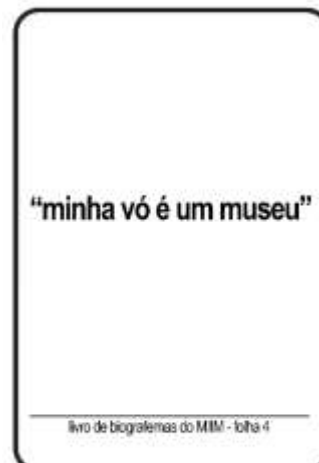
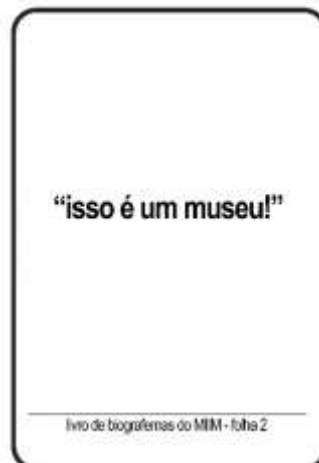
Sara Alves tem sua origem na favela Nova Holanda, mas se estabeleceu na Vila do João nos anos 1980. Ela tem um arquivo fotográfico semelhante ao de Clenia. No percurso da pesquisa fiz ao menos duas visitas à casa dela, onde pude ter acesso a parte do material. O arquivo é composto na sua maioria por fotografias que pertencem aos álbuns de sua família, mas ao longo da vida e de suas relações sociais e de trabalho — na função de educadora, assistente social e pessoa interessada pela memória visual da Maré — foi também absorvendo arquivos de instituições, como escolas e de outros moradores.

⁵⁵ Fiz uma visita exploratória ao arquivo da Sara em 14.05.2020.



ENSASIO FOTOETNOGRÁFICO “COISAS DA MARÉ QUE LEMBRAM O MIIM” – NEGATIVO ACESSADO NA CAIXA DE SAPATOS DE SARA ALVES – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (**IMAGEM 114**)

2.8 Livro de folhas dos biografemas do MIIM





Já nas primeiras ações que realizei com a caixa do Museu MIIM por ruas da Maré duas reações (emoções) dos visitantes passaram a me chamar atenção: a primeira é uma exclamação — os visitantes diziam: “Isso é um museu!”. Essa emoção, em alguns casos, é expressa logo no contato inicial com a caixa, mesmo antes do visitante ter uma experiência mais geral, mas a reação também apareceu em visitas mais demoradas e completas. Ao mesmo tempo, há os visitantes que reagem registrando uma segunda emoção, esse grupo interrogava filosoficamente dizendo “Isso é um museu?”. As duas emoções são gestos filosóficos nos termos colocados por Didi-Huberman (2016, p. 11).

“Minha vó é um museu” é o biografema construído na apresentação da ação no CIEP Gustavo Capanema. Neste encontro foi onde também construí os biografemas “Quantas vezes você foi em um museu?” e “Quantas vezes um museu foi até você?”. “A Maré fica dentro dessa caixa” foi dito por uma menina da Nova Holanda ao ter acesso à caixa do MIIM.

Os biografemas são fragmentos textuais que captam as emoções, as críticas, as definições do que é o MIIM e as sugestões que o público visitante das Ações Poéticas do museu compartilha com o projeto.

3 AÇÕES POÉTICAS, EDUCATIVAS, CULTURAIS E ARTÍSTICAS

O significado da palavra inventariar aponta para o ato de relacionar, catalogar, classificar e listar (série de coisas). O inventário das imagens da Maré pode ser entendido como toda a comunidade de imagens fotográficas que comunicam qualquer tema relacionado ao contexto sociocultural das favelas da Maré. Devido à vastidão e à diversidade do acervo fotográfico do inventário é preciso produzir enquadramento e processos de classificação (Santos, 2022, p. 115).

Trabalho desde os estudos de meu mestrado pesquisando e organizando os inventários das imagens da Maré, com a invenção do Museu MIIM faço uma ampliação da organização do procedimento de inventariar as imagens. O Acervo Histórico-Poético das imagens da Maré é composto pelas ações de exposições, auto publicações, festivais e pelas imagens que são geradas pela ação “Imagens de Contato”. Esses dois eixos estruturantes do MIIM geram um montante de três mil arquivos fotográficos e mais as coleções de vídeos organizados por mim desde 2007. Esses esforços se juntam aos anteriores, como a publicação, em 2022, do livro “Imagens da Maré – narrações fotográficas da favela”, no qual discuto as bases fundamentais desse meu estudo.

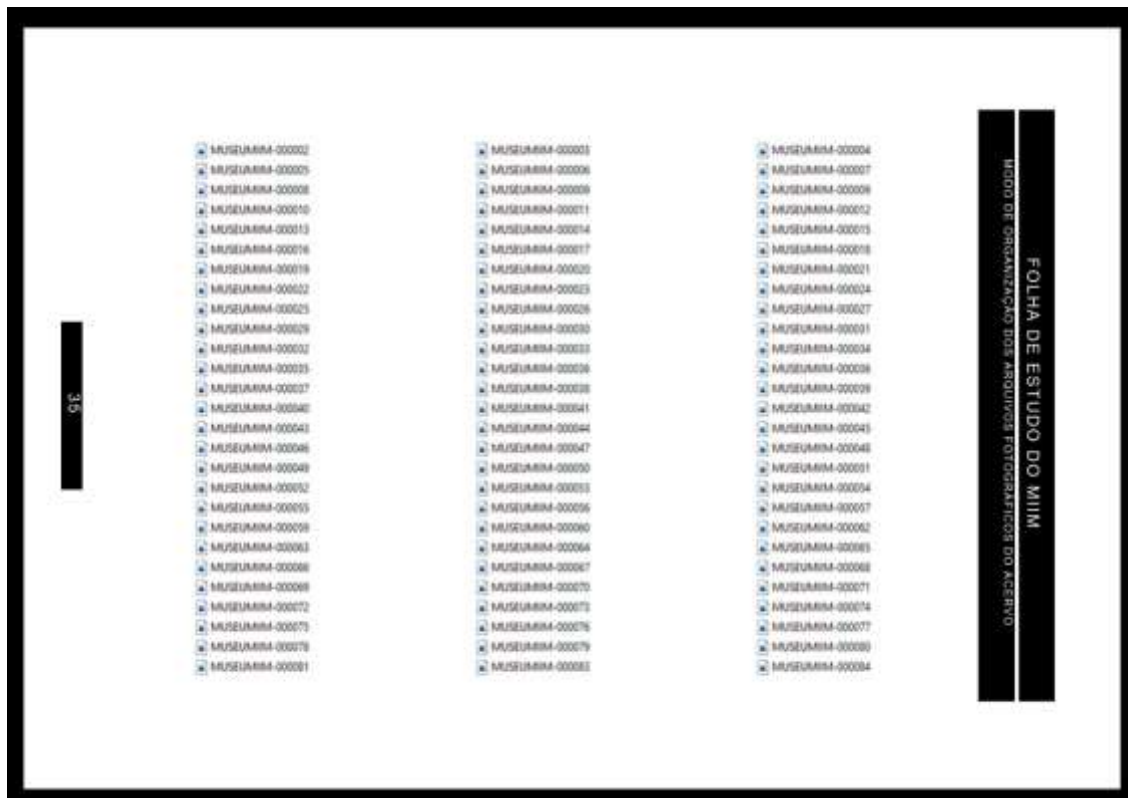
As três exposições virtuais realizadas no contexto da pandemia de COVID-19 são parte dos esforços de ampliação do acervo fotográficos do MIIM. A primeira delas, “Maré na Pandemia”, foi realizada em 2020 através de chamada pública e convites diretos aos artistas. A mostra coletiva contou com 27 imagens de 11 autores. Já a exposição “Imagens da Maré: um Pequeno Inventário Visual”, de 2021, foi construída no auge da pandemia e contou com uma pesquisa feita em acervos diversos: utilizei imagens do acervo MIIM, do Arquivo Nacional, da Fiocruz e da Hemeroteca Digital. Essa mostra contou com 28 fotografias. “Imagens da Maré – arte cultura”, também de 2021, foi a última exposição virtual em contexto pandêmico, nesta priorizei fotografias da vida artística e cultural da Maré, com imagens do acervo MIIM e dos acervos pessoais dos artistas. Ao todo, exibi nessa exposição 43 fotografias de artistas mareenses.

3.1 **Ação Poética “Imagens de Contato”**

“Imagens de Contato” foi concebida como uma experiência estética realizada através da projeção e da apresentação de imagens impressas ou na forma de projeções que se realizam em qualquer superfície — parede, chão, teto e até no corpo do artista ou do público visitante. O material fotográfico das ações pertence sempre ao “Histórica-Poética de Imagens de Maré”, que constitui o acervo do Museu MIM. A performance é conduzida por mim, que ao disponibilizar coleções de imagens da Maré aos visitantes busco estabelecer interações com o público. Esta iniciativa serve como uma visita guiada pelas Imagens da Maré, proporcionando uma imersão nas histórias, memórias e percepções do artista — e, às vezes, do público — sobre as imagens que se conhece do complexo de favelas.

3.2 **Acervo fotográfico MIIM**

O acervo fotográfico MIIM é uma base de dados onde as imagens fotográficas são predominantes. Esse arquivo base serve para ações artísticas do museu e é também aberto para pesquisadores interessados no tema das imagens da Maré. Essa ferramenta terá o objetivo de auxiliar artistas e estudantes multidisciplinares que tenham interesse em refletir sobre a política das imagens da Maré. O acervo, inicialmente, contará com 3.000 fotografias que poderão ser acessadas através do site , que ficará disponível dentro da plataforma que abriga o site do MIIM. Os arquivos são liberados mediante senha. A seguir exponho um exemplar da estrutura do arquivo e os procedimentos arquivísticos usados na organização da base de dados:



FOLHA DE ESTUDO DO MIIM (35) – FORMAS NÚMERICAS DA ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO FOTOGRÁFICO DO ACERVO HISTÓRICO-POÉTICO DAS IMAGENS DA MARÉ (IMAGEM 115)

O primeiro procedimento é a nomeação do arquivo com o nome “MUSEUMIIM” seguido de uma série de números crescentes. Posteriormente, as imagens recebem uma indexação através de ferramentas como Lightroom e Photoshop, ambos softwares de imagem da Adobe. Indexar uma foto significa associar a esta imagem informações que permitam identificá-la em qualquer contexto em que for utilizada, além de localizá-la com facilidade em um banco de dados no qual os arquivos se encontram empilhados. No caso de uma fotografia digital, as informações básicas para fins de indexação consistem, na maioria das vezes, na criação de nome ou código para nomear o arquivo, na identificação do autor (através de crédito) e na descrição da cena (que pode ser feita segundo algum tipo de padrão estabelecido pelo pesquisador que opera o catálogo de imagens).

3.3 Exposições Virtuais

As exposições virtuais foram realizadas durante o período pandêmico, quando não foi possível realizar atividades presenciais com o MIIM. Ao todo, foram três mostras: “Maré na Pandemia”, “Imagens da Maré: Pequeno Inventário Visual” e “Imagens da Maré: Arte Cultura”. Essas exposições, exibidas nas redes sociais e ainda acessíveis no site do MIIM (museumiim.com.br), são uma parte importante das Ações Poéticas, que foram desenvolvidas durante o estudo. Durante a pandemia foi realizada também uma série de transmissões ao vivo no Instagram, produções que podem ser conferidas no perfil @franciscovaldean.

A primeira, “Maré na Pandemia”, foi produzida a partir de uma chamada aberta veiculada nas redes sociais, com o objetivo de receber imagens que retratassem como a Maré estava lidando com a pandemia de Covid-19. Os materiais recebidos por meio dessa chamada compuseram a mostra. O resultado curatorial é um diário visual de 11 moradores da Maré em contexto pandêmico. A segunda, “Imagens da Maré: Pequeno Inventário Visual”, surgiu como uma síntese da pesquisa e da vontade de compartilhar com o público as imagens que estavam sendo trabalhadas no estudo do MIIM. O material visual conta com produções de artistas locais e arquivos de instituições como Fiocruz, Arquivo Nacional e IMS-RIO. A mostra tem a ideia de tratar de modo mais geral, panorâmico e histórico, a região. Já a terceira, “Imagens da Maré: Arte Cultura”, teve como propósito exibir para o público que acompanha o MIIM as imagens da arte e da cultura contemporâneas da Maré. Nessa mostra reunimos imagens de movimentos artísticos e culturais locais, bem como de personalidades importantes das favelas da Maré. Trata-se de um olhar sobre a arte e a cultura no território. Neste trabalho nasceu o Fotojornal do MIIM, que inicialmente foi pensado para ser o catálogo da exposição. A edição do primeiro impresso pode ser conferida a partir da página 161 do volume.

As exposições virtuais ocorrem no intervalo dos anos de 2021 a 2022. Diante da impossibilidade de circulação com a caixa do MIIM, as Ações Poéticas passaram a ser executadas na internet. Criei uma plataforma para abrigar o site do museu e fiz uma campanha coletiva, exitosa, para arrecadar dinheiro para a efetivação do projeto. Pedi, através de uma vaquinha virtual, R\$ 5.000 e consegui R\$ 5.425. Com esse orçamento

foi possível efetivar três exposições coletivas, que envolveram cerca de 25 artistas locais.

3.4 Catálogo da exposição coletiva “Maré na Pandemia”



IMAGEM 116



IMAGEM 117

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA" IMAGE 3 OF 40

Esta fotografia é parte de um conjunto de 16 fotos digitais e foi realizada na laje de minha casa, na Vila do João, no período da quarentena. O tema de registro é "A Minha Sombra", nele eu sou a fotógrafa e a fotografada. Encanto e contrarresto comigo mesma. Em resumo, trata-se de uma brincadeira minha com o outro eu, a imagem também é o registro de um intenso melancólico nunca imaginado.

Nesse jogo as sombras se apresentam e são vistas por mim como possibilidades de nos resignificarmos... Mas as sombras que encuro me lembram também de momentos de minha infância na favela Nova Holanda, no barraco da antiga Rosa II, quando faltava energia elétrica e a gente brincava de criar imagens nas paredes utilizando a luz de vela. Na favela a gente brinca com as dificuldades.

Essa pandemia me fez relembrar sombras, as sombras que costumam representar medo e pavor para muita gente. A situação atual tem causado isso nas pessoas, devido a ciência que temos dos sintomas monstruosos de morte diários no Brasil e no mundo, além do gigantesco número de pessoas infectadas e hospitalizadas.

Ficar em isolamento tem sido uma possibilidade de aprofundar reflexões e olhar por diversos ângulos da vida. Nós vivemos, constantemente, diante de várias adversidades em nosso território e resignificar é o nosso forte. Então, nada mais corajoso e incentivativo do que fotografar minha própria sombra.

Com todo respeito a todas as perdas irreparáveis, aos nossos mortos, pois toda vida tem valor! Sombras sempre existirão, estão, seguimos orgulhosas e sem limites no que diz respeito ao nosso potencial humano. Somos existência.

Sejamos e estejamos inteiros, para encararmos essa quarentena com responsabilidade, respeito, sabedoria, fé, inventividade, solidariedade, muito amor e muita coragem, como sempre fomos.

Sara Alves, Vila do João/ Maré, 01/maio/2020.

Foto: Sara Alves/Maré na Pandemia

3. TEXTO / AUTORA SARA ALVES

IMAGEM 118

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA" IMAGE 4 OF 40



Foto: Sara Alves/Maré na Pandemia

4. FOTOGRAFIA-AUTORETRATO / SARA ALVES

IMAGEM 119



Bio da autora

5. BIOGRAFIA KAMILA CAMILLO

IMAGEM 120

Foto: Kamila Camillo/Maré na
Pandemia

6. FOTO / KAMILA CAMILLO

IMAGEM 121

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA"

IMAGE 7 OF 40



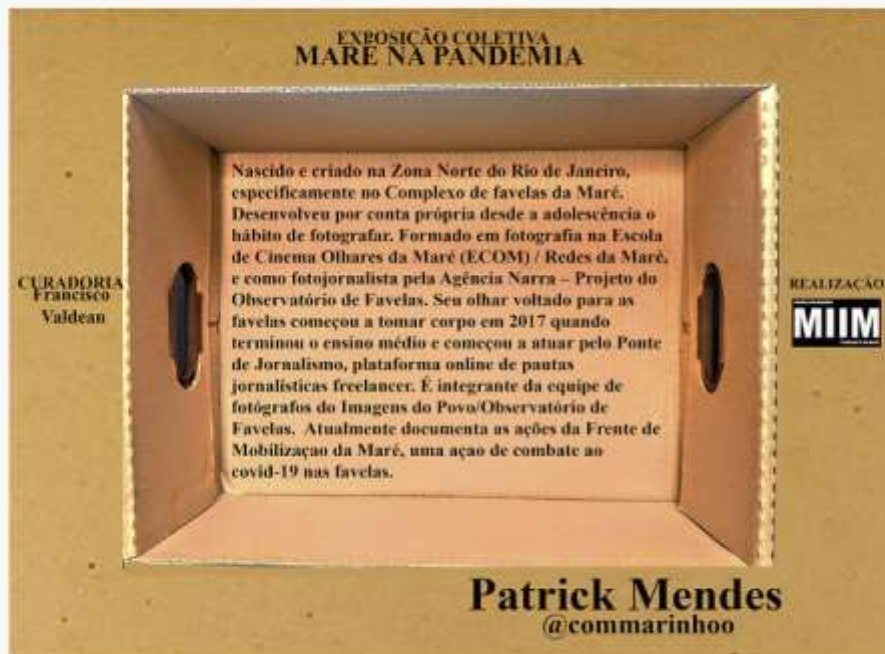
Foto: Kamila Camillo / Maré na Pandemia

7 . FOTO / KAMILA CAMILLO

IMAGEM 122

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA"

IMAGE 8 OF 40



Bio do do autor

8. BIOGRAFIA PATRICK MENDES

IMAGEM 123



Foto: Patrick Mendes / Frente de Mobilização da Maré

9. FOTO / PATRICK MENDES

IMAGEM 124



Foto: Patrick Mendes / trabalhadores/ Maré na Pandemia

10. FOTO / PATRICK MENDES

IMAGEM 125



IMAGEM 126



IMAGEM 127



Foto: Rosilene Miliotti / Maré na Pandemia

13. FOTO / ROSILENE MILIOTTI



Foto: Rosilene Miliotti / Maré na Pandemia

14. FOTO / ROSILENE MILIOTTI

IMAGEM 128

IMAGEM 129



Bio do autor

15. FOTO / DOUGLAS LOPES

IMAGEM 130



Foto: Douglas Lopes / Maré na Pandemia

16. FOTO / DOUGLAS LOPES

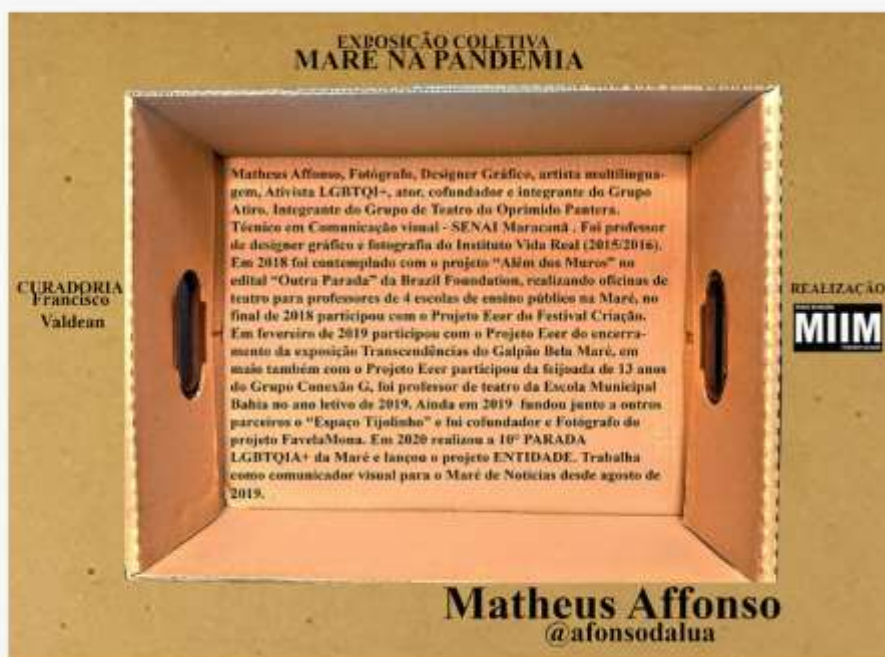
IMAGEM 131



Foto: Douglas Lopes / Maré na Pandemia

17. FOTO / DOUGLAS LOPES

IMAGEM 132



Bio do autor / Maré na Pandemia

18. BIOGRAFIA MATHEUS
AFFONSO

IMAGEM 133



Foto: Matheus Affonso / Ensaio ENTIDADE / artistas: Paulo Victor Lino e Wallace Lino.

19. FOTO / MATHEUS AFFONSO

IMAGEM 134



Foto: Matheus Affonso / Ensaio ENTIDADE / Artista: Jaqueline Andrade.

20. FOTO / MATHEUS AFFONSO

IMAGEM 135



IMAGEM 136

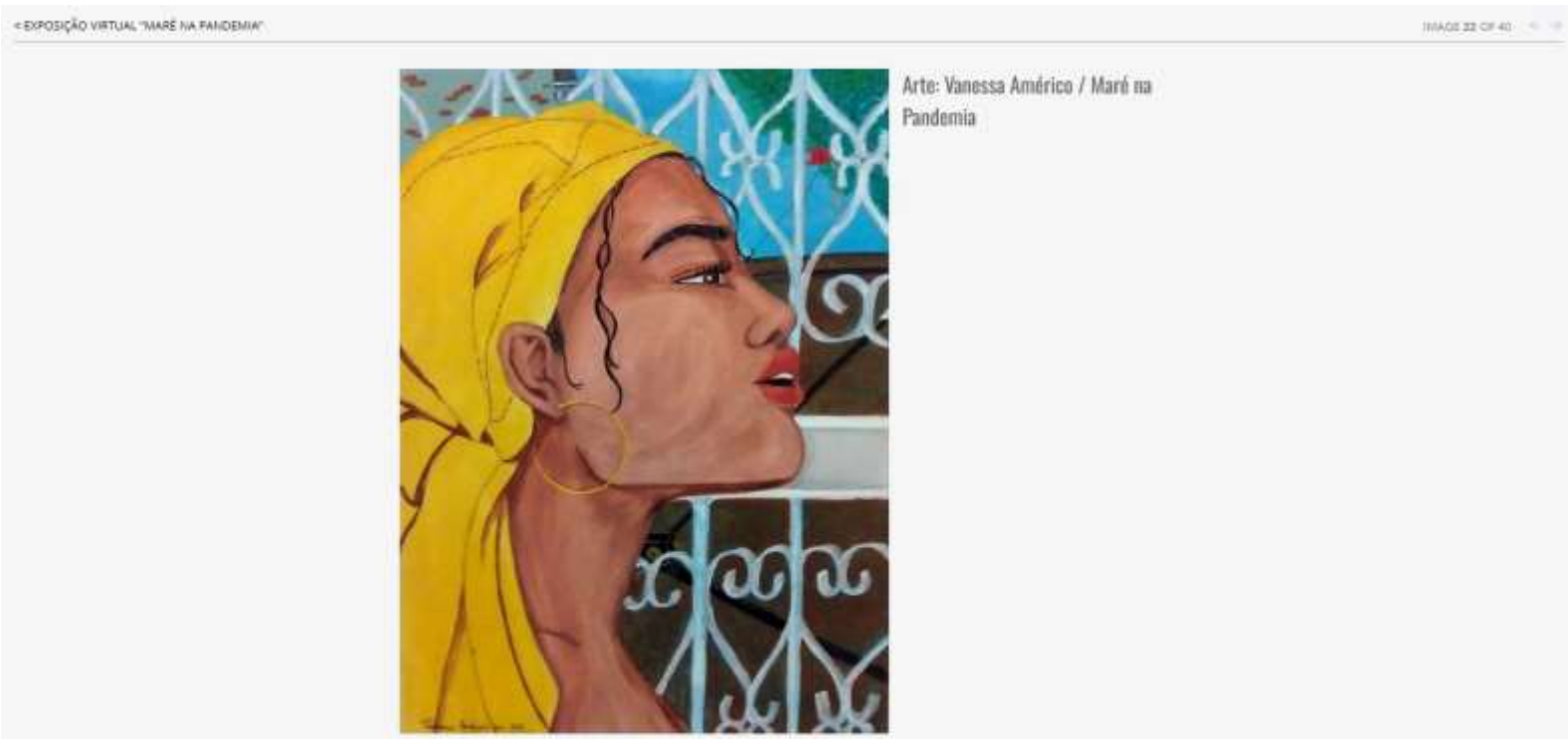


IMAGEM 137



Arte: Vanessa Américo / Maré na Pandemia

23. OBRA / VANESSA AMÉRICO

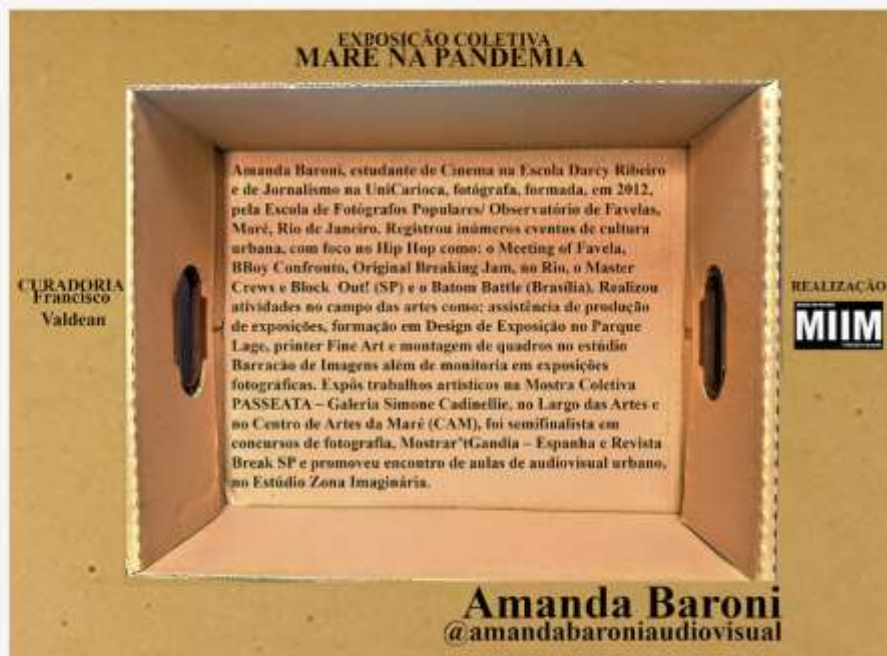


Arte: Vanessa Américo / Maré na Pandemia

24. OBRA / VANESSA AMÉRICO

IMAGEM 138

IMAGEM 139



Bio do autor / Maré na Pandemia

25. BIOGRAFIA AMANDA BARONI

IMAGEM 140



Foto: Amanda Baroni.

26. FOTO / AMANDA BARONI

IMAGEM 141

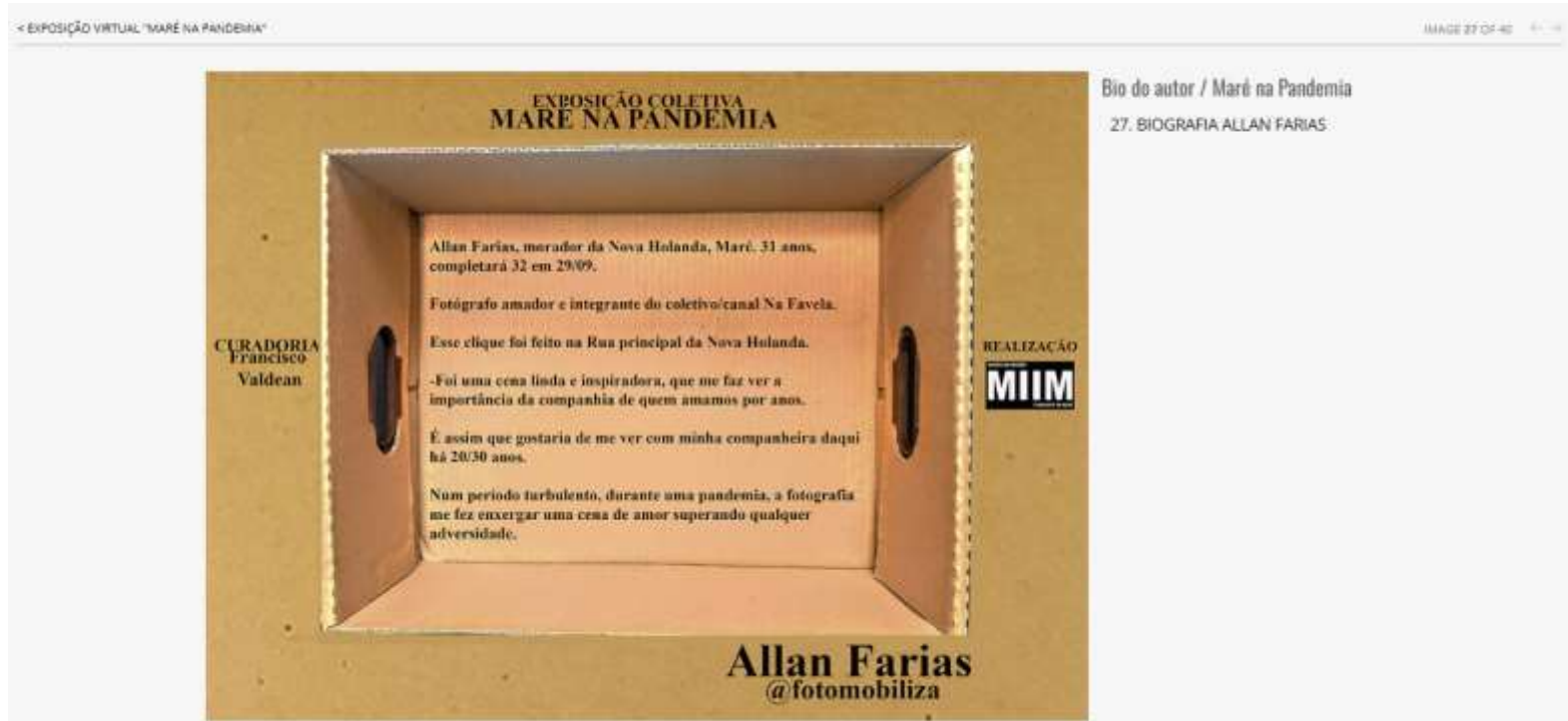


IMAGEM 142



Foto: Allan Farias / Maré na Pandemia

28. FOTO / ALLAN FARIAS

IMAGEM 143

**EXPOSIÇÃO COLETIVA
MARÉ NA PANDEMIA**

CURADORIA
Francisco
Valdean

Elisângela Leite, moradora da Maré, é fotógrafa formada pela Escola de Fotógrafos Populares em 2007. Compôs a equipe do jornal comunitário Maré de Notícias como fotógrafa. Formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Participou de várias exposições ligadas aos temas da violação dos direitos humanos. Nos seus trabalhos, ela esboça uma imagem da sociedade brasileira focando nos aspectos da vida cotidiana dos grupos fotografados.

REALIZAÇÃO
MIIM

Elisângela Leite
@elisangela.leite.photo

Bio da autora / Maré na Pandemia

29.BIOGRAFIA ELISÂNGELA LEITE

IMAGEM 144

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA"

IMAGEM 30 OF 40 < >



Foto: Elisângela Leite

30. FOTO / ELISÂNGELA LEITE

IMAGEM 145



Bio do autor / Maré na Pandemia

31. BIOGRAFIA FRANCISCO
VALDEAN

IMAGEM 146



Foto: Francisco Valdean

32. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 147



Foto: Francisco Valdean

33. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 148

Foto: Francisco Valdean

34. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 149



Foto: Francisco Valdean

35. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 150

Foto: Francisco Valdean

37. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 151

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA"

IMAGE 38 OF 40



Foto: Francisco Valdean

38. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 152

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA"

IMAGE 39 OF 40



Foto: Francisco Valdean

39. FOTO / FRANCISCO VALDEAN

IMAGEM 153

< EXPOSIÇÃO VIRTUAL "MARÉ NA PANDEMIA"

IMAGE 40 OF 40



Foto: Francisco Valdean

40. AUTORETRATO / FRANCISCO VALDEAN.

100

IMAGEM 154

3.5 Catálogo da exposição coletiva “Imagens da Maré: um pequeno inventário visual”



A exposição virtual “Imagens da Maré: um pequeno inventário visual” é fruto de meu interesse e processo de pesquisa das Imagens da Maré no contexto de invenção do Museu MIIM. Para a elaboração da curadoria visitei variados acervos — Arquivo Nacional, Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional, NUMIM – Redes da Maré e Museu MIIM – Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré —, arquivos de artistas locais e álbuns fotográficos de moradores. A exposição conta com 28 imagens com os temas: água, terra, vida cotidiana e instituições. Com este conjunto de fotografias proponho ao visitante um passeio por imagens do passado e do presente que contam histórias das favelas da Maré.

Nas imagens do passado, fiz um recorte que se inicia com um registro de 1909 do fotógrafo J. Pinto. Na fotografia podemos visualizar a região onde hoje se localiza a Vila do João, a Vila dos Pinheiros, o Conjunto Bento Ribeiro Dantas e o Morro do Timbau. No registro podemos observar um pequeno número de construções onde atualmente está localizada a Rua Praia de Inhaúma. Nos demais registros, referentes às imagens do passado, fiz recortes das primeiras construções de madeira, que posteriormente ficaram conhecidas como palafitas, e da chegada à Maré de moradores removidos de outras favelas da cidade.

Nas imagens da atualidade, o recorte traz cenas da vida cotidiana, como um jogo de sinuca no Fogo Cruzado, o campo da Paty na Nova Holanda, um lugar de encontros e celebração do futebol, foliões de carnaval na Rua Oliveira, um desfile do popular bloco Gargalo da Vila do João, a tradicional festa Junina da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, cenas da Escola Municipal Bahia e dos CIEPs Gustavo Capanema e Professor João

Borges de Moraes. Nas cenas finais da exposição, organizei três fotografias de artistas locais que miraram suas câmeras fotográficas para o céu que protege a Maré e seu povo.



MUSEU MIIM

MARÉ EM 1909 / ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ

A Maré em 1909 era assim. Na imagem, aparecem as regiões da Vila do João, Vila dos Pinheiros, Bento Ribeiro Dantas (Fogo Cruzado) e Morro do Timbau. Já existiam construções onde hoje é a Rua Praia de Inhaúma. As favelas da Vila do João e Vila dos Pinheiros surgiram na paisagem da Maré na década de 1980, após a derrubada das palafitas da Baixa do Sapateiro e o aterramento de todas as áreas alagadas.

Essa era a paisagem da região da Maré no início do século 20. A fotografia foi tirada a partir do Castelo Mourisco, que pertence à Fundação Oswaldo Cruz. No primeiro plano da foto de J. Pinto aparecem as áreas atualmente conhecidas como Vila do João e Vila dos Pinheiros. Ao fundo, vemos o Morro do Timbau (**IMAGEM 155**).



MUSEU MIIM

MORRO DO TIMBAU / 1960

O Morro do Timbau em uma fotografia aérea da década de 1960. A área onde teve início a ocupação de Maré aparece na imagem com um processo de ocupação bastante avançado.

museumim.com.br

IMAGEM 156



MUSEU MIIM

ATERRAMENTO DE REGIÃO DA MARÉ NOS ANOS 1970

Processos de aterramento na região de Maré, onde posteriormente foram traçadas a Avenida Bento Ribeiro Dantas e a Rua Praia de Iracema. Fotografia do Arquivo Nacional.

museumim.com.br

IMAGEM 157

← IMAGENS DA MARÉ: UM PEQUENO INVENTÁRIO VISUAL

IMAGE 3 OF 34



MUSEU MIIM

PALAFITAS DA MARÉ / 1975

Jogo de futebol em um campo alagado e improvisado durante o período em que as palafitas ainda existiam na Maré. A única referência remanescente desta paisagem é o golpão de fachada ovi localizado na Rua Praia de Inhaúma, atualmente utilizado como sede da Igreja Universal. Foto por Evaristo Teixeira.

museumim.com.br

IMAGEM 158

← IMAGENS DA MARÉ: UM PEQUENO INVENTÁRIO VISUAL

IMAGE 8 OF 34



MUSEU MIIM

CHEGADA DE NOVOS DOS MORADORES

Maré é uma região que recebeu intensamente pessoas de diversos lugares, e nos anos 60/70, esse fluxo foi significativo devido às muitas remoções de favelas de áreas como Lagoa Rodrigues de Freitas e Maracanã. Fotografia do Arquivo Nacional.

museumim.com.br

IMAGEM 159



MUSEU MIIM

NOVA HOLANDA, 1967

Nova Holanda, 1967. Nos momentos iniciais da ocupação, os moradores enfrentavam muitas dificuldades de acesso à água. Fotografia Arquivo Nacional.

museumiim.com.br



MUSEU MIIM

REMOÇÃO DAS PALAFITAS, 1979

Barracos de madeira, Beira do Sapeteiro em processo de remoção para aterramentos nos anos finais da década de 1970. Essa fotografia pertence ao arquivo da antropóloga Clárcia Felício.

museumim.com.br

IMAGEM 160

IMAGEM 161



MUSEU MIIM

VISITA DO MINISTRO
ANDREAZZA, VILA DO JOÃO, 1980

Ministro Andrezza em visita que fez na Maré no início dos anos 1980. Fotografia Arquivo Nacional.

museumim.com.br

IMAGEM 162

**MUSEU MIIM****INAUGURAÇÃO DE CASAS NA
VILA DO JOÃO, 1980**

Ministro Andreasza em visita que fez na Maré no início dos anos 1980. Fotografia: Arquivo Nacional.

museumim.com.br

IMAGEM 163**MUSEU MIIM****REUNIÃO DO MOVIMENTO
SOCIAL DA NOVA
HOLANDA, 1990**

Reunião de moradores do movimento social de Nova Holanda, anos 1990. Fotografia do acervo NUBIM - Redes da Maré.

museumim.com.br

IMAGEM 164

IMAGENS DA MARÉ: UM PEQUENO INVENTÁRIO VISUAL

IMAGEM 15 OF 34

**MUSEU MIIM****BINGO NA FAVELA NOVA
HOLANDA, 1994**

Moradores da favela Nova Holanda reunidos
em um grande bingo, 1994. Fotografia Jusé
Roberto Ripper.

museumim.com.br**IMAGEM 165**

**MUSEU MIIM**

NOVA HOLANDA, 1985

Nova Holanda na década de 1980. Fotografia
 --Acervo Anthony Leeds- Acervo da Casa de
 Oswaldo Cruz

museuim.com.br

IMAGEM 166**MUSEU MIIM**CAIXA DE SAPATOS DE JOSÉ
BATISTA, VILA DO JOÃO, 1990

Comemoração de aniversário em rua da Vila
 do João, anos 1990. Álbum do morador José
 Batista.

museuim.com.br

IMAGEM 167



MUSEU MIIM

CLENIA, BAIXA DO SAPATEIRO

Clenia Arandiba, é moradora da Maré. Em uma das exposições do Museu MIIM na Baixa do Sapateiro, Clenia foi uma das vistas mais atentas, em seguida colocou a disposição do MIIM todo seu acervo fotográfico. Fotografia do Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, acervo do MIIM.

museumim.com.br/

IMAGEM 168



MUSEU MIIM

A FAVELA SE DIVERTE, BENTO RIBEIRO DANTAS, 2007

Jogo de sinuca em bar da favela Bento Ribeiro Dantas (Fogo Cruzado), ano 2007. Fotografia do Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, acervo do MIIM.

museumim.com.br/

IMAGEM 169



MUSEU MIIM

DESPEDIDA

Despedida no campo de Fáty, Nove Molandes, Complexo da Maré, Rio de Janeiro, 2012.

museumim.com.br



MUSEU MIIM

CARNAVAL, BAIXA DO
SAPATEIRO, 2014

Foliões desfilam no carnaval de rua da Maré, na rua Oliveira, Baixa do Sapateiro. Fotografia do Acervo Museu MIIM, pertencente ao Acervo Histórico-Político das Imagens da Maré.

museumim.com.br

IMAGEM 170

IMAGEM 171



MUSEU MIIM

CARNAVAL, VILA DO JOÃO, 2014

Desfile do bloco Gargalo da Vila passando pela rua 7. Fotografia do Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, pertencente ao acervo do MIIM.

museumim.com.br

IMAGEM 172



MUSEU MIIM

PERFORMANCE ARTÍSTICA, VILA DOS PINHEIROS, 2018

Performance artística em rua da favela Vila dos Pinheiros. Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, pertencente ao acervo do MIIM.

museumim.com.br

IMAGEM 173



MUSEU MIIM

FESTA JUNINA DA NOSSA
SENHORA DOS NAVEGANTES,
2018

Festa junina da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Fotografia Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, pertencente ao acervo do MIIM.

museumim.com.br

IMAGEM 174



MUSEU MIIM

ESCOLA BAHIA, 2019

Escola Bahia, a mais antiga da região da Maré, cujo prédio foi inaugurado em 1936. Fotografia do Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré.

museumim.com.br

IMAGEM 175

**MUSEU MIIM**

**ESCOLA GUSTAVO CAPANEMA,
2013**

Atividade artística no Ciep Gustavo Capanema, 2013. Fotografia do Arquivo Histórico-Poético das Imagens da Maré

museumim.com.br

IMAGEM 176

**MUSEU MIIM**

**ESCOLA JOÃO BORGES DE
MORAES, 2018**

Apresentação da Orquestra Maré do Amenhê na Escola Estadual Professor João Borges de Moraes, Nova Holanda. Fotografia do Arquivo Histórico-Poético das Imagens da Maré.

museumim.com.br

IMAGEM 177



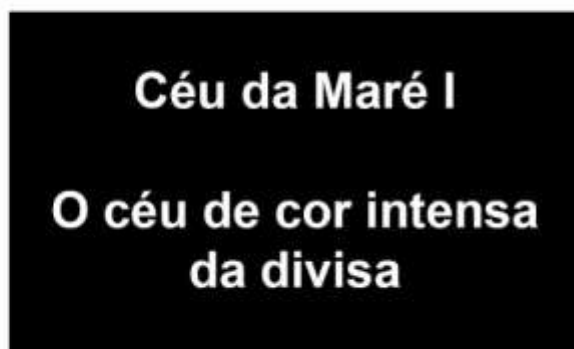
MUSEU MIIM

COMUNIDADE CATÓLICA NOSSA
SENHORA DOS NAVEGANTES,
2009

Comunidade católica da Igreja Nossa
Senhora dos Navegantes em atividades por
ruas da Maré. Fotografia de caixa de sapatos
da moradora Rosângela Bento.

museumim.com.br

IMAGEM 178



O presente trabalho foi viabilizado com verba conseguida através de uma vaquinha online.

Curadoria
Francisco Valdean

Foto:
Kamila Camillo
@photokamila



Museu MIIM
um Acervo
Histórico-Popular
das Imagens da
Maré

museumim.com.br

MUSEU MIIM

CÉU DA MARÉ I

museumim.com.br

IMAGEM 179



IMAGEM 180



IMAGEM 181



MUSEU MIIM

FOGOS DE SÃO JORGE BRILHAM
NO CÉU DA MARÉ

museumim.com.br

IMAGEM 182

Céu da Maré III

O céu do Morro do Timbau,
protegido pelo
encantamento poético do
arco-íris de Geandra Nobre

O presente trabalho foi viabilizado com verba conseguida através de uma vaquinha online.

Curadoria
Francisco Voldean

Foto:
Geandra Nobre
@geandranobre



Museu MIIM
um Acervo
Histórico-Poético
das Imagens de
Maré

museumim.com.br

MUSEU MIIM

CÉU DA MARÉ III

museumim.com.br

IMAGEM 183

← IMAGENS DA MARÉ. UM PEQUENO INVENTÁRIO VISUAL

IMAGE 34 OF 34 →



MUSEU MIIM

CÉU ENCANTADO DO MORRO
DO TIMBAU

museumim.com.br

IMAGEM 184

3.6 Fotojornal edição 1 – Exposição virtual “Imagens da Maré – Arte Cultura”

Muitas vezes, diante do caos cotidiano vindo das buzinas de motos, do carro do ovo passando na rua, das dezenas de músicas que saem das caixas de sons de nossos vizinhos e dos bares, quase deixamos passar batido as percepções de arte e cultura desse território chamado favela. A Maré é um universo sonoro complexo. Quando caminho por suas ruas e vielas, me surpreendo com a diversidade de sons, estilos, ritmos e melodias que formam paisagens sonoras maravilhosas e ricas. A Maré está em movimento. A Maré é cheia e nossa arte ecoa, brota na laje, na rua, na viela, na pista. A Maré tem cultura em sua veia, em todo seu território, da Feira da Teixeira ao baile do Parque União, do forró da praça ao Centro de Artes da Maré, no Museu da Maré a nossa história resiste. Assim digo no meu ato artístico e político “Pausa sem silêncio”: pausa para quem? Silêncio para quem? Aqui o silêncio nem nas madrugadas se faz presente. A arte na Maré grita por respeito, e luta para driblar as limitações que o Estado nos impõe. A Maré é um território complexo, cheio de caminhos e universos dinâmicos que se reinventam em seu cotidiano. Aqui a vida imita a arte e a arte imita a vida. Um lugar

cheio de saberes, culturas, vivências e experiências que estimulam a diversidade e a organização dos moradores na luta por arte, cultura e lazer. A Maré é potência!

Texto elaborado coletivamente entre os artistas sobre o tema arte e cultura na Maré.

Viviane Oliveira – Jornalista

Ricardo Xavier – Artista Visual

Christine Jones – Artista Visual

Roberto Franca – Músico

Jean Barreto – Fotógrafo

Francisco Valdean – Artista Visual

Curadoria: Francisco Valdean



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 185)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FRASE-POEMA-IMAGEM: FRANCISCO VALDEAN | 1



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 186)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FRASE-POEMA-IMAGEM: FRANCISCO VALDEAN | 2



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 187)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FRASE-POEMA-IMAGEM: FRANCISCO VALDEAN | 3



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 188)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTO: AF RODRIGUES | 4



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 189)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 POEMA-IMAGEM: FRANCISCO VALDEAN | FOTO: AF RODRIGUES | 5



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 190 E 191)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 FOTOS: FRANCISCO VALDEAN | 6



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 192 E 193)

FOTOJORNAL | MUSEU MIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: ELISÂNGELA LEITE | 7



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 194 E 195)

FOTOJORNAL | MUSEU MIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: FRANCISCO VALDEAN E ELISÂNGELA LEITE | 8



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 196 E 197)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTO: PAULO BARROS | 9



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 198)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTO: PAULO BARROS | 10



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 199)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: FRANCISCO VALDEAN | 11



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 200 E 201)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
AUTOR: RICARDO XAVIER | 12



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 202)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
AUTOR: RICARDO XAVIER | 13



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 203)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
AUTOR: RICARDO XAVIER | 14



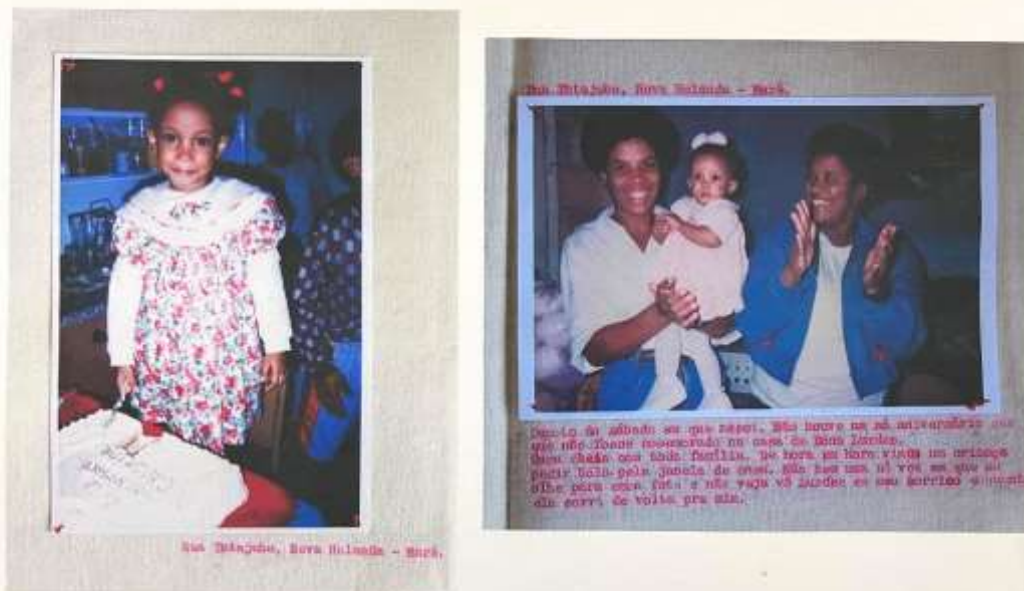
REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 204)

FOTOJORNAL | MUSEU MIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 AUTOR: FRANCISCO VALDEAN | 15



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 205)

FOTOJORNAL | MUSEU MIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 AUTORA: CHRISTINE JONES | 16



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 206 E
 207)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 208 E
209)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 210 E
211)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 FOTOS: FRANCISCO VALDEAN E ELISÂNGELA LEITE | 19



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 212 E 213)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 FOTOS: FRANCISCO VALDEAN | 20



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 214 E 215)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 FOTOS: ELISANGELA LEITE E FRANCISCO VALDEAN | 21



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 216 E 217)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
 FOTO: AF. RODRIGUES | 22



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 218)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: MATHEUS AFFONSO | 23



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 219)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: JEAN BARRETO | 24



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 220)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: MARCIA FARIAS | 25



*REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 221 E
222)*

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: FRANCISCO VALDEAN | 26



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 223)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
FOTOS: FRANCISCO VALDEAN | 27

















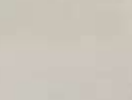



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGENS 224 E
225)

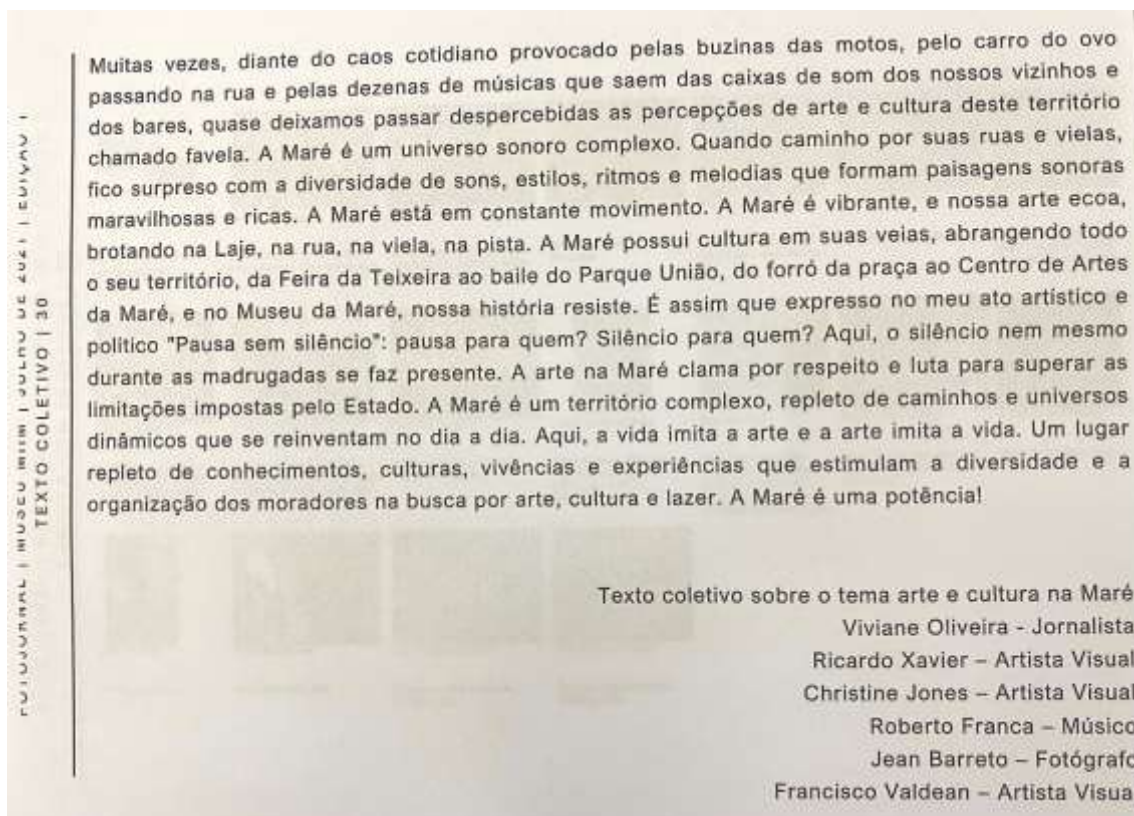
FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | JULHO DE 2021 | EDIÇÃO 1
CARTELA COM LEGENDAS | 28

						
Frasco-petra-imagem Francisco Valdez	Frasco-petra-imagem Francisco Valdez	Frasco-petra-imagem Francisco Valdez	Estrela - Poesia Visual Francisco Valdez	Laje - O espaço laje é usado em famílias no sistema para dar sua charretera para amigos, está no mesmo bairro de onde se acredita com margem para o público de público / em busca de segurança, está em relação com o público de público / a laje laje, é mais que uma possibilidade de sua nova estrutura, é o espaço que garante no trabalho e dentro no laje. Março, 2007.	Musical cultural pop , Março, 2007.	
						
Relevância. Corridinho novo Março, 2002.	Orla em que a Av. Brasil tem uma de honras em relação para obra de Transamérica.	Balada de competição no Rio E. Março, 2014.	Desportos. Mares do Trabalho. Março, 2006.	Exercício. A. Centro de Artes de Março, 2004.	Esportivo infantil "Beijo no céu" em 10 dias , Cha Marginal, Parque Esportivo (Jardim da Pedreira), Março, 2007.	
						
Esportivo infantil "Beijo no céu" em 10 dias, Cha Marginal, Parque Esportivo, Jardim da Pedreira, Março, 2007.	Para infantil "A Pedra de Cidreira" Linha Cultural de Março, 2006.	Rock Xorbe / Performance "Pano sem silêncio" / Palanga Laje - 2008-2011 - Tempo: 30 min e 49 seg. (Cruz IL).	Rock Xorbe / Performance "Pano sem silêncio" / Palanga Laje - 2008-2011 - Tempo: 30 min e 49 seg. (Cruz IL).	Rock Xorbe / Performance "Pano sem silêncio" / Palanga Laje - 2008-2011 - Tempo: 30 min e 49 seg. (Cruz IL).	Foto de aniversário no laje , Março, 2006.	Obra / Cláudio Jones (E. Movimento que me inspira e outro que eu tenho).

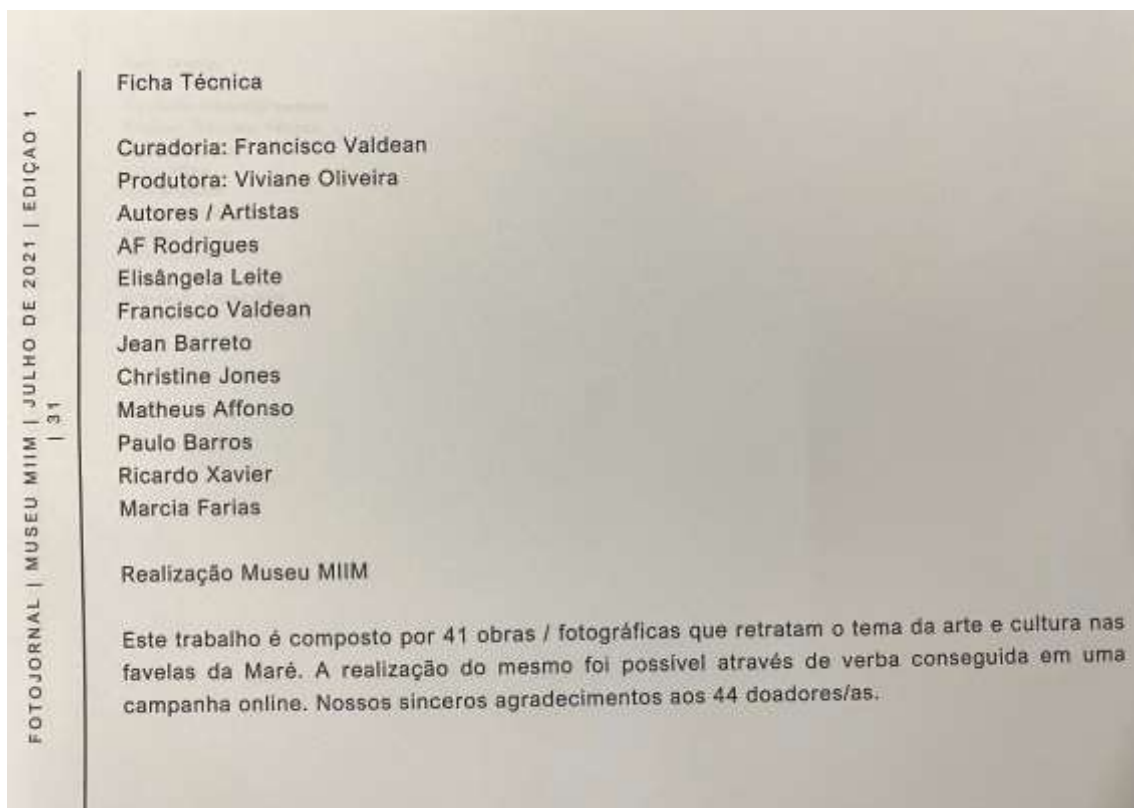
REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 226)

						
Obra / Cláudio Jones (E. Movimento que me inspira e outro que eu tenho).	1º Rock Est. Movimento de 2005 em um bairro de Cruz Capu e Agnes.	Rock e Companhia Voadora no Março de Março de Março / Colégio Bela Nova, Março, 2004.	Festa de praia do Parque União Março, 2009.	Banda Desconhecida Roque Clube, Linha Cultural de Março, 2007.	Banda Café Frio, Pôr do Sol , 2005.	Grupo "Drama Terno do Pro- fissional de concurso "Cantado e Pouca do Parque União, 2005.
						
Obra / Edinaga Leite que Marlene Albino em relação ao laje "Cruz de la Capela", Março, 2009.	Aproximação musical no Centro de Artes da Maré (Oléon Guimarães, Roberto Fozza, Ruth Sosa), 2005.	Balada Rock Pano, Tatuagem Palanga, Março, 2008.	Centro Escola Católica integrada por Marlene Albino para o EP "Poesia Visual".	Balada Silve é um trabalho musical, produção cultural (Banco e artistas do censo ambiente da região da Maré).	Grupo "Da vida Secretária" em apresentação na Linha Cultural da Maré, 2002.	Banda no Pôr do Sol , Março, 2005.
						
1º Rock Est. Março, 2005.	Bela Nova , Março, 2004.	Grupo Nova Rock, sound no Pôr do Sol, 2008.	Grupo No Laje, sound no Pôr do Sol, 2008.			

REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 227)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 228)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 229)

AF Rodrigues é formada em fotografia pela Escola de Fotógrafos Populares (2006). Graduada em Ciências Agrícolas pela UFRRJ e graduada em Geografia pela UFF. Tem um vasto trabalho de documentação fotográfica em favelas. Também atua como educador popular com atuações diversas neste campo.

Eliângela Leite é formada em fotografia pela Escola de Fotógrafos Populares (2007). É formada em Pedagogia na UERJ. Atuiu como fotógrafa do Jornal Maré e Notícias.

Francisco Valdean é o fundador do Museu MIM, pesquisador e artista visual. Doutorando pelo PPGARTES/UERJ. Mestre em Ciências Sociais pelo programa de Pós-graduação PPCIS-UERJ. Estudou fotografia na Escola de Fotógrafos Populares.

Jean Barreto criado no complexo da Maré, teve sua infância atravessada pelas artes do circo, teatro e a música, experiências que somam ao olhar fotográfico artístico. Tem como interesse a fotografia e educação. Fundador o coletivo Cabeçada. Em 2018 desenvolve oficinas de fotografia com celular para o ensino básico em Campos dos Goytacazes. No de 2020 participa da exposição "Retratos do cotidiano de uma cidade", no Sec Rio e também participa da exposição fotográfica "Retratos da Quarentena", promovido pela Associação de Imprensa Campista. No ano de 2021 participa do Laboratório de Imagens, projeto fruto de uma parceria entre o Imagens do Povo e Instituto Moreira Salles.

Cristina Jones é cria da Maré. Professora de educação física, arte educadora e artista visual. Considera a fotografia como um encontro dela com ela mesma. Observar e refletir o cotidiano favelado através da fotografia faz com que se sinta aproximado de suas origens, tornando-as presentes em mim e em todos os lugares que ocupa. A artista apresenta 2 cenas do seu projeto artístico "Memórias que me contam e outras que eu invento".

Mathous Afonso é bissexual e favelado. Mareense nascido e criado na Nova Holanda. É ator, fotógrafo, designer gráfico, ilustrador, produtor cultural e ativista LGBTQIA+ e comunicador visual. Suas práticas são atravessadas pelas questões pertinentes a população LGBTQIA+ da favela.

Paulo Barros é formado pela Escola de Fotógrafos Populares (2009) e pelo Curso de Formação em Educadores da Fotografia (2010). Integrante do Coletivo Multimídia Favela em Foco. De 2011 a 2013, ministrou oficinas de fotografia no Ponto de Cultura Porto Aberto à Memória Viva, que funciona dentro da companhia Ensêlo Aberto na Zona Portuária do Rio. De novembro de 2014 a Janeiro de 2017 integrou o quadro de fotógrafos da OS Viva Rio e do projeto Viva Favela. Participa em 2012 dos livros "Imagens do Povo" e "Nos" 2015 e "Amaro da Maré" 2016.

Ricardo Xavier é cria e Morador da Favela da Maré, tem 25 anos, artista preto, gay, favelado e candombicista. Atualmente é bailarino na Cia Lia Rodrigues e danças, formado pelo curso de Políticas Sociais e pela escola Livre de dança da Maré. Graduado do curso de Licenciatura em dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua na área de educação, mobilizador e discute sobre questões étnico-raciais, militante e ativista pelos direitos do povo preto, favelado LGBTQIA+. Atualmente une forças para colocar o objetivo Papo de laje em prática junto com colaboradoras que são crias de favela. Na exposição apresenta cenas da performance "Pausa sem Silêncio", 2020-2021 - / Tempo: 30 min e 49 seg.

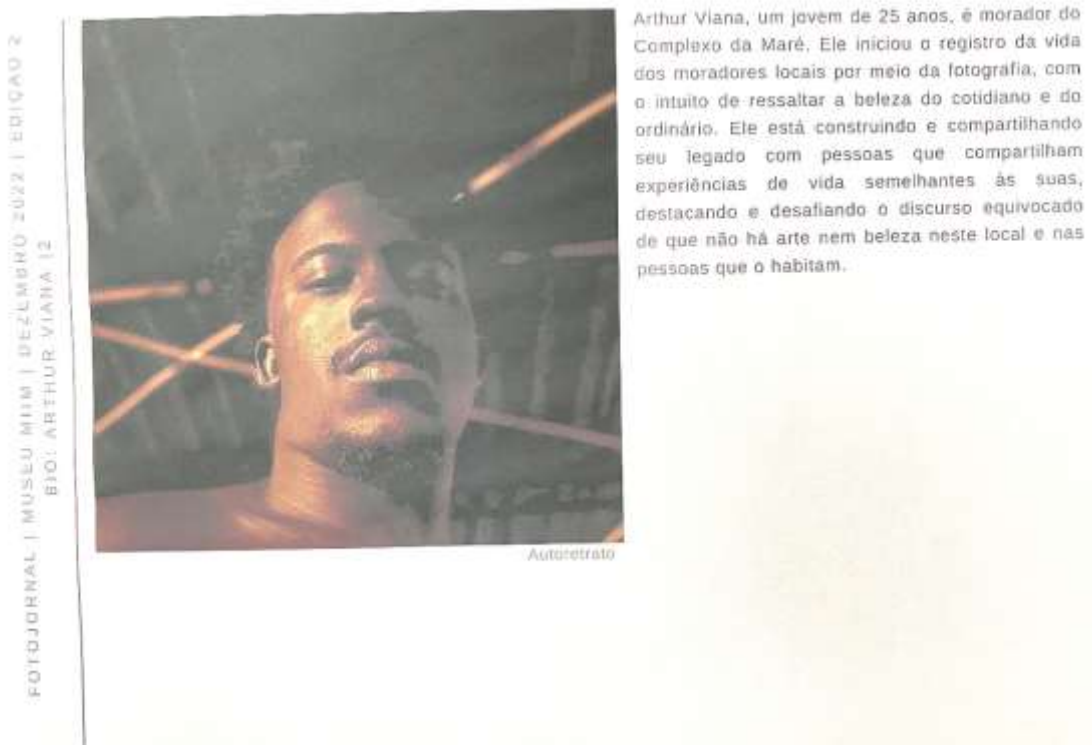
Marcia Farles é graduanda em Ciências Sociais - UFRJ. Fotógrafa formada pela Escola de Fotógrafos Populares em 2009. Trabalhou como fotógrafa e responsável pela indexação, tratamento e arquivo de imagens da instituição Viva Rio de 2009 a 2011. Participou das exposições coletivas: A Maré do seu Tom (2007) Capadures de Sonhos (2009), Viva Favela 10 Anos (2011). Ministrou aulas de fotografias para o projeto Wãmapas e Curta Favela em 2010. Faz assistência para fotógrafo Thiago Barros. A fotógrafa participa da mostra com duas fotografias da temática do funk.

REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 1, 2021 (IMAGEM 230)

3.7 Fotojornal edição 2 – A cultura da Fotografia na Maré



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 231)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 232)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO, 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: ARTHUR VIANA | 3



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 233)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO, 2022 | EDIÇÃO 2
BIO: JOSÉ BISMARCK | 4



Foto: Alan Berigato

Formei-me em técnico audiovisual pela ETEAB e integrei o corpo de profissionais de edição audiovisual no EDT-RJ. Atualmente, trabalho como fotógrafo no Museu da Maré e faço parte do arquivo Dona Orosina Vieira. Meu interesse pela fotografia despertou durante o curso técnico na FAETEC, após compreender o funcionamento de todas as áreas do audiovisual. Desde a infância, sonhava em trabalhar na televisão, influenciado pelo esporte, e queria produzir filmes, documentários e fotos para jornais.

Com uma grande paixão pelo esporte, especialmente pelo futebol, que é uma paixão nacional, sempre me interessei pelos bastidores. Assistia à televisão e observava os profissionais trabalhando, o que despertava minha curiosidade sobre como era nos bastidores. Ver a foto do time campeão ao passar por uma banca de jornal sempre me emocionava.

Meu interesse pela fotografia na Maré é motivado pela consciência de que somos uma potência no esporte, com campos, quadras e becos repletos de talento em nossa favela. Registrar o movimento das pessoas jogando bola na rua é imaginar que, daqui a alguns anos, alguns deles podem se tornar grandes revelações no esporte.

REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 234)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: JOSÉ BISMARCK | 5



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 235)

BIO: VITÓRIA CORREIA | 6



Foto: Ramon Velasco

Vitória Corrêa é uma moradora do conjunto de favelas da Maré. Atualmente, trabalha como indexadora de imagens, sendo responsável pelo acervo digital do Programa Imagens do Povo, onde também desempenha o papel de comunicadora nas mídias digitais. Em 2019, concluiu sua formação em fotografia e tratamento de imagens pelo Senac Rio e, em 2022, obteve sua formação na Escola de Fotografia Popular do Observatório de Favelas. Ela teve a oportunidade de participar da projeção mapeada "Pedagogia do Olhar" no Festival Paraty em Foco, que ocorreu no Sesc Paraty, bem como da exposição coletiva "Imagens Populares" realizada na Galeria 535, na Maré. O tema central de seu trabalho artístico é a infância na favela.

REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 236)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: VITÓRIA CORRÊIA | 7



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 237)

Kamila Camillo é uma moradora da Maré que iniciou seu envolvimento com a fotografia de eventos na Igreja aos 14 anos, registrando inicialmente eventos católicos. Desde então, sua trajetória tem sido marcada por diversos processos, mas ela nunca parou de fotografar. Além de sua formação em psicologia, Kamila frequentou a Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) do Observatório de Favelas e a Escola de Cinema Olhares da Maré, ligada às Redes da Maré. Ela também participou de projetos do coletivo de fotografia Imagens do Povo. Em 2018, em parceria com Matheus Affonso, produziu uma série fotográfica destacando casais LGBTQIA+. Em homenagem ao mês das crianças, criou a série "Crianças do Tijolinho". Kamila também faz parte do projeto Mulheres Gordas de Favelas, que surgiu a partir de uma análise crítica dos estereótipos e estigmas sociais. O objetivo principal desse projeto é promover o empoderamento e a autoestima de corpos femininos gordos e favelados por meio da fotografia, registrando o cotidiano dessas mulheres. Em 2020, ela participou das exposições coletivas "Elá" e "Das Candongas". Em 2022, recebeu o Prêmio Inspirar do Instituto Neenergia, na categoria de voto popular.¹



Foto: Douglas Lopes

Nesta edição do FOTOJORNAL, gostaríamos de destacar a série fotográfica "Mulheres do Tijolinho", um projeto que nasceu do olhar sensível e do interesse da artista pelas mulheres da localidade conhecida como Tijolinho. Este ensaio representa um estudo antropológico e afetivo realizado por Kamila. O Tijolinho é uma parte da favela Nova Holanda, uma região frequentemente estigmatizada. Como observou a curadora Camila Agrade: "A estética deste trabalho abrange as realidades estéticas de oito mulheres e reflete suas interações diárias, destacando as sutilezas e profundidades de como essas mulheres desejam ser vistas pelo mundo". Em 2022, a artista apresentou essa série por meio de uma exposição fotográfica em dois locais: na Casa das Mulheres, na Maré, e na Câmara dos Vereadores, onde também recebeu uma moção honrosa da vereadora Mônica Benício.

REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 238)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 239)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: KAMILA CAMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 10



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 240)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: KAMILA CAMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 11



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 241)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: KAMILA CAMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 12



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 242)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: KAMILA CAMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 13



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 243)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: KAMILA CAMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 14



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 244)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
FOTO: KAMILA CAMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 15



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 245)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
 FOTO: KAMILA CÂMILLO - ENSAIO "MULHERES DO TIJOLINHO" | 16



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 246)

FOTOJORNAL | MUSEU MIIM | DEZEMBRO 2022 | EDIÇÃO 2
 TEXTO ROSILENE MILIOTTI | 17

Reapresentações fotográficas da Maré ontem e hoje

Por Rosilene Miliotti*

Revisitar registros fotográficos produzidos por fotógrafos majoritariamente homens, de diferentes épocas, nos apresenta uma Maré que parece que não mudou muito. Claro que no início, nos anos 60 e 70, estamos falando da construção desse lugar, da chegada e "despejo" de pessoas vindas de muitas regiões do país. Grandes mutirões, obras, tijolos, imagens que evidenciam a arquitetura, a falta de infraestrutura, saneamento e esgoto, inaugurações, eventos públicos, a rua e a solidariedade.

Quando digo que não mudou muito, falo das imagens produzidas por olhares externos que buscavam o exótico da arquitetura favelada, o contraste de muitas casas ainda sem revestimento e outras com fachada bem decoradas e coloridas - para alguns: o inferno colorido.

De lá para cá, 50 anos se vão e talvez o que tenha mudado, no quesito produção fotográfica, seja o acesso a equipamentos, qualidade, quantidade e quem agora produz essas imagens. Assim como no mundo, produzimos muito mais imagens do cotidiano do que antes. Cada instante é registrado por nós, moradores e moradoras, sem precisar de tantos interlocutores para legitimar nossas ações. Somos fotógrafos e fotógrafas, contadores e contadoras de nossas histórias - o famoso "nós por nós".

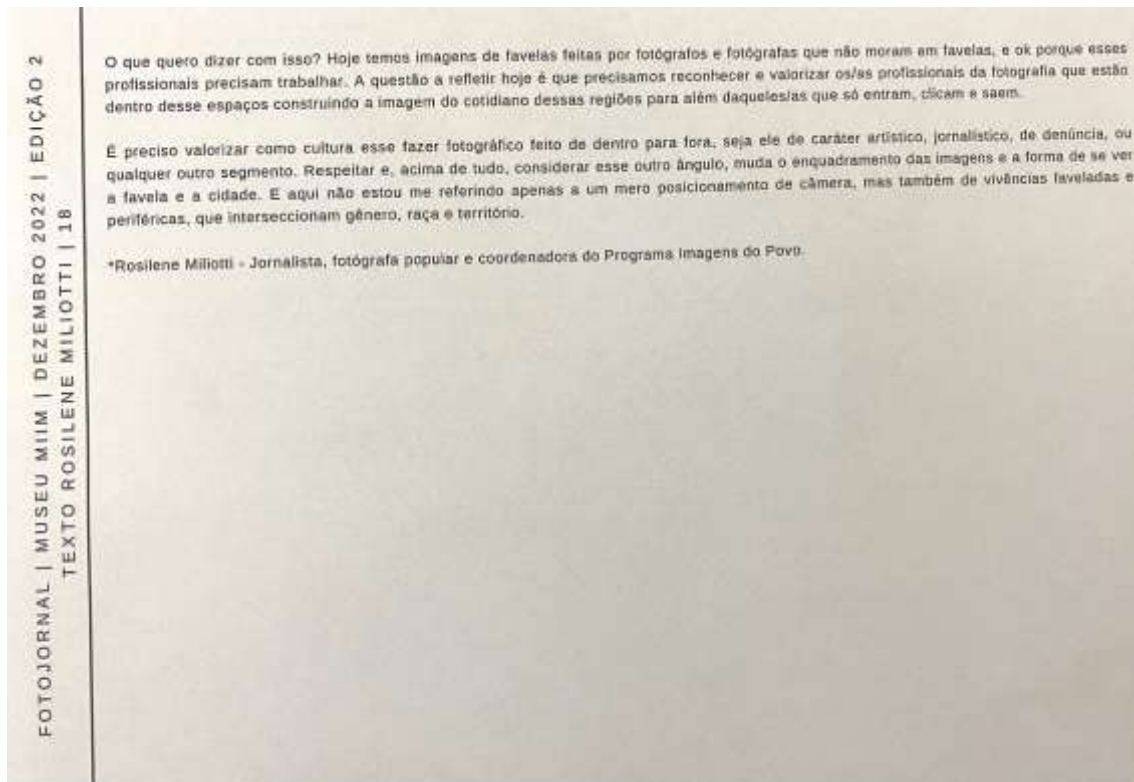
De dentro para fora

Até pouco tempo, em buscas por imagens da Maré em sites como Google, era possível encontrar apenas registros feitos por fotógrafos e fotógrafas de fora do território que entravam, clicavam e iam embora. Registravam imagens com o olhar de fora para dentro, de cima para baixo, cenas de corpos dilacerados e ensanguentados, muita violência e em geral de operações policiais, sempre entrando na favela atrás de rabecão (carro da Defesa Civil). Cenas que não eram mentirosas, mas que retratavam somente uma parte da vida periférica.

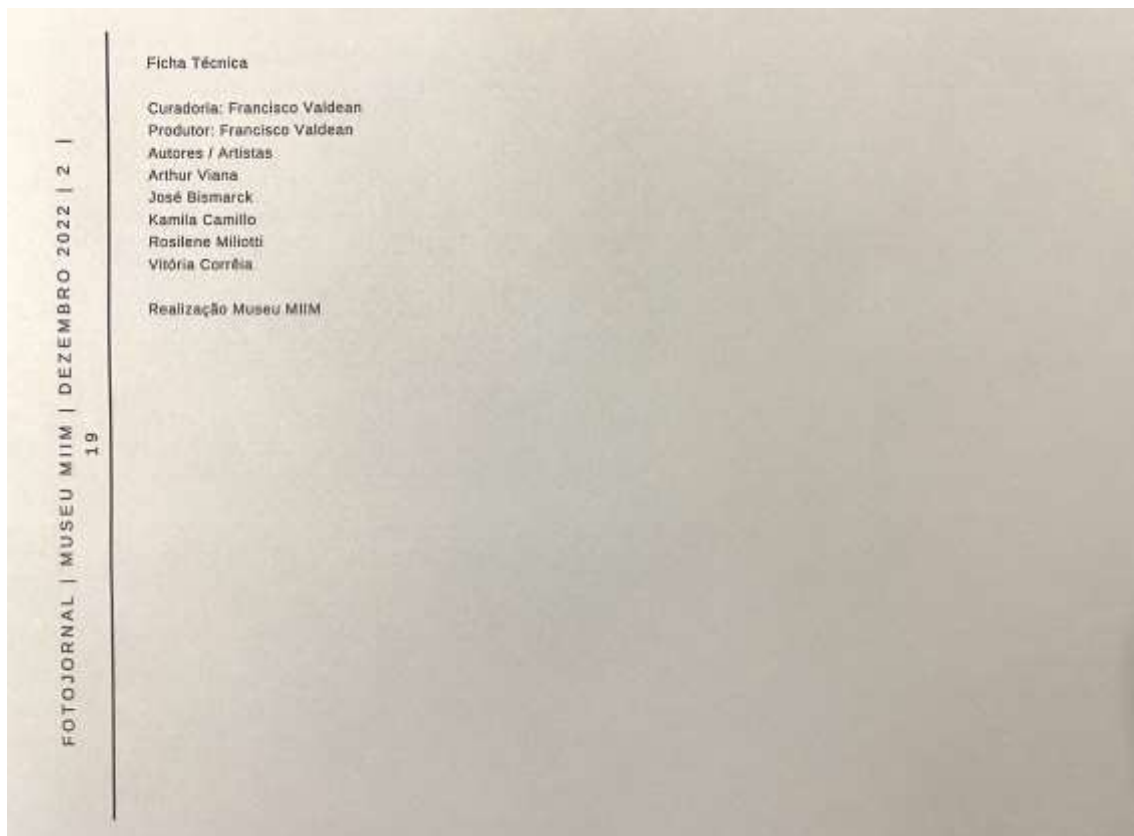
Aqui é preciso ressaltar que sempre existiu a figura do fotógrafo de casamentos, de festas de aniversários, formaturas e que fotografava as crianças nas escolhinhas dentro das favelas. Mas não o fotógrafo. O reconhecimento desse profissional só foi possível a partir da Escola de Fotógrafos Populares da Maré, criada em 2004 - hoje nomeada de Escola de Fotografia Popular, criada pelo Observatório de Favelas, a partir do Programa Imagens do Povo, e do fotógrafo João Roberto Ripper. E mesmo assim não foi fácil deixar de sermos considerados "os meninos da favela que fotografam" ou "os meninos do projeto de fotografia". A cada trabalho era preciso provar que sabíamos o que estávamos fazendo.

O que acontecia em boa parte das favelas das grandes cidades até pouco tempo, é o que ocorre com fotógrafos e fotógrafas indígenas e quilombolas que lutam pelo reconhecimento de seus trabalhos no Cerrado e na Amazônia, por exemplo. Faça um teste. Faça uma busca no Google imagens: "Cerrado" - veja o que aparece. Majoritariamente, as fotos são aéreas, de áreas desmatadas e queimadas, de árvores tortas (típicas deste bioma), de plantações de soja e as fotos não tem pessoas. Essa simples busca mostra essa região do país como se fosse uma área inabitada. Será que não há produção fotográfica a partir do chão? Das comunidades? Feitas de dentro para fora de aldeias, quilombos ou comunidades rurais do cerrado? Não há denúncia ou arte produzida por quem vive lá?

REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 247)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 248)



REPRODUÇÃO DO FOTOJORNAL, EDIÇÃO 2, 2022 (IMAGEM 249)

3.8 Ensaio fotoetnográfico⁵⁶ – “Coisas na Maré que lembram o MIIM”



KOMBI DO OVO, 07/09/2019 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 250)

A Kombi do ovo fala. Ela diz assim:
“É graúvão! É graúvão! É graúvão!
Ovos branquinhos. Ovos graúdos.
Ovos seleccionados. 30 ovos por 10 reais. A galinha chorou!

⁵⁶ Tomo emprestado o conceito “Fotoetnografia” cunhado por Achutti (2000).



BIBLIOTECA DE CAIXOTE, 19/07/2022 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 251)

Na sala sempre carente do diálogo essencial encontro um lugar especial para Van Gogh sofrendo em seu Autorretrato com orelha cortada. Na biblioteca sinto a terna presença do meu pai quando fixo O pai do artista lendo, de Cézanne. Sei

que as traças irão devorar os livros e o amanhã, mas na sua memória guardarei o gesto e o olhar. Restando-me restia de tempo nublado e sem fim, procuro ler e descobrir em mim uma saída possível (Gadelha, 2022, p. 111).



PISCINÃO DE RAMOS, 23/05/2022 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 252)

Em 23 de maio de 2022 fiz uma visita ao amigo Jean Barreto, um jovem fotógrafo, professor e pesquisador das imagens da favela Roquete Pinto, favela de onde é cria. Minha ida naquela favela era inteiramente mediada pela

fotografia. Planejava juntamente com Jean uma atividade na região com alunos da Escola de Fotografia Popular. Visitamos algumas ruas da favela Roquete Pinto e o Piscinão de Ramos, local onde executamos uma aula pública chamada de “Saída fotográfica.

Palafitas

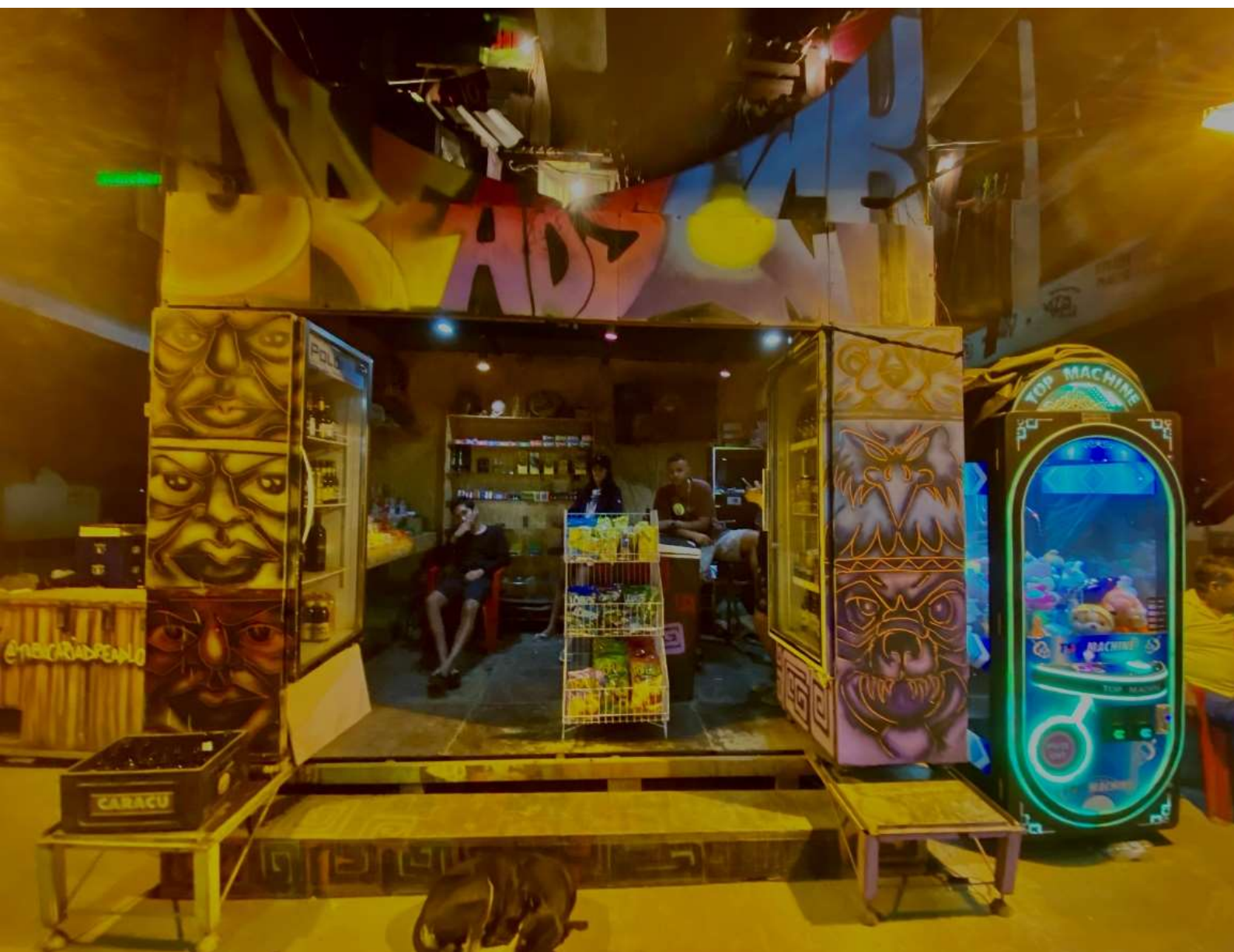


Painel com imagens das palafitas⁵⁷ da Maré instaladas no Piscinão de Ramos, iniciativa de um grupo de moradores locais. FOTO: FRANCISCO VALDEAN – 28/05/2022 (IMAGEM 253)



BAR DA AMPARO, 15/06/2022 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 254)

⁵⁷ As palafitas da Maré eram moradias feitas em barracos de madeira sobre as águas que banhavam regiões como a Baixa do Sapateiro (SANTOS, 2022, p. 128). Não há registros de que essas moradias tenham existido em áreas como o Piscinão, local em que encontrei o painel com as imagens.



TABACARIA, PONTILHÃO, 21/07/2022 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN
(IMAGEM 255)



BHEGA SILVA MONTANDO O CINEMINHA NO BECO, 26/11/2022 – FOTO:
FRANCISCO VALDEAN (**IMAGEM 256**)

Em 26 de novembro, o artista Bhega Silva a meu convite realiza uma exibição de filmes infantis na Galeria do Museu MIIM, Rua 7 da Vila do João, Maré.



BHEGA SILVA E SUA BICICLETA, 10/12/2022 – FOTO: FRANCISCO VALDEAN (IMAGEM 257)

Bhega circula por toda as favelas da Maré realizando anúncios, em geral, essa forma de anunciar, é feito por carros de som, o artistas utiliza uma bicicleta adaptada. Na bicicleta de Bhega é anunciado de tudo, desde supermercados até campanhas de eventos artísticos e culturais das ONGs locais.

3.9 Ensaio Fotoetnográfico – “Rascunho visual de uma performance incompleta”

Neste ensaio, experimento a produção da auto-representação, sendo eu mesmo o personagem retratado. Coloco-me no papel ambíguo do indivíduo que produz as imagens, embora nem sempre seja o autor delas, exército também a autoria compartilhada, neste exercícios livre onde tenho compromisso apenas com a fruição, experimentos o método, mesmo que de forma invertida do fotógrafo brasileiro João Roberto Ripper que pratica a fotografia compartilhada por meio de sua pedagogia do “Bem-Querer”, como descreve o professor Dante Gastaldoni em artigo da revista “A fotografia Popular por ela mesma”:

A pedagogia adotada nas oficinas Fotografia do Bem-Querer também reflete o empenho de Ripper em garantir que as pessoas fotografadas possam exercer um poder maior sobre os registros fotográficos de suas vidas (GASTALDONI, 2022, p. 18).

Quis explorar essa dinâmica, resultando em um trabalho ensaiado, dirigido e incompleto, um “fracasso” por não ter executado este estudo na forma como o seu planejamento inicial desenhado. A série fotográfica representa uma inversão de papéis: após fotografar outras pessoas na Maré por quase 20 anos, desejei experimentar a sensação de ser fotografado, mesmo sendo, em muitas ocasiões, o diretor ou orientador das imagens captadas.

De maneira geral, o trabalho envolve pedir a pessoas próximas que me fotografem em contextos do meu cotidiano na Maré. O recorte de imagens aqui apresentadas foi capturado por familiares, incluindo minha companheira, Viviane, e minha mãe, Maria. Trata-se de um rascunho, pois ainda é um projeto em andamento em termos de execução e de reflexão. É o registro de uma performance incompleta, aguardando sua realização plena.

Recentemente, a antiga inveja do artista entre os antropólogos inverteu sua orientação: uma nova inveja do etnógrafo consome muitos artistas e críticos. Se os antropólogos queriam explorar o modelo textual na interpretação cultural, esses artistas e críticos aspiram a um trabalho de campo em que a teoria e a prática pareçam conciliadas. Em geral, recorrem indiretamente aos

princípios básicos da tradição do observador-participante, entre os quais Clifford nota um foco crítico numa instituição específica e num tempo narrativo que favorece “o presente etnográfico”. (FOSTER, ano, p, 180).

IMAGEM 258: simulo uma *brincadeira* com bolas de festa encontradas em rua da Baixa do Sapateiro. **IMAGEM 259:** experimento a sensação de ter o corpo iluminado por luzes pisca-pisca da árvore de Natal de minha casa. **IMAGEM 260:** pedi para ser fotografado com minha mãe em sua festa de aniversário de 62 anos. Uma situação banal experimentada inúmeras vezes e aqui repetida para o propósito deste ensaio experimental. **IMAGEM 261:** eu no salão cortando o cabelo. No momento em que solicito que minha mãe me fotografe, os rapazes A e J se posicionam para também aparecer em meu experimento fotográfico performático comigo.



IMAGEM 258



IMAGEM 259

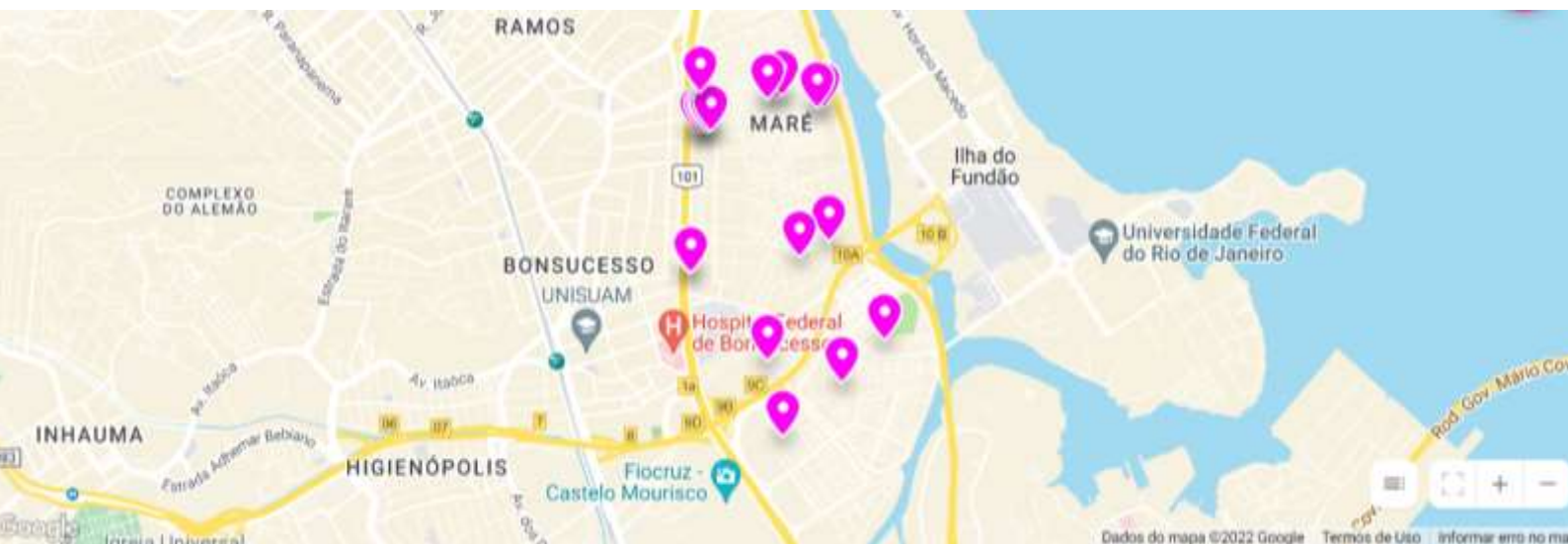


IMAGEM 260



IMAGEM 261

3.10 Diário virtual⁵⁸ – Inventário dos nomes de lugares por onde o Museu MIIM andou na Maré



MAPA DA MARÉ COM O PERCURSO POR ONDE O MUSEU MIIM FOI APRESENTADO (IMAGEM 262)

Churrasco em laje de casa da Vila do João, Rua 12. Churrasco em travessa da Vila dos Pinheiros. Bar do Capitão. Conjunto Bento Ribeiro Dantas. Escola Bahia. Escola João Borges de Moares. Escola Paulo Freire. Rua Capitão Carlos. CIEP Gustavo Capanema. EDI Kelita. Rua Luis Ferreira. Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré). Redes da Maré. Observatório de Favelas. Rua 7 na Vila do João. Casa de Sara Alves. Museu da Maré. Pontilhão Cultural. Rua Praia de Inhaúma. Tabacaria Dreadlocks. Rua Oliveira, bar de minha mãe, Baixa do Sapateiro. Rua Sargento Silva Numes. Projeto Mão na Lata. Biblioteca Lima Barreto. EDI Professora Cleia Santos de Oliveira, Nova Holanda. Rua 3, Nova Holanda. Galpão Bela Maré. Rua Bittencourt Sampaio. Comitê de Campanha do Lula. Espaço Normal. Ginásio Carioca Olimpíadas Rio 2016. Rua Guilherme Maxwell. Rua Teixeira Ribeiro.

Churrasco na laje de uma casa na Vila do João, Rua 12. Churrasco em uma travessa na Vila dos Pinheiros. Bar do Capitão. Conjunto Bento Ribeiro Dantas. Escola

⁵⁸ Disponível em: <https://padlet.com/museumiim/di-rio-virtual-do-museu-miim-zmc5oxoeywm5jezf>.

Bahia. Escola João Borges de Moares. Escola Paulo Freire. Rua Capitão Carlos. CIEP Gustavo Capanema. Escola infantil EDI Kelita. Rua Luís Ferreira. Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré). Redes da Maré. Observatório de Favelas, Rua Teixeira Ribeiro. Rua 7 na Vila do João. Casa de Sara Alves. Museu da Maré. Pontilhão Cultural. Rua Praia de Inhaúma. Tabacaria Dreadlocks. Rua Oliveira, bar da minha mãe, Baixa do Sapateiro. Rua Sargento Silva Nunes. Projeto Mão na Lata. Biblioteca Lima Barreto. Escola infantil EDI Professora Cleia Santos de Oliveira, Nova Holanda. Rua 3. Galpão Bela Maré e Comitê de Campanha do Lula ambos na Rua Bittencourt Sampaio. Espaço Normal. Ginásio Carioca das Olimpíadas Rio 2016. Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, Rua Luís Ferreira, a primeira rua da Maré.

COMENTÁRIOS FINAIS

O projeto de pesquisa do MIIM é uma proposta de um museu de artista que tem a caixa de papelão como símbolo, um objeto ativador de imaginários e dispositivo arquivístico das coleções fotográficas inventariadas no contexto de um estudo em arte. Esta pesquisa se propõe a refletir sobre a política das imagens geradas sobre a Maré e como os membros (artistas e moradores em geral) destas favelas reagem recusando as imagens produzidas sobre si, e, assim, propõem a produção de outras imagens que possam contemplar as reivindicações por representação a partir dos olhares endógenos.

A caixa é entendida como um elemento simbólico que representa o museu e como um dispositivo no qual as curadorias são organizadas. Os trabalhos se originam no Acervo Histórico-Poético das Imagens da Maré, o acervo do MIIM onde são organizadas todas as imagens geradas e acessadas a partir do processo de pesquisa e das ações artísticas, culturais e educativas no contexto do estudo. O processo de curadoria dos itens organizados nas caixas é chamado de expografia.

A Caixa 1 do projeto é o elemento arquivístico que gerou a primeira pulsação de vida do MIIM, enquanto a Caixa 2 surge em um momento de maior amadurecimento do percurso do estudo e condensa a pesquisa exclusivamente para o objeto do volume de imagens e textos elaborados nesta tese.

As caixas do MIIM são organizadas e lançadas como uma série, sendo a Caixa 1 a primeira, composta pelas coleções de negativos, imagens fotográficas de álbuns familiares e de quatro monóculos acessados na “caixa de sapatos” de Dona Dora e José Batista, além da minha caixa de sapatos particular. Já na Caixa 2 apresento uma expografia que inclui oito itens, organizados em caixas menores dentro da principal. Este dispositivo do MIIM está equipado com um aparelho de projeção que se converte em uma mini sala de cinema. No processo de concepção desta caixa surgiu a elaboração conceitual da Ação Poética “Imagens de Contato”, que consiste na sistematização da organização de coleções de imagens colocadas em contato com o público. O resultado esperado é que essas imagens possam atuar como agentes de narração de histórias,

memórias e experiências relacionadas ao contato que o visitante tem com as imagens das favelas da Maré.

Na expografia da Caixa 2 são reunidos os materiais visuais resultantes dos dois gestos principais que constituem o estudo: curadorias de coleções de imagens e as Ações Poéticas realizadas a partir do museu-caixa. As coleções são acessadas e formadas por meio de projetos de exposições, festivais, feiras e auto publicações. Já as ações artísticas ocorrem por meio de performances, instalações e, principalmente, pela ação “Imagens de Contato”. Geralmente, essa ação requer a minha presença como artista, que tem uma função de narrador e mediador das imagens propostas na ação. Por essa condição é intitulada como uma performance.

No mês de março de 2023, momento em que este estudo da Caixa 2 do MIIM foi apresentado perante uma banca de meu doutoramento, havia outras seis caixas em construção, numeradas de 3 a 8. A Caixa 3 é um projeto que será desenvolvido ao longo de 2023; o trabalho será uma aquisição da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles em São Paulo, com previsão de conclusão em agosto, quando a caixa será disponibilizada ao público nesta que é a maior biblioteca de fotografia contemporânea da América Latina. As Caixas 4, 5, 6 e 7 serão exibidas na exposição “Ensaio para o Museu das Origens”, com previsão de inauguração em setembro de 2023 no Itaú Cultural, também na cidade de São Paulo. A Caixa 8 será construída para ser apresentada em Edimburgo, capital da Escócia, durante o Festival Fringe, evento de arte que ocorre naquela cidade durante o mês de agosto.

O MIIM surge em 2019 como parte das atividades de pesquisa do meu doutorado, uma proposta de abordagem poética das Imagens da Maré, organizadas a partir do processo que venho investigando desde o início dos anos 2000. Meu interesse pelo tema “Imagens da Maré” começou a ser sistematizado quando me tornei fotógrafo popular, em 2004, após participar de um curso na Escola de Fotógrafos Populares, um projeto de formação em fotografia que faz parte das iniciativas do programa Imagens do Povo, desenvolvido na Maré pelo Observatório de Favelas.

Durante as experimentações deste estudo cheguei à caixa de papelão, símbolo do MIIM. Essa prática de utilizar caixas para armazenar coleções de imagens me levou à descoberta da existência de centenas de museus fotográficos nas casas dos moradores da Maré, organizados em “caixas de sapato” — arquivos domésticos e particulares que preservam uma parcela significativa da memória e da história visual do maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

As experimentações com a caixa, realizadas em bares, igrejas e ruas da Maré, funcionam como uma prática de pesquisa orgânica, na qual o contato com o público enriquece e sugere novos olhares sempre que a caixa do MIIM é disponibilizada. Outro elemento crucial do projeto é o fato de que o contato da caixa com o público atua como um ativador do imaginário, tornando as pessoas expectadores participantes. Essa possibilidade de pesquisa é instaurada pela Ação Poética “Imagens de Contato”, por meio da qual faço a curadoria de coleções de imagens e as disponibilizo para os visitantes, seja em formato de projeções, exposições, aulas ou palestras. O contato é gerador de conversas sobre memória, história e a percepção sobre a Maré, que são sistematizadas nas folhas de estudos, nos fotobiografemas e nos biografemas — elementos visuais e textuais constituintes de uma etnografia do Museu MIIM. De modo geral, o que se busca debater e refletir no estudo é a política das imagens construída sobre este grande bairro popular urbano, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, e os métodos utilizados pelos moradores para construir outras imagens do lugar e, conseqüentemente, de si.

REFERÊNCIAS

ABREU, Leandro Pimentel. *O inventário como tática: a fotografia e a poética das coleções*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Tomo Editorial, 2004.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *O camponês e a fotografia*. Revista de Sociologia e Política, n. 26, p. 31-39, jun. 2006.

BENJAMIM, Walter. Rua de mão única. In: BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1995. v. 2.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. In: BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1996. v.1.

CARTIER-BRESSON, Henri. *O imaginário segundo a natureza*. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

CAMPANY, David; HACKING, Juliet. *Tudo sobre fotografia*. Tradução: GMT Editores. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

COSTA, Luiz Cláudio da. *A condição precária da arte: corpo e imagem no século XXI*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

DIAS, Aline. *O trabalho com(o) fracasso*. Florianópolis: Corpo, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Tradução: Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Revista Pós*, v. 2, n. 4, p. 206-219, 2012.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2013.

FERNANDES, Rubens Junior. Processos de Criação na Fotografia – apontamentos para o entendimento dos valores e das variáveis da produção fotográfica. *FACOM*, n.16, p. 10-19, jul. 2006.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. *A museologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

KLEON, Austin. *Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013 (Coleção Pitch Deck).

SERRA, Richard. *Richard Serra: desenhos na casa da Gávea*. São Paulo: IMS, 2014.

SANTOS, Francisco Valdean. *Imagens da Maré: narrações fotográficas da favela*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SONTAG, Susan. *On photography*. Nova York: Penguin, 2008.

TALBOT, William Henry Fox. *O lápis da natureza*. Tradução: Fabio Giorgi. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2019.

VASQUEZ, Pedro Karp. *O uso criativo de acervos fotográficos*. Caderno de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte (org). Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

FOSTER, Hal. *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.